

Paisagem vinhateira da Baía de São Lourenço, Ilha de Santa Maria, Açores. Um contributo para a sua defesa e valorização.

Manuel Correia Amorim
Mestrado em Arquitetura Paisagista
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território
2022

Orientadora
Teresa Portela Marques, Professora Auxiliar
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

Coorientadora
Isabel Soares de Albergaria,
CHAM-A/ Universidade dos Açores

Supervisora
Joana Borges Coutinho, Fundadora e CEO
Sustain Azores

U.PORTO

FACULDADE DE CIÊNCIAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Todas as correções determinadas pelo júri, e só essas, foram efetuadas.

O Presidente do Júri,

Porto, _____/_____/_____

Agradecimentos

A redação e apresentação deste relatório traduz um desafio pessoal, mas conta com acompanhamento, ajuda e conhecimento de pessoas que fizeram parte da construção deste trabalho, aos quais dedico algumas palavras de agradecimento.

Ao João Raposo e Maria Lima, colegas da Universidade dos Açores; Marta Medeiros e Rita Gago da Câmara, da SRAAC, por facultarem o seu apoio, informações e esclarecimento de dúvidas.

A todos os professores, pelos conhecimentos transmitidos ao longo destes anos e por acreditarem na possibilidade de estagiar na minha região.

Ao Engenheiro Duarte Moreira da Associação Agrícola de Santa Maria e da Agromariensecoop pela disponibilização do local para desenvolver este relatório.

À Engenheira Joana Borges Coutinho agradeço a oportunidade de estagiar na Sustain Azores e de me ter recebido como um membro da equipa, e ainda pela motivação e entusiamo que manifesta na sua prática profissional.

À Rosa Baptista Sousa por todo o apoio, amizade, conselhos e acolhimento durante todo este percurso.

À Professora Isabel Soares de Albergaria pelos conselhos e todo o conhecimento sobre cultura, património e paisagem.

À minha orientadora FCUP, a Professora Teresa Portela Marques, que apesar de momentos atribulados, mantem a paixão pelo que faz, garante a transmissão de conhecimentos e o bom acompanhamento e comentários construtivos com um “olhar exterior” que completa o “olhar de dentro”.

Às amizades que a vida académica me proporcionou: Carina, Sílvia, Fabiana, Sofia, Gi e Carolina; Bárbara, Daniela, Nathalie, Andreina e Inês, companheiras de todas as aventuras, dificuldades e conquistas.

À minha família, pais e irmãos, por todas as oportunidades, disponibilidade e acompanhamento ao longo de todos estes anos.

A Santa Maria e aos marienses.

Resumo

A paisagem vinhateira de São Lourenço na Ilha de Santa Maria no arquipélago dos Açores constitui um património ligado à memória da colonização e do seu ordenamento territorial, respondendo às necessidades de produção e otimizando a ocupação e uso do solo. Localizado no litoral nordeste da ilha, este anfiteatro voltado para o mar apresenta uma organização peculiar entre uma estrutura verde ao longo da cumeada e, ao descer da encosta declivosa, um tapete reticulado de quartéis de vinha em socalcos até finalmente chegar a uma cota mais baixa, onde se concentram as atuais habitações, terminando ao nível das águas do mar com uma praia sazonal. Esta paisagem reflete o passar dos tempos e as formas de viver e estar das suas gentes, traduzindo-se em mudanças sociais, demográficas, económicas, que conduziram e conduzem às alterações deste lugar.

A paisagem de São Lourenço apresenta especial interesse tanto pelos valores de foro natural, como cultural. A sua valorização, considerando as características naturais e a cultura da vinha como justificação da sua génese, implica a integração e conhecimento dos demais elementos que a compõem, assim como dos seus valores.

Assim, este trabalho, explora a identidade da paisagem da Baía de São Lourenço, expondo o seu carácter e valores e, com isto, espera contribuir para aumentar o interesse neste património e justificar a sua classificação e recuperação. Posto isto, o desenvolvimento de estratégias e ações para essa recuperação também poderá ter em conta o aqui apresentado, de modo a preservar os valores naturais e culturais presentes nesta paisagem.

Palavras chave:

Paisagem Cultural, Património, Carácter, Valor, Cultura da vinha

Abstract

The vineyard landscape of São Lourenço situated on Santa Maria Island in the Azores archipelago is a heritage linked to the memory of the colonization and its territorial planning, responding to production needs and optimizing the occupation and use of the soil. Located in the northeast coast of the island, this sea-facing amphitheater, presents a peculiar organization between a green structure along the ridge and, when descending the steep slope, a reticulated carpet of terraced vineyards, arriving to a lower level where the houses are, and finally at the sea level, a seasonal beach. This landscape reflects the passing of time and the lifestyle of its people, resulting in social, demographic and economic shifts that once led and are still leading the changes of this place.

The landscape of São Lourenço has special interest because of both its natural and cultural values, and its valorization, considering the natural characteristics and vines culture as a justification for its genesis, implies the integration and knowledge of all the elements that compose it, as well as their values.

Therefore, this work explores the identity of the landscape of São Lourenço Bay, exposing its character and values and, with this, hopes to increase the interest on this heritage and justify its classification and recuperation. That said, the development of strategies and actions for this recuperation can also consider what is here presented, in order to preserve the natural and cultural values of this landscape.

Keywords:

Cultural Landscape, Heritage, Character, Values, Vitiviniculture

Índice

Introdução 1
Temática e objetivos 1
Metodologia 5
1. Características da Paisagem 6
1.1. Características biofísicas 9
1.1.1. Geologia 9
1.1.2. Altimetria e Relevo 11
1.1.3. Hidrografia 13
1.1.4. Exposição solar 14
1.1.5. Clima – temperatura, precipitação e ventos dominantes 15
1.1.6. Vegetação espontânea e naturalizada 16
1.2. Características socioeconómicas 21
1.2.1. População 21
1.2.2. Ocupação e uso do solo 23
1.3. Construções 27
1.3.1. Quartéis 29
1.3.2. Escadas 34
1.3.3. Muros 35
1.3.4. Canais de drenagem 37
1.3.5. Arquitetura doméstica e religiosa 41
2. A vinha em Santa Maria 44
3. Identidade 49
3.1. Carácter 50
3.2. Valor 55
4. Paisagem Cultural da Baía de São Lourenço: Património cultural e paisagístico 61
4.1. Classificação 63
4.2. Ações para conservação da paisagem e dos seus valores 68
Considerações finais 77

Bibliografia 79
Anexos 85
Anexo I: Projeto de Valorização da Paisagem Cultural Vitivinícola de Santa Maria . 85
Anexo II: Variação da população 86
Anexo III: União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) 87
Anexo IV: Políticas de Paisagem – Açores 88
Anexo V: Instrumentos de gestão aplicáveis em São Lourenço 89
Anexo VI: Políticas de Paisagem Mundial e Nacional 92
Anexo VII: Plano de Pormenor 96
Anexo VIII: Património Mundial e Paisagens Culturais segundo a UNESCO 97
Anexo IX: Apoios da RAA 99
Anexo X: Outros trabalhos desenvolvidos 100
X.a. - Desenho dos quartéis 100
X.b. - Operações culturais 155

Lista de figuras e quadros

Figura 1 - Arquipélago dos Açores. O arquipélago organiza-se em três grupos, sendo que Santa Maria localiza-se no Grupo Oriental. (Fonte: https://byacores.com/quantas-ilhas-tem-os-acores/) 1
Figura 2 - Baía de São Lourenço (Fonte: Autor, adaptado de Google Earth) 2
Figura 3 -Baía de São Lourenço, vista para sul (Fonte: Autor, junho 2022) 3
Figura 4 - Baía de São Lourenço, vista para norte (Fonte: Autor, junho 2022)..... 3
Figura 5 - Ilha de Santa Maria, com a delimitação das cinco freguesias; a vermelho o aeroporto; a amarelo a vila; a roxo a cadeia do Pico Alto e a nordeste a mancha do lugar de São Lourenço (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC) 7
Figura 6 - Santa Bárbara, Miradouro da Pedra Rija (Fonte: Autor, junho 2022) 7
Figura 7 - Arrebentão de Cima, Santa Bárbara (Fonte: Autor, junho 2022)..... 8
Figura 8 - Planta síntese (Fonte: Autor) 8
Figura 9 - Disjunção colunar na Ribeira do Maloás, Malbusca, Ilha de Santa Maria (Fonte: Autor, março 2022) 9
Figura 10- Hipsometria de São Lourenço (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC) 11
Figura 11 - Mapa de declives de São Lourenço (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC). 12
Figura 12 - Rede hidrográfica (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC) 13
Figura 13 - Orientação solar da baía (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC) 14
Figura 14 - Precipitação média e evapotranspiração (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC) 15
Figura 15 - Picconia azorica (Fonte: Autor, maio 2022) 18
Figura 16 – Morella faya 18
Figura 17 – Azorina vidalli..... 18
Figura 18 - Carta de Ocupação e Uso do Solo de 1998 e 2018 (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC) 24
Figura 19 - Vila do Porto é uma vila, sede de concelho, que está implantada sobre uma lomba fronteira ao mar e entre duas ribeiras de regime torrencial (Ribeira de São Francisco, a nascente, e Ribeira do Sancho, a poente). A construção da vila segue a principal via de comunicação que assenta na linha de cumeada da lomba..... 25
Figura 20 - Arrebentão de Cima, Santa Bárbara anos 60. Nesta zona, a caminho de São Lourenço, era característica a cultura cerealífera de trigo e cevada, que justifica a presença dos moinhos)..... 26

Figura 21 - Moinhos do Arrebentão de Cima, Santa Bárbara. Após o abandono das culturas cerealíferas os moinhos ficam inativos e os terrenos convertidos em pastagem (Fonte: Autor, junho 2022) 26
Figura 22 – Esquisso de casa típica construída num quartel a meio da encosta de São Lourenço (Fonte: Autor) 28
Figura 23 - Vista aérea parcial da Ponta Negra, São Lourenço (Fonte: Azores Geopark) 29
Figura 24 - Escadas de acesso e quartéis em socalcos, São Lourenço (Fonte: Autor, março 2022..... 30
Figura 25 – Desenho esquemático da constituição de courela e quartel (Fonte: Autor) 30
Figura 26 - Quartéis em socalco, São Lourenço (Fonte: Autor, junho 2022) 31
Figura 27 – Quartel com plantação de vinha recente e com a calçada num bom estado de manutenção permitindo fácil reconhecimento das casolas, São Lourenço (Fonte: Autor, junho 2022) 32
Figura 28 - Quartéis facilmente identificáveis. A vermelho estão indicados os limites dos quartéis, sendo que há polígonos que englobam mais do um quartel, porque não é possível desenhar cada um individualmente, por isso adotou-se representar a propriedade, ou um conjunto percecionável de quartéis, perfazendo 1838 quartéis 28,2ha. Estima-se que a paisagem terá mais do que 2000 quartéis, ocupando uma área com mais de 30 hectares. Área menor dos quarteis identificados é de 20m^2. O maior valor e o valor médio não é possível calcular, tendo em conta que o levantamento não constou apenas da unidade quartel, mas serão em média inferiores a 100m^2 (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC e Google Earth Pro) 33
Figura 29 - Escadas de acesso, São Lourenço (Fonte: Autor, junho 2022)..... 34
Figura 30 - Degraus a confrontar com uma linha de água à direita, Fajãzinha, São Lourenço (Fonte: Autor, março 2022) 34
Figura 31 – Quartéis, Ponta Negra, São Lourenço (Fonte: Autor, junho 2022) 36
Figura 32 – Quartéis, São Lourenço (Fonte: Autor, junho 2022) 36
Figura 33 - Linha de água (Fonte: Autor, março 2022)..... 37
Figura 34 - Linha de água, Fajãzinha (Fonte: Autor, fevereiro 2022) 38
Figura 35 - Zona mais a montante da linha de água apresentada na Figura 30. A escada confronta com o canal. Fajãzinha 38
Figura 36 – Estreito canal de drenagem entre a calçada e a escada 39
Figura 37 – Muro parcialmente destruído (Fonte: Autor, maio 2022) 39
Figura 38 - Linha de água que foi desviada para construção da casa. O inhame acompanha o canal (Fonte: Autor, maio 2022) 40

Figura 39 - Ermidas de Nossa Senhora do Desterro, de São Lourenço e de Jesus, Maria e José 42
Figura 40 - Baía de São Lourenço (Fonte: Autor, junho 2022) 43
Figura 41 - Baía de São Lourenço (Fonte: Autor, março 2022) 43
Figura 42 - Localização das atuais manchas de vinha litoral na ilha de Santa Maria. De norte para sul na direção dos ponteiros do relógio, estão representadas as seguintes localidades: Anjos, Baía do Raposo, Norte, São Lourenço, Maia, Vinha Velha, Sul e Praia (Fonte: Isabel Albergaria e Ricardo Cruz) 45
Figura 43 - Fajã do Sul (Fonte: Autor, março 2022). 47
Figura 44 - Baía de São Lourenço, anos 50 (Fonte: https://www.facebook.com/media/set/?set=a.493549757329287&type=3) 48
Figura 45 - Vindimas em São Lourenço em setembro de 2020 numa das parcelas candidatas ao programa VITIS. (Fonte: Isabel Albergaria, 2020) 48
Figura 46 - Vista da Quinta de Jesus, Maria e José, 1985 52
Figura 47 – Construção rural mariense, Fajãzinha. Provavelmente a função inicial seria de adega, hoje serve como habitação para férias (Fonte: Autor, maio 2022) 52
Figura 48 - São Lourenço pelo pintor Domingos Rebelo, 1939 (Palácio da Conceição, São Miguel) 53
Figura 49 - Baía de São Lourenço vista do Desterro (Fonte: Azores Geopark) 54
Figura 50 - Calonectris borealis (Cagarro). Cerca de 75% da população mundial nidifica no arquipélago dos Açores (Fonte: https://spea.pt/aves/cagarra/) 56
Figura 51 - Ponto de visibilidade notável. Ao longo da estrada de acesso à fajã são construídos três pequenos miradouros nos meandros da estrada para contemplação da vista. A presença destes pontos de observação resulta do aproveitamento de um ponto alto e de espaços mais largos do caminho de acesso, permitindo assim pontos com grande capacidade de exposição visual da paisagem. (Fonte: Autor, maio 2022) 59
Figura 52 - Génese de uma Paisagem Cultural (Fonte: Autor, adaptado de Carvalho & Marques, 2019) 62
Figura 53 - Mapeamento da paisagem com alguns aspetos negativos que surgem à primeira vista e indicações para melhoria da qualidade paisagística 70
Figura 54 - Courela descaracterizada (Fonte: Autor, março 2022) Esta courela teria apenas uma pequena casa a confrontar com a estrada. Com o aumento do agregado familiar, ampliou-se a casa abdicando dos quarteis adjacentes. 71
Figura 55 - Espaço entre moradias (Fonte: Autor, fevereiro 2022) Neste caso a courela foi dividida por vários proprietários, sendo que cada um construiu uma casa no seu quartel. Isto resulta numa mancha de quatro casas extramente próximas e em diferentes cotas da courela. 71

Figura 56 - Esquisso para solução de alívio de carga e combate ao desnível e inclinação da encosta (Fonte: Autor). Este equipamento requer pouco espaço e pretende-se que seja de reduzida manutenção e de fácil operacionalização. Para além disto, não necessita de fundações o que o torna desmontável. Existem outros territórios vitivinícolas, também em encostas, que utilizam sistemas semelhantes quer serviram como referência. 73
Figura 57 - Banyuls-sur-Mer, Pirenéus Oriental, França 73
Figura 58 - Ribeira Sacra, Galiza, Espanha 73
Figura 59 – Ribeira Sacra, Galiza, Espanha 73
Figura 60 - Situação existente (Fonte: Autor, junho 2022) 74
Figura 61 - Situação proposta de arranjo exterior do hub (Fonte: Autor) 74
Figura 62 - Situação proposta de arranjo exterior do hub (Fonte: Autor) 74
Figura 63 – Situação existente (Fonte: Autor, maio 2022) 75
Figura 64 - Situação proposta (Fonte: Autor) Recuperação de antigo abrigo com materiais locais, por exemplo para guardar alfaias agrícolas. 75
Figura 65 - Situação indesejada (Fonte: Autor, maio 2022) Construção recente em material contemporâneo que destoa da envolvente. 75
Figura 66 - Quartéis facilmente identificáveis. A vermelho estão indicados os limites dos quartéis, sendo que há polígonos que englobam mais do um quartel, porque não é possível desenhar cada um individualmente, por isso adotou-se representar a propriedade, ou um conjunto percecionável de quartéis, perfazendo 1838 quartéis 28,2ha. Estima-se que a paisagem terá mais do que 2000 quartéis, ocupando uma área com mais de 30 hectares. Área menor dos quarteis identificados é de 20m^2. O maior valor e o valor médio não é possível calcular, tendo em conta que o levantamento não constou apenas da unidade quartel, mas serão em média inferiores a 100m^2 (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC e Google Earth Pro) 101
Figura 67 – Levantamento A (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC e Google Earth) ... 103
Figura 68 – Levantamento B (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC e Google Earth) ... 104
Figura 69 - Levantamento C, (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC e Google Earth) .. 105
Figura 70 - Levantamento D, Fajãzinha (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC e Google Earth) 106
Figura 71 - Levantamento E (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC e Google Earth) ... 107
Figura 72 - Levantamento F, Quinta Jesus Maria e José (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC e Google Earth) 108
Figura 73 - Levantamento G, Desterro (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC e Google Earth) 109

Figura 74 – Levantamento H, Ponta Negra e Ribeira do Salto (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC e Google Earth) 110
Figura 75 - Preparação dos enxertos pelo senhor Lino dos SDAP (Fonte: Autor, fevereiro 2022) 155
Figura 76 - Enxertia pelo senhor Lino dos SDAIP (Fonte: Autor, fevereiro 2022) 155
Figura 77 - Videira já enxertada, antes da pintura com massa de enxertia (Fonte: Autor, fevereiro 2022) 155
Figura 78 - Erinose vista da página inferior de uma folha de videira (Fonte: Autor, maio 2022) 156
Figura 79 - Erinose vista da página superior de uma folha de videira (Fonte: Autor, maio 2022) 156
Figura 80 - Míldio (Fonte: Autor, junho 2022) 156

Tabela 1 – Características da Ilha de Santa Maria 6
Tabela 2 - Espécies autóctones de realce em São Lourenço 17
Tabela 3 – Espécies invasores de maior destaque 19
Tabela 4 - Comparação da Paisagem Cultural Património Mundial e Área Protegida e Monumento Nacional (Fonte: Autor, adaptado de Philips (2003) e DGPC)) 66
Tabela 5 - Variação da População (Fonte: Bastos (2002), INE e Pordata) 86
Tabela 6 – Instrumentos de gestão a seguir em São Lourenço (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC, 2022) 91
Tabela 7 - (Fonte: Autor, adaptado de DGPC (s.d)) 94
Tabela 8 – Decretos Regulamentares Reginais de apoio à vitivinicultura e ao património cultural (Fonte: Autor, adaptado de Direção Regional da Cultura, 2015) 99
Tabela 9 - Tabela de atributos das parcelas 111

Gráfico 1 - Variação da população da Ilha de Santa Maria ao longo dos anos (Fonte: Bastos (2002), INE e PORDATA) 22
Gráfico 2 - População em idade ativa no concelho de Vila do Porto (Fonte: INE e PORDATA) 22

Lista de Abreviaturas

CAD – Desenho Assistido por Computador

CEP – Convenção Europeia da Paisagem

DL - Decreto Lei

DLR - Decreto Legislativo Regional

FCUP - Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

ha - Hectares

ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios

IUCN – União Internacional para a Conservação da Natureza

km - Quilómetros

km^2 - Quilometro quadrado

m – Metros

m^2 – Metros quadrado

mm - Milímetros

PDM – Plano Diretor Municipal

PNAP – Política Nacional de Arquitetura e Paisagem

PNISMA - Parque Natural de Santa Maria

PP – Plano de Pormenor

RAA - Região Autónoma dos Açores

SDAP – Serviços de Desenvolvimento Agrário do Pico

SDASMA - Serviços de Desenvolvimento Agrário de Santa Maria

Séc. – Século

SIG – Sistemas de Informação Geográfica

SRAAC – Secretaria Regional do Ambiente e Alterações Climáticas

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

VUE - Valor universal excecional

Nota Prévia

O presente relatório foi elaborado no âmbito da unidade curricular Estágio, do curso Mestrado em Arquitetura Paisagista, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (FCUP), no segundo semestre do ano letivo de 2021/2022, para obtenção do grau de mestre. Contou com a orientação da Professora Teresa Portela Marques, Professora Auxiliar, do Departamento de Ciências, Ambiente e Ordenamento do Território da FCUP e coorientação da Professora Isabel Soares de Albergaria do Centro de Estudos CHAM--A da Universidade dos Açores, tendo sido realizado na empresa Sustain Azores e supervisionado pela Engenheira Joana Borges Coutinho. O estágio esteve inserido no desenvolvimento do Projeto de Valorização da Paisagem Cultural Vitivinícola de Santa Maria (Anexo I), especificamente, na contribuição para a concretização do desejo de classificação pelos valores culturais das paisagens vinhateiras da Maia e de São Lourenço. Embora o projeto recaia sobre duas paisagens vinhateiras, este trabalho apenas retrata uma atenção sobre São Lourenço, pela necessidade de adequação do tempo disponível do estágio.

O interesse pela paisagem açoriana e a perceção do seu valor, qualidade e potencialidades, assim como a necessidade de contribuir para a sua valorização, foram motivações para a elaboração deste relatório, que pretende contribuir para a efetiva defesa dos lugares que tanto prezo e que justificam a minha escolha em arquitetura paisagista.

Introdução

Temática e objetivos

As paisagens permitem a sua qualificação como património natural e cultural[1] e representam a herança de uma população, sendo que esta visão pode despoletar o primeiro passo para o interesse da população na sua conservação e a necessidade de preservação dos seus traços e marcas.

Apesar da reduzida dimensão do território do arquipélago dos Açores (figura 1), a variação de fatores naturais e humanos conduz a uma enorme diversidade paisagística. Dentro das inúmeras paisagens com forte marca cultural há que destacar a paisagem vinhateira de São Lourenço, na ilha de Santa Maria.



Figura 1 - Arquipélago dos Açores. O arquipélago organiza-se em três grupos, sendo que Santa Maria localiza-se no Grupo Oriental. (Fonte: https://byacores.com/quantas-ilhas-tem-os-acores/)

[1] Lei n.º 107/2001 define património cultural como "todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização. O interesse cultural relevante, designadamente histórico, paleontológico, arqueológico, arquitetónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, dos bens que integram o património cultural refletirá valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade. Constituem, ainda, património cultural quaisquer outros bens que como tal sejam considerados por força de convenções internacionais que vinculem o Estado (…)." Já a Região Autónoma dos Açores (RAA) através do Decreto Regional 13/79/A, de 16 de agosto, define património cultural como o "conjunto de bens móveis e imóveis que revistam interesse artístico, arquitetónico, paisagístico, histórico, etnológico, etnográfico, científico, bibliográfico e arquivístico." A este Decreto sucede o Decreto Legislativo Regional n.º 29/2004/A, de 24 de agosto, e o Decreto Legislativo Regional 3/2015/A, de 4 de fevereiro.

A Baía de São Lourenço (figura 2, 3 e 4), está localizada no lugar que lhe dá o nome, na freguesia de Santa Bárbara do concelho de Vila do Porto. A área de estudo representa-se sobre a forma de anfiteatro virado para o mar, construído em socalcos, que os marienses armaram, aperfeiçoaram e conservaram para a cultura da vinha, por meio de um processo de adaptação às condições fisiográficas, com materiais e modos de construção vernaculares e técnicas e saberes tradicionais específicos dessa cultura. Este povo, de modo a reservar os melhores terrenos para a cultura cerealífera, dedicou o seu esforço e energia à arrumação de pedra para construção de uma malha de socalcos no litoral pedregoso para que os terrenos de vinha viessem ocupar preferencialmente estes lugares rigorosos.

Esta paisagem de vinha está inserida num território de baixa densidade populacional, que sofre, à semelhança da restante ilha, da incapacidade de inverter as dinâmicas de abandono e de aproveitar as potencialidades existentes. Sendo que a sua paisagem depende de um trabalho não mecanizado, fisicamente exigente que convoca recursos e esforço potencialmente incompatível com o progressivo abandono do lugar e com a dificuldade em mobilizar mão-de-obra para a manutenção da paisagem.

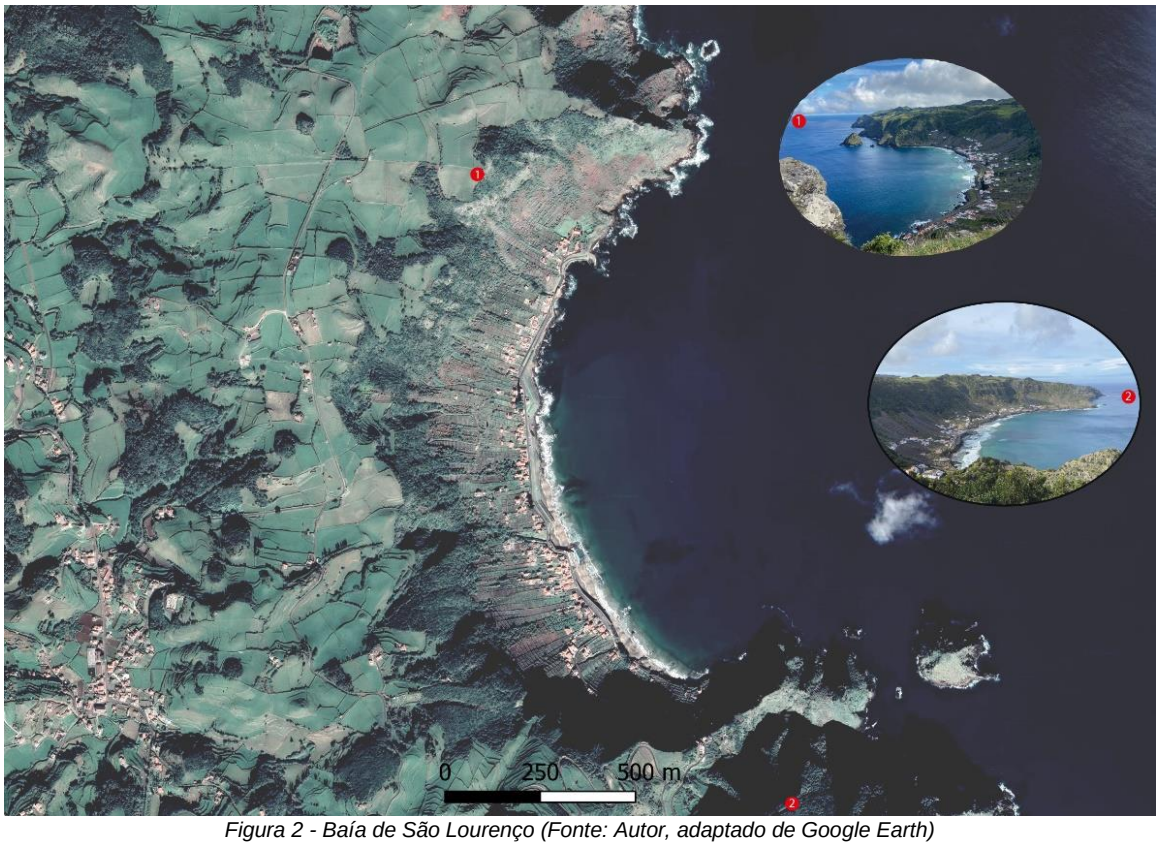


Figura 2 - Baía de São Lourenço (Fonte: Autor, adaptado de Google Earth)



Figura 3 -Baía de São Lourenço, vista para sul (Fonte: Autor, junho 2022)



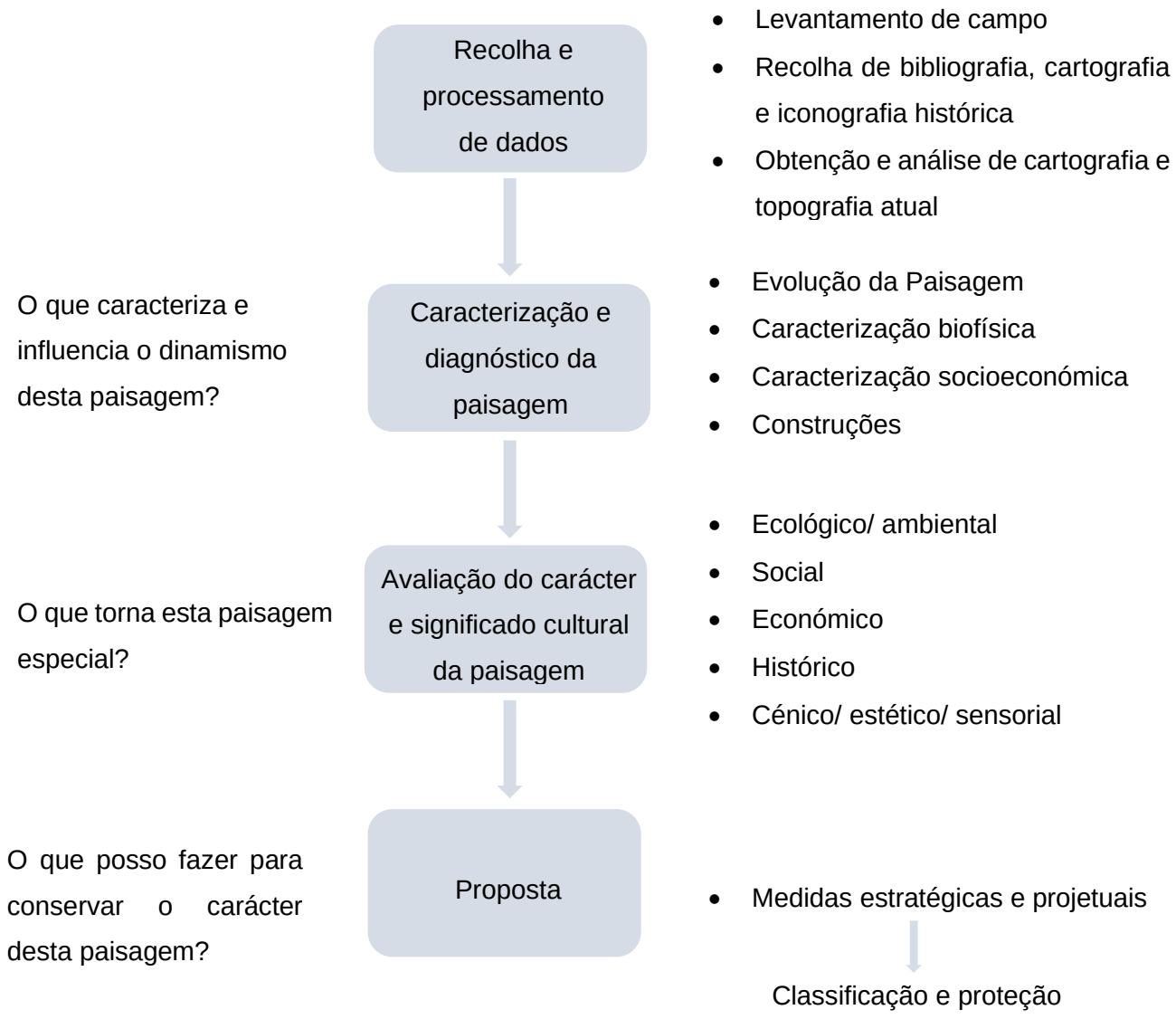
Figura 4 - Baía de São Lourenço, vista para norte (Fonte: Autor, junho 2022)

Tendo em conta o risco da perda da genuinidade desta paisagem, urge a necessidade de identificar o seu carácter e valor, ameaças e evidenciar a sua qualidade antes que perca as suas particularidades. Esta avaliação pretende contribuir para a identificação de estratégias de gestão e de instrumentos que respeitem a especificidade local, mantenham a sua identidade e, ainda façam da paisagem um motor de desenvolvimento do território. Com isto, pretende-se que este trabalho seja uma ferramenta útil para a conservação presente e futura do carácter e valores da paisagem de São Lourenço, através da sua caracterização e identificação do significado cultural com uma abordagem territorial integrada para dar resposta às necessidades identificadas e atingir os objetivos pretendidos, nomeadamente o seu reconhecimento como paisagem de valor cultural e a sua proteção e valorização. Ou seja, este estudo pretende contribuir para a fundamentação do processo de classificação como monumento nacional e de suporte a um eventual estudo para a inscrição desta paisagem na Lista de Património Mundial da UNESCO.

Metodologia

A estratégia adotada para a concretização dos objetivos definidos segue a coleta e análise de dados que permitem caracterizar a paisagem de São Lourenço e compreender o seu significado cultural. A compreensão desse significado é fundamental para um melhor desenvolvimento de estratégias de proteção e conservação. Para isto, é necessária uma abordagem que combina o trabalho de gabinete com trabalho de campo.

O desenvolvimento do trabalho passa por quatro fases:



Esquema 1 - Metodologia aplicada

1. Características da Paisagem

O arquipélago dos Açores apresenta uma grande diversidade biofísica e cultural. A especificidade das suas paisagens deriva de fatores naturais, como a sua posição no Atlântico norte, o clima, a origem do magma, o tipo de vulcanismo e atividade sísmica. Também razões antrópicas, particularmente a ocupação humana há mais de quinhentos anos, determinaram formas particulares de ordenamento do território e de ocupação e uso dos solos.

A Ilha de Santa Maria é a ilha mais oriental e meridional deste arquipélago e distingue-se das demais ilhas açorianas pelas suas características naturais e antrópicas.

Área (km^2)	97
Perímetro (km)	76
Altitude máxima (m)	587 (Pico Alto)
Altitude média	85% do território abaixo dos 300m
Comprimento máximo (km)	16,6
Largura máxima (km)	9,1
População (censos de 2021)	5408
Concelho	Município de Vila do Porto
Freguesias	Vila do Porto, Almagreira, São Pedro, Santo Espírito e Santa Bárbara
Distancia à ilha mais próxima	81 km de São Miguel

Tabela 1 – Características da Ilha de Santa Maria

São Lourenço é um lugar da freguesia de Santa Bárbara (figuras 5, 6 e 7), com uma área de 60 hectares (ha) e localiza-se no litoral nordeste da ilha. A sua configuração de fajã[2] em anfiteatro voltado para o mar, a sua ocupação e superação das adversidades naturais para uso humano são alguns fatores de distinção em relação a outros territórios.

Neste capítulo serão analisadas as características biofísicas e socioeconómicas, à escala ilha e do lugar, que determinaram as particularidades da paisagem em estudo (figura 8).

[2] Fajã: Terreno plano ou em declive não muito acentuado, junto ao mar subjacente a uma arriba abrupta. Pode ter origem na solidificação de mantos de lavas que escorreram pelas encostas, ou no depósito de materiais provenientes do desmoronamento das arribas erodidas (Direção Geral do Território, s.d.)



Figura 5 - Ilha de Santa Maria, com a delimitação das cinco freguesias; a vermelho o aeroporto; a amarelo a vila; a roxo a cadeia do Pico Alto e a nordeste a mancha do lugar de São Lourenço (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC)



Figura 6 - Santa Bárbara, Miradouro da Pedra Rija (Fonte: Autor, junho 2022)



Figura 7 - Arrebentão de Cima, Santa Bárbara (Fonte: Autor, junho 2022)

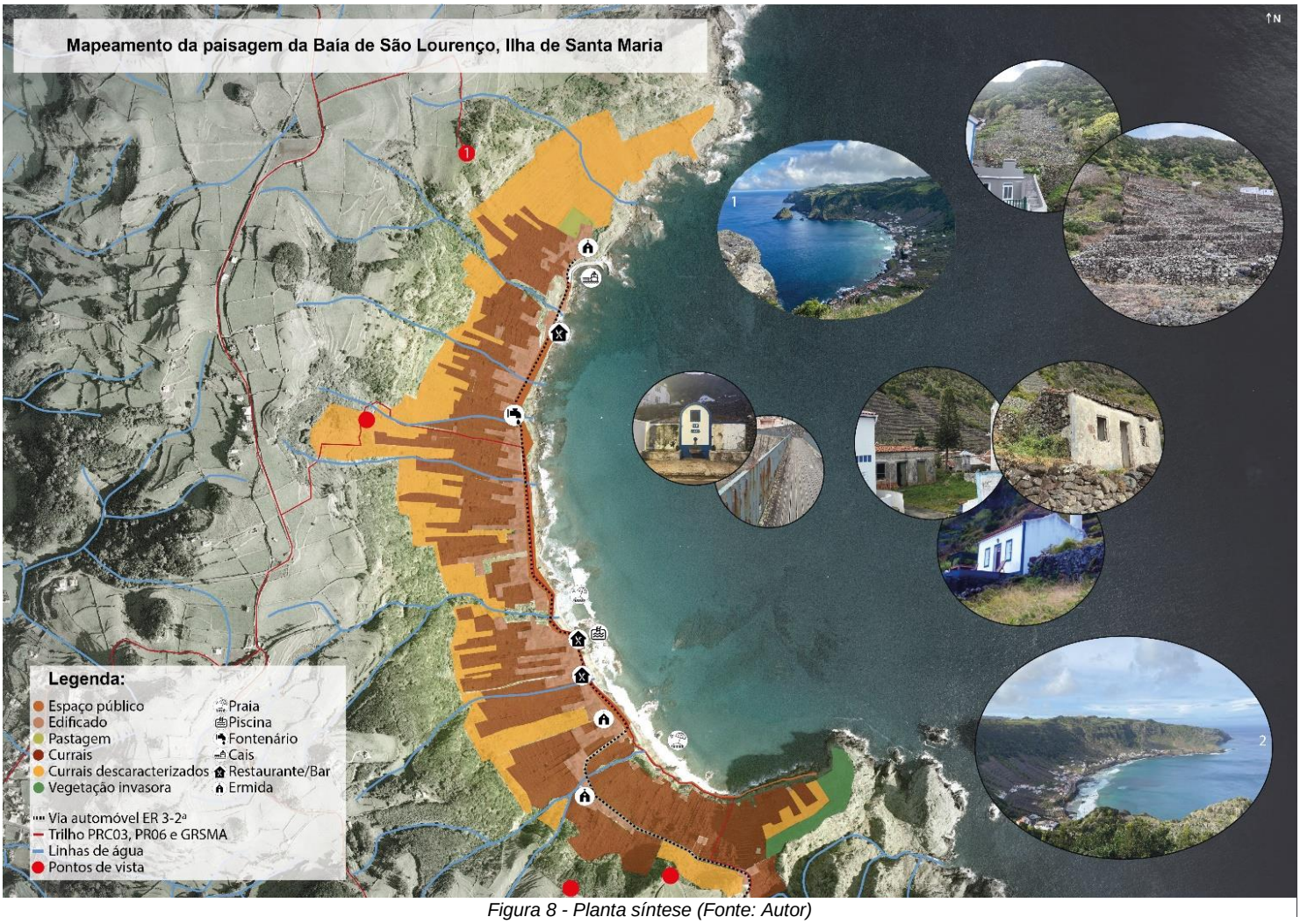


Figura 8 - Planta síntese (Fonte: Autor)

1.1. Características biofísicas

1.1.1. Geologia

O arquipélago dos Açores compreende nove ilhas de natureza vulcânica, sendo a Ilha de Santa Maria a primeira a ser formada e não apresenta vulcanismo ativo. A presença dos seus materiais vulcânicos e rochas sedimentares traduzem a sua história e evolução geológica e a sua distinção no contexto do arquipélago açoriano.

Santa Maria, por ser a ilha mais antiga dos Açores (emergiu há cerca de 8 a 10 milhões de anos), apresenta as suas estruturas e morfologia vulcânicas originais total ou parcialmente erodidas e/ou desmanteladas. Faz-se representar no Geoparque Açores através de vários geossítios que representam uma geodiversidade excecional como jazidas fósseis e um afloramento de colunas basálticas resultantes de disjunção prismática na Ribeira do Maloás (figura 9), semelhante à Rocha dos Bordões na Ilha das Flores, ou à Calçada do Gigante, Irlanda.



Figura 9 - Disjunção colunar na Ribeira do Maloás, Malbusca, Ilha de Santa Maria (Fonte: Autor, março 2022)

O lugar de São Lourenço apresenta uma forma semicircular, recortada e talhada por intensa erosão marinha. As suas encostas são constituídas por escoadas basálticas subaéreas e submarinas (lavas em almofada), que por processos erosivos foram cobertas por depósitos de vertente, resultando nesta fajã detrítica (Nunes, Lima, & Medeiros, 2007). O basalto é uma rocha vulcânica associada a erupções efusivas e magmas básicos, de cor escura (cinzenta a negra), de granularidade fina e minerais visíveis a olho nu, como olivinas e óxidos de ferro (Geoparque Açores, 2019). Na base desta fajã, conforme a estação do ano, acumula-se, areia de cor clara resultado da erosão das rochas carbonatadas presentes na ilha. A Baía está identificada como geossítio do Geoparque Açores devido à presença de filões, de *pillow* lavas individualizadas e de uma jazida fóssil.

1.1.2. Altimetria e Relevo

A ilha de Santa Maria pode ser dividida em duas regiões distintas que são separadas por uma cadeia montanhosa central que se estende de NNO-SSE e tem como ponto mais alto o Pico Alto (587 metros). Esta cadeia (vide figura 5) separa uma área aplanada e de cotas mais baixas, onde as altitudes não ultrapassam os 277m, de uma outra zona (conhecida localmente por “Picos” ou “Serra”) com cotas geralmente acima dos 200m e alguns picos com mais de 300m de altitude (Nunes, Lima, & Medeiros, 2007). São Lourenço é uma arriba com cotas desde o nível das águas do mar até cerca dos 200m (figura 10).

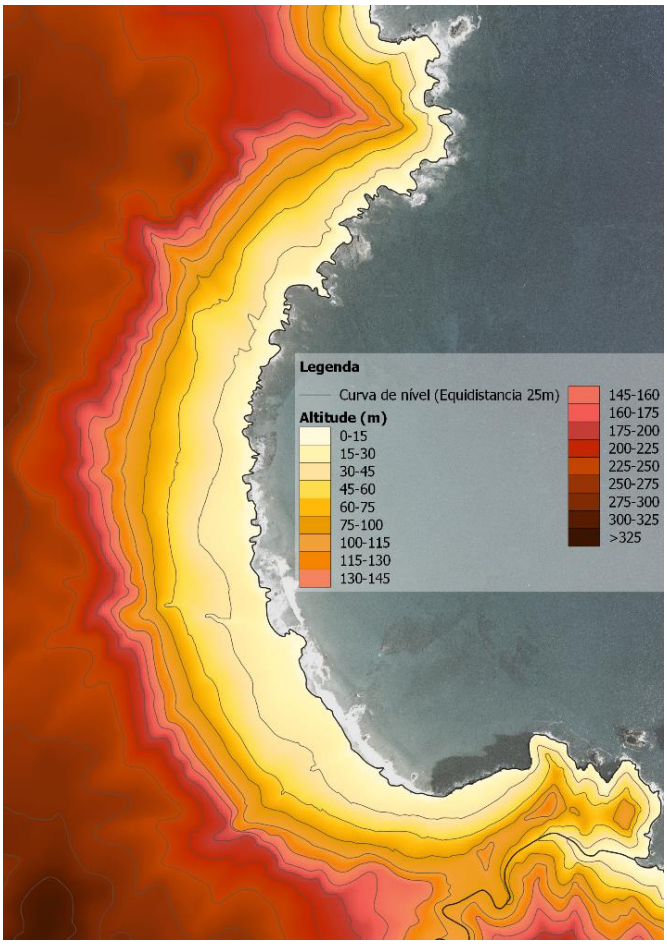


Figura 10- Hipsometria de São Lourenço (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC)

O relevo da ilha caracteriza-se pela alternância entre colinas e vales muito encaixados a nascente da cadeia montanhosa central do Pico Alto e uma plataforma aplanada a poente. Verifica-se assim maior variação de declives na zona nascente. O litoral é caracterizado por altas arribas rochosas ingremes sendo, particularmente, mais recortado na zona oriental. Apresenta grande valor paisagístico, com diversas enseadas que podem presentear pequenas praias de areia ou de calhaus rolados.

A figura 11 resume a representatividade de cada classe de declives em São Lourenço fazendo uso das descrições aplicadas em Sampaio (2007) e CORINE (1992)[3]. Verifica-se que é uma área com declives muito acentuados (superiores a 25%), com elevado risco de erosão, A construção de socalcos em toda a arriba permitiu o ganho de área útil para cultivo e a diminuição de riscos naturais, nomeadamente do risco de erosão.

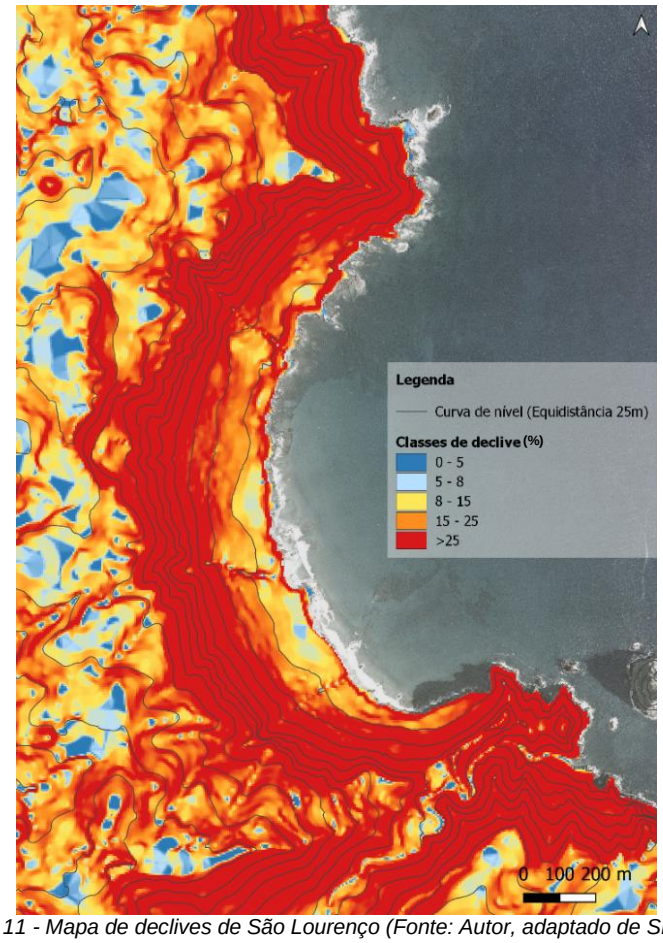


Figura 11 - Mapa de declives de São Lourenço (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC)

[3] Classes de declives (adaptado de Sampaio (2007) e CORINE (1992))

Classe de declive (%)	Classe de declive	Descrição
0 a 5	Muito suave	Terreno sem riscos de erosão ou reduzidos. Não tem necessidade de práticas de defesa e sem limitações de uso.
5 a 8	Suave	Terras com pequenos riscos de erosão, aptas para agricultura, mas com necessidade de práticas simples de defesa (culturas segundo as curvas de nível).
8 a 15	Mediano	Terras com necessidade de algumas práticas de defesa (terraços largos) em consequência dos riscos de erosão moderados.
15 a 25	Acentuado	Terras com elevados riscos de erosão necessitando de práticas de defesa mais cuidadas (terraços estreitos).
Maior que 25	Muito acentuado	Estes terrenos devem constituir áreas a proteger, pelo seu elevado risco de erosão.

1.1.3. Hidrografia

A hidrografia do lugar de São Lourenço é determinada por uma rede hidrográfica densa, pois engloba diversas linhas de água, desde a Ribeira do Salto, a sul e já fora da área da baía, e outros pequenos cursos de água que apresentam maioritariamente caráter temporário, mas com grandes caudais e caráter torrencial em períodos de muita chuva.

A linha de cumeada que define a bacia hidrográfica corresponde aos pontos mais altos da arriba; as pequenas linhas de água correm desde aí até ao mar, perpendicularmente à linha da costa (figura 12).



Figura 12 - Rede hidrográfica (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC)

1.1.4. Exposição solar

As encostas estão orientadas com maior frequência para este. Em oposição, as encostas expostas a sudoeste existem em menor número. Também se verifica que as encostas orientadas a norte, nordeste e noroeste apresentam uma expressão representativa. A frequência destas exposições deve-se à orientação do alinhamento desta baía, onde, para além da sua forma convexa, por ser uma encosta ingreme também irá influenciar a exposição solar. Assim, verifica-se que a metade norte da fajã é a que garante a melhor exposição ao sol (figura 13).

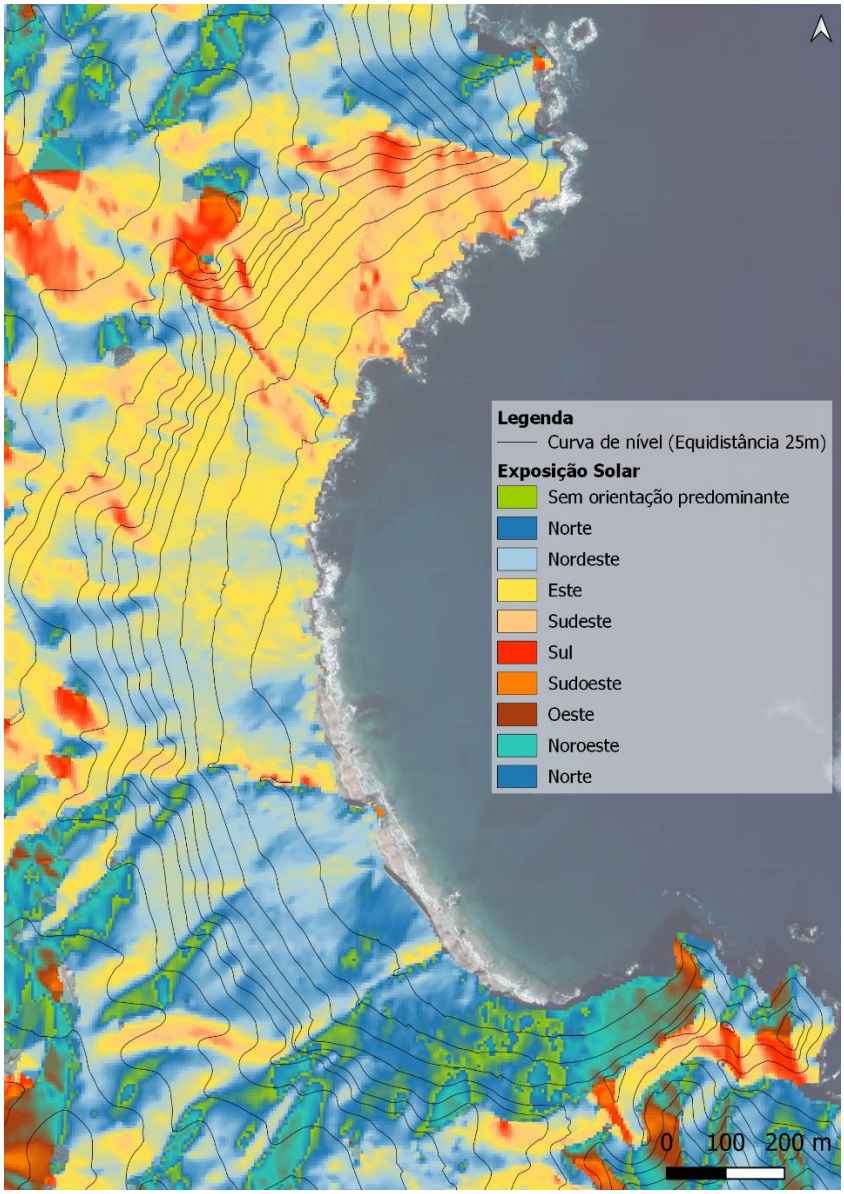


Figura 13 - Orientação solar da baía (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC)

1.1.5. Clima – temperatura, precipitação e ventos dominantes

A localização geográfica dos Açores, no contexto da circulação atmosférica e oceânica, condiciona o clima do arquipélago. As condições climáticas das ilhas açorianas caracterizam-se por uma forte oceanicidade, que regula a baixa variação e baixas amplitudes térmicas (Capelo & Aguiar, 2021), taxas de insolação pouco elevadas, chuvas regulares e abundantes e um regime de ventos vigorosos (Geoparque Açores, 2019). Por sua vez, Santa Maria é a ilha mais seca e árida do arquipélago, com ventos constantes durante os meses de inverno e primavera, dominantes dos quadrantes sul e oeste e temperatura média de 17º C no inverno e de 24º C durante o verão. A precipitação média anual varia entre 600 mm, na zona mais aplanada da ilha e 1800 mm na zona mais acidentada (Nunes, Lima, & Medeiros, 2007), determinada pela orografia que condiciona a formação e adensamento da nebulosidade e precipitação. A proximidade ao mar também conduz a precipitação mais frequente.

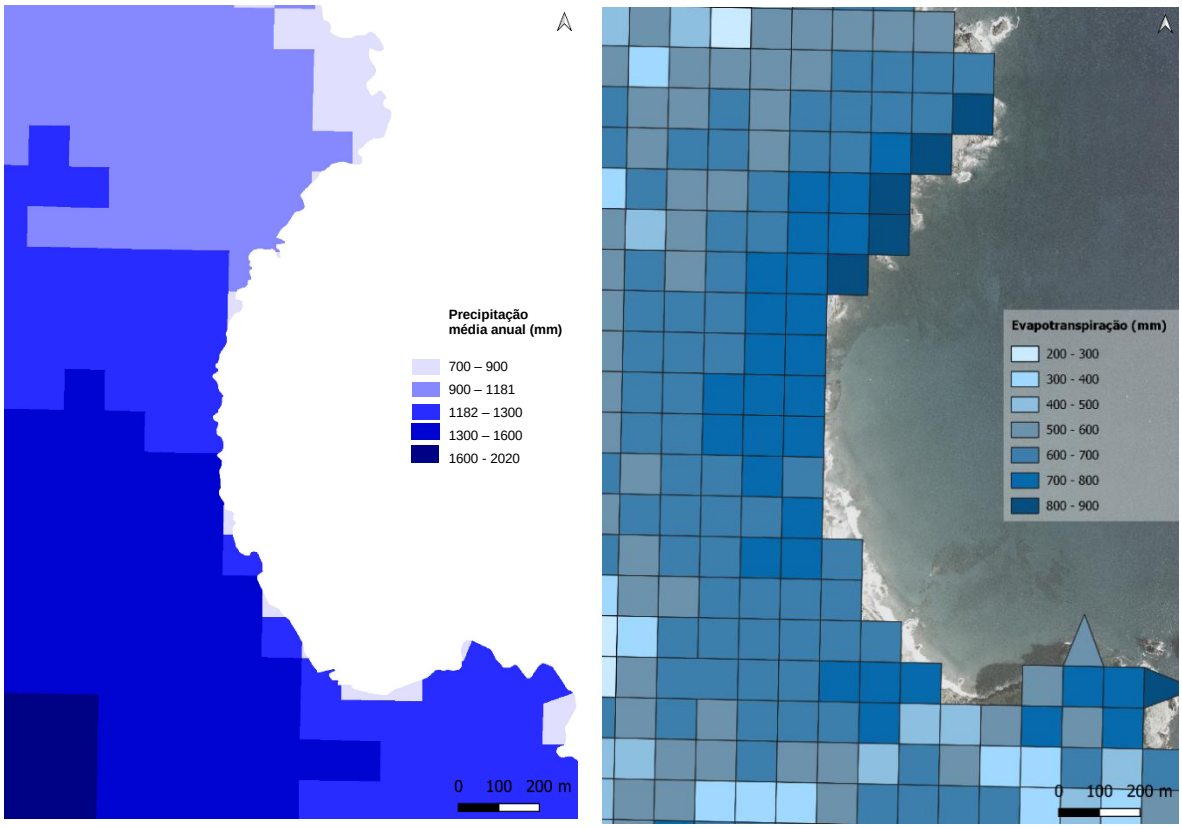


Figura 14 - Precipitação média e evapotranspiração (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC)

1.1.6. Vegetação espontânea e naturalizada

A vegetação é condicionada, dentro de outros fatores, pela precipitação, proximidade ao mar, presença de animais, geologia e ação do vento, pois vão determinar a presença e desenvolvimento de certas espécies. Tendo isto em conta, a vegetação esperada será aquela habituada a períodos de stress hídrico no verão e sem encharcamento no inverno, portanto vegetação de maior tendência mediterrânica. Apesar de ter uma ocupação humana relativamente recente, fundamentalmente devida à chegada de colonos portugueses a partir do século XV, este fator também condicionou o coberto vegetal que hoje encontramos nas ilhas.

Em São Lourenço, o coberto vegetal primitivo foi sendo substituído por culturas de interesse económico. Não se introduziram espécies florestais nem se instalaram pastagens. A exposição solar favorável, os declives muito acentuados e as características do solo mostravam-se mais propícios à instalação de uma cultura mais rústica, mas muito apreciada e necessária – a da videira para a produção vitivinícola. Na restante paisagem as espécies nativas, nomeadamente uma Oleaceae, *Picconia azorica* (Pau-branco) e o único simbionte arbóreo de *Rhizobium*[4] dos Açores, a *Morella faya* (Faia-da-terra) são espécies pioneiras e iriam formar a floresta típica da zona de linha de costa e de zona baixa, caso não houvesse a ocupação humana intensa para a plantação de vinha (Capelo & Aguiar, 2021).

[4] O *Rhizobium* spp., rizóbios, são bactérias com uma estrutura regular e oval, fixadoras de azoto, que ao infetarem as raízes das plantas hospedeiras formam nódulos (Fernandes & Rodrigues, 2012).

Nome científico	Nome comum	Descrição
Picconia azorica	Pau-branco	Árvore endémica dos Açores de folhagem persistente que pode atingir os 15 m de altura e apresenta um tronco esbranquiçado-acinzentado. Esta espécie está protegida pela Diretiva *Habitats*
Morella faya	Faia-da-terra	Arbusto, ou pequena árvore, da flora nativa, dióica, até 10 m de altura, perenifólia e possui características ecológicas e morfológicas que lhe permitem ocupar este território, como a relação de simbiose já referida e a capacidade alelopática, que dificulta a germinação e desenvolvimento de outras plantas através de químicos inibidores. Além disto, a faia-da-terra é companheira do pau-branco, tendo sido estas duas espécies utilizadas na carpintaria e marcenaria (Dias, et al., 2007 e Capelo & Aguiar, 2021).
Azorina vidalii	Vidália	Espécie endémica dos Açores, irá surgir neste território de escodas lávicas, de depósitos de vertente e acompanhada por *Festuca petraea* (Bracel) (Capelo & Aguiar, 2021). É uma espécie protegida pela Diretiva *Habitats*, sendo importante referir que é possível verificar a sua presença, como planta ornamental, e com bom desenvolvimento nos canteiros presentes ao longo da via pública de São Lourenço, uma vez que é uma espécie tolerante à brisa marítima e com floração atrativa.

Tabela 2 - Espécies autóctones de realce em São Lourenço

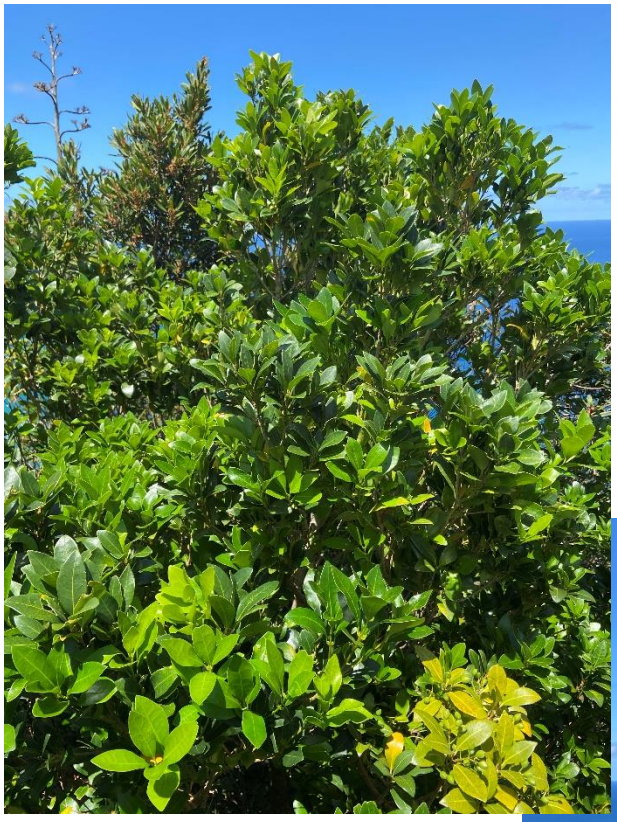


Figura 15 - Picconia azorica
(Fonte: Autor, maio 2022)



Figura 16 – Morella faya
(Fonte: Autor, maio 2022)



Figura 17 – Azorina vidalli
(Fonte: Autor, fevereiro 2022)

Pela a inatividade humana, ou pela falta de manutenção dos terrenos de cultura, existe uma pressão das exóticas com carácter invasor que começam a surgir e a dominar estes espaços. Dentro destas espécies, surge nesta zona costeira, mais significativamente, o *Pittosporum undulatumm*, *Arundo donax*, a *Agave americana* e a *Ipomoea indica.*

Nome científico	Nome comum	Descrição
Pittosporum undulatum	Incenso	Corresponde a uma ameaça à biodiversidade nativa, tendo em conta que apresenta um comportamento ecológico oportunista, visto que vai ocupar as zonas que sofreram abandono humano, deslizamento de terra, ou erosão pelas linhas de água. Apresenta sucesso nessa ocupação, uma vez que tem um crescimento rápido, produz uma enorme quantidade de sementes e tem características alelopáticas, ou seja, tem fatores de toxicidade para outras plantas (Capelo & Aguiar, 2021).
Arundo donax	Cana	Terá sido introduzida para construção e também utilizadas como tutores na agricultura. Inicialmente surgem no limite de propriedade e como separação da falésia costeira, no entanto a sua capacidade de reprodução vegetativa, permitiu-lhe avançar para sítios indesejados tornando-a invasora. (Barcelos, s.d.)
Agave americana	Piteira, Babosa ou Agave	De origem mexicana, apresenta interesse ornamental pela geometria de roseta das suas folhas verdes, pontiagudas e com espinhos, mas apresenta carácter invasor especialmente nesta ilha de Santa Maria, através da reprodução por separação de pequenas plântulas, ou ainda por semente (Barcelos, s.d.).

Tabela 3 – Espécies invasores de maior destaque

Por fim, é interessante referir a presença da cultura do inhame (*Colocasia antiquorum*), um rizoma cilíndrico e tubérculo utilizado na alimentação, associado a linhas de água, ou a lugares húmidos, tal como a espontânea cavalinha (*Equisetum arvense*) (Almanaque Açoriano, s.d.). Na Baía de São Lourenço, é ainda de destacar as duas *Araucaria columnaris* (Araucária ou Pinheiro-da-Nova-Caledónia)[5], inscritas na Rede de Árvores Singulares da Macaronésia, pelos seus portes (33,8 e 34,7 metros), idade e característica inclinação dos seus fustes (VALCONMAC, 2019).

[5] Na propriedade, que está abandonada, ao lado destes indivíduos é possível encontrar várias plântulas resultantes da reprodução destes espécimes. Esta espécie tem a particularidade de ter o seu fuste inclinado 8 graus para sul, quando se encontra no hemisfério norte e vice-versa no hemisfério sul.

1.2. Características socioeconómicas

1.2.1. População

Numa breve abordagem à geografia humana, a Ilha de Santa Maria é composta por um único concelho – Vila do Porto, com centro na freguesia de Vila do Porto e constituída por mais quatro freguesias: Almagreira, Santa Bárbara, Santo Espírito e São Pedro (já apresentado na figura 5). Na ilha predomina o espaço rural com habitação unifamiliar dispersa, com exceção de Vila do Porto, uma vez que tem mais espaço construído e urbanizado.

O crescimento da população verifica-se até 1960, mas a partir desta data o número de habitantes da ilha tem vindo a diminuir como em qualquer território de cariz rural, tendo atualmente 5408 habitantes (gráfico 1); 55,8 indivíduos por km^2; e 68,2% de população ativa (gráfico 2). A construção do aeroporto da ilha por ocasião da Segunda Guerra Mundial, levada a cabo por militares americanos, trouxe um dinamismo económico muito importante. Apesar disto, a maior parte do tecido social continuou carenciado e com constrangimentos económicos (Costa, 2008). A emigração é fator de perda de população, sendo que os emigrantes de Santa Maria seguem os mesmos destinos que os do restante arquipélago, particularmente, os Estados Unidos da América e Canadá (Bastos, 2002).

O lugar de São Lourenço, como lugar de veraneio e de produção, nunca foi destinado a ter muita população residente permanente, perfazendo atualmente apenas cerca de 15 habitantes.

A economia mariense baseia-se sobretudo em atividades ligadas aos serviços (incluindo o comércio de bens essenciais) e atividades direta e indiretamente ligadas à agricultura, silvicultura e agropecuária. (Bastos, 2002)

A análise destas variáveis traduz a importância para explicar os ritmos e o dinamismo demográfico desta ilha que, na realidade, oferece recursos naturais e culturais os quais, devidamente explorados, poderão ser atrativos para o crescimento populacional e para o crescimento da procura para visitação, sem ser apenas de frequência sazonal.

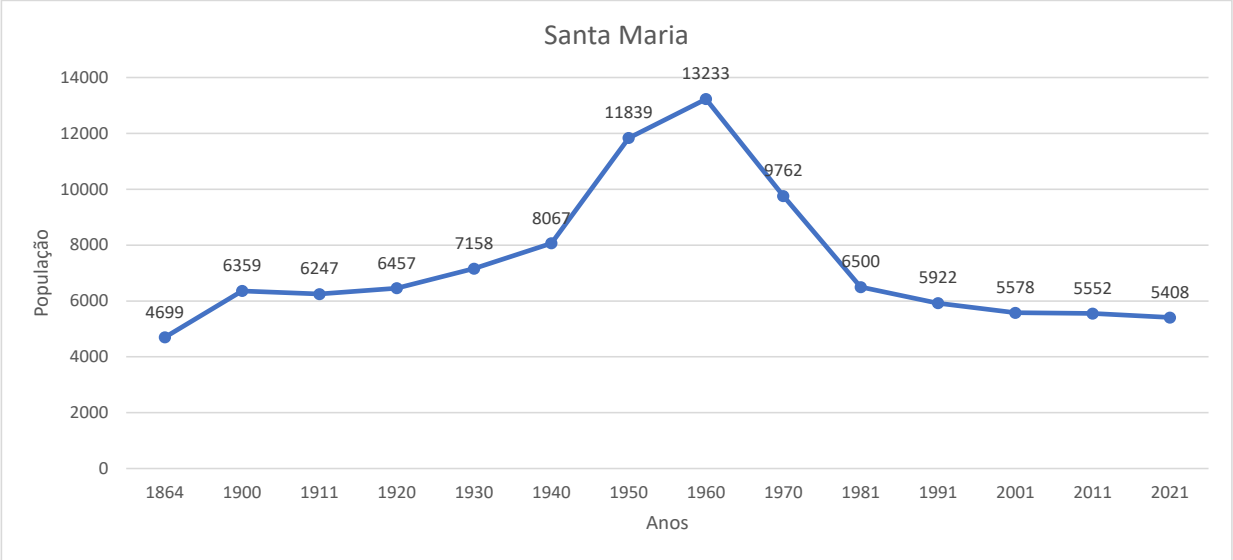


Gráfico 1 - Variação da população da Ilha de Santa Maria ao longo dos anos (Fonte: Bastos (2002), INE e PORDATA)

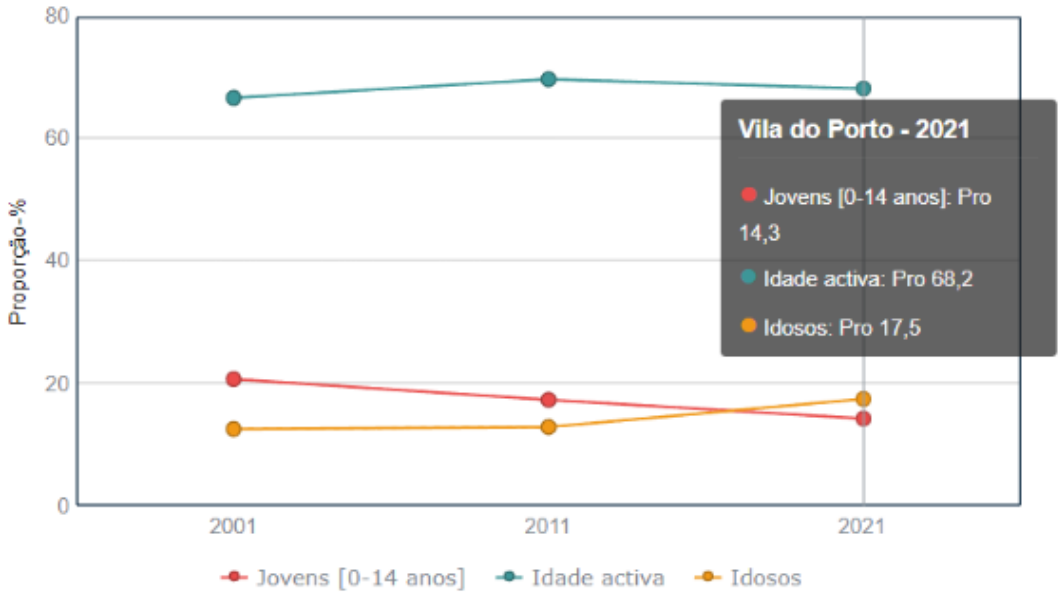


Gráfico 2 - População em idade ativa no concelho de Vila do Porto (Fonte: INE e PORDATA)

1.2.2. Ocupação e uso do solo

O estudo da evolução da ocupação e uso dos solos da ilha é condicionado pela alteração de categorias entre os anos apresentados e pelo desenho em mancha da Carta de 1998, mas, pela figura 18, que apresenta a Carta de ocupação e uso dos solos de 1998 e 2018, constata-se que ao longo dos anos a ocupação e uso do solo mantém praticamente a mesma expressão, sendo os solos ocupados por agricultura os com maior representatividade, especificamente para pastagem.

A mancha dos solos urbanos (artificializados) mantém a sua concentração na zona do Aeroporto, com um desenho de cidade jardim, e verifica-se o desenho de "vila-rua" em Vila do Porto, onde o desenho urbano foi crescendo ao longo da via de comunicação, sem necessariamente construir um núcleo (figura 19). Apesar de, em algumas freguesias rurais (como Santa Bárbara ou Santo Espírito), as habitações se encontrarem dispersas umas das outras, devido à organização das propriedades, acabam por também seguir o eixo viário principal.

A ocupação dos terrenos para a atividade agrícola durante os primeiros séculos desde a ocupação portuguesa fazia-se com base na orografia da ilha, optando-se de uma forma geral, por destinar os terrenos mais baixos, junto à costa, ao cultivo da vinha, as zonas médias para outras culturas (como pastel, trigo ou cevada), seguido das pastagens e as áreas mais altas reservadas à exploração de madeira (Constância, 1982 e Costa, 2008). Esta organização resulta da gestão e adaptação às condições que a ilha oferece, mas hoje em dia a organização das atividades agrícolas por andares altimétricos já não se verifica como acontecia no passado, pois as pastagens já se encontram nas cotas dos matos, tal como também nas das culturas arvenses e hortofrutícolas.

Os solos agrícolas ocupados por pastagem são os que apresentam maior representatividade e servem fundamentalmente para a criação de gado bovino e, em menor escala, de gado ovino, para produção de carne, leite e seus derivados. É na ilha de Santa Maria que, dentro do arquipélago, a criação deste gado miúdo ocorre em maior quantidade. Antes da paisagem de pastagem ser a dominante, e até ao séc. XX, os campos estariam ocupados por culturas cerealíferas.

Segundo a figura abaixo, as zonas de floresta concentram-se essencialmente ao longo do complexo montanhoso do Pico Alto, tal como a nascente do mesmo e no cimo das arribas costeiras. Estas arribas atualmente apresentam-se como zonas descobertas ou com pouca vegetação.

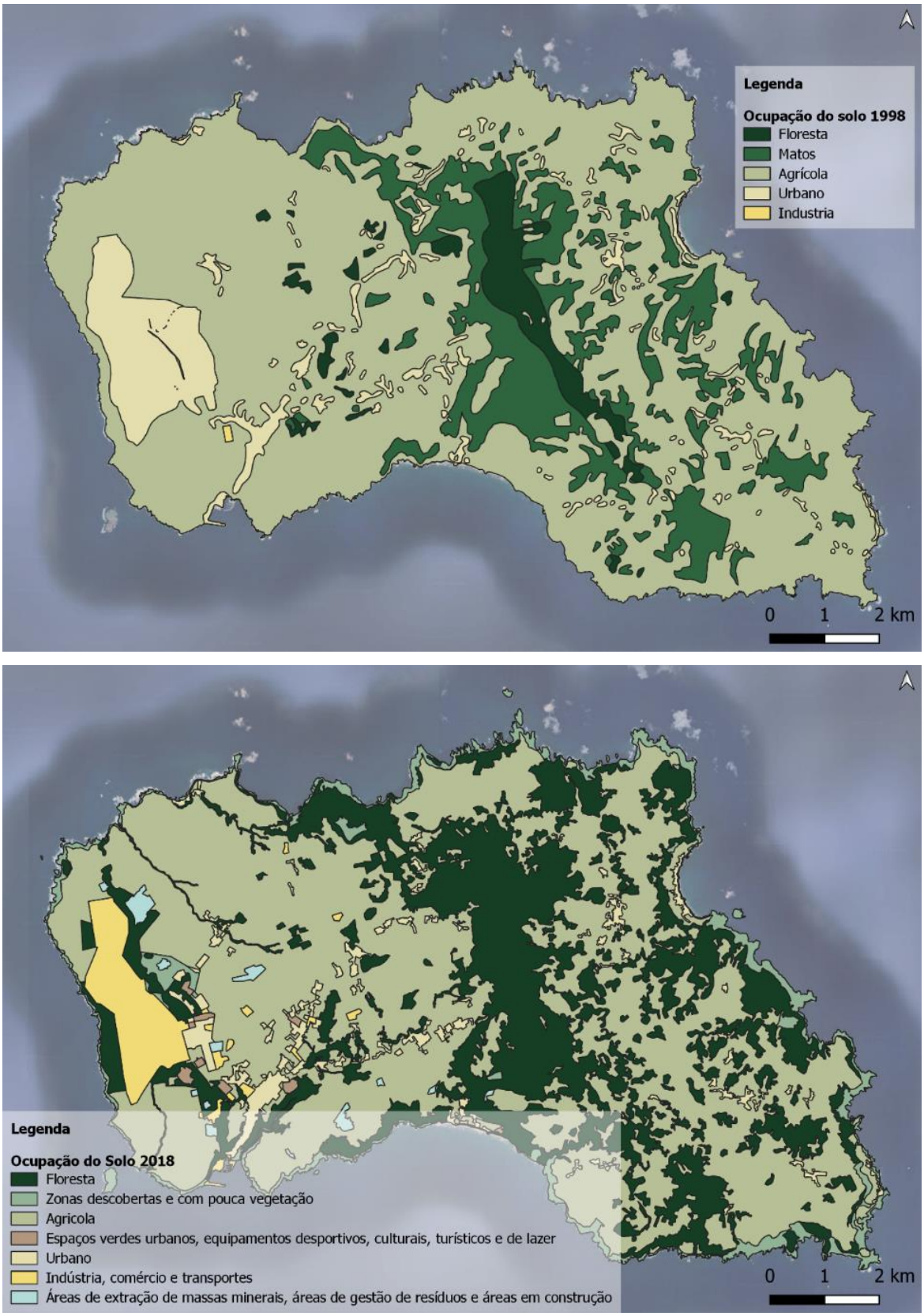


Figura 18 - Carta de Ocupação e Uso do Solo de 1998 e 2018 (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC)



Figura 19 - Vila do Porto é uma vila, sede de concelho, que está implantada sobre uma lomba fronteira ao mar e entre duas ribeiras de regime torrencial (Ribeira de São Francisco, a nascente, e Ribeira do Sancho, a poente). A construção da vila segue a principal via de comunicação que assenta na linha de cumeada da lomba.
(Fonte: https://www.facebook.com/memoriasdesantamaria/photos/a.493544677329795/534881836529412)



Figura 20 - Arrebentão de Cima, Santa Bárbara anos 60. Nesta zona, a caminho de São Lourenço, era característica a cultura cerealífera de trigo e cevada, que justifica a presença dos moinhos).
(Fonte: https://www.facebook.com/memoriasdesantamaria/photos/a.493549757329287/1038612809489643)



Figura 21 - Moinhos do Arrebentão de Cima, Santa Bárbara. Após o abandono das culturas cerealíferas os moinhos ficam inativos e os terrenos convertidos em pastagem (Fonte: Autor, junho 2022)

1.3. Construções

Terceiro

Estas casas, onde a sabedoria dos arquitetos nada fez
E os caminhos de corção nos quais as pedras
São, mais que pedras, a força
De as ter trazido e plantado
Sob os passos futuros;

E estas paredes dividindo,
contendo,
sobre o corpo do chão,
cerrados e courelas
e belgas trepando
- duras cordas de cinza –
Pelos flancos dos outeiros até onde
Permite o vento uma qualquer
Utilidade vegetal;

Estas terras
Resolvidas,
Minadas,
Com maroiços nas margens e moledos esparsos;
Estas arvores,
Mais velhas que a memoria
Dos mais velhos dos velhos:
Laranjeiras disformes,
Figueiras torcidas
Alastrando, subindo;

E os poços,
As levadas,
As pontes,

ISTO TUDO!
Flores de diligencia e força
Com raízes de tino,

Ei-la, é a nossa
História.

Que não foi escrita
- Nomes de heróis –
Nos compêndios.

Grande de mais para palavras mortas.

Pedro da Silveira in *Sinais de Oeste*, 1962

As estruturas contruídas presentes nesta paisagem vinhateira de São Lourenço constituem um notável património da arquitetura popular desta ilha.

A arquitetura popular é uma arquitetura resultante de conhecimentos ingénuos e empíricos, que traduzem uma componente essencial e elemento definidor da cultura das pessoas, uma arquitetura humilde. Este conceito abrange tanto a arquitetura, no seu significado estrito, como também as suas relações com o desenho do território e a sociedade (André, 2016). Outra característica que se pode associar a esta arquitetura é o seu carácter sustentável, uma vez que utiliza materiais locais para a construção (são exemplo destes materiais: a rocha basáltica, madeira, argila e cal); o uso desses materiais assim como o desenho são adaptados às características do clima e a outros condicionalismos biofísicos do território e, ainda, é uma arquitetura adaptada aos modos de vida, pelo que responde ao ambiente físico e cultural onde está construído.

As primitivas construções em São Lourenço refletem a arquitetura tradicional ligada à sociedade agrícola passada. Tendo isto em conta, esta arquitetura tradicional e popular reflete também uma arquitetura de produção, ou seja, está ligada aos bens e modos de produção e, por isto, tem carácter funcional. O processo de construção é produto de uma coletividade e foram concebidos com significado e propósito. Tratando-se, também, de espaços com área reduzida para a edificação (quer seja por razões topográficas, de maximização da área de produção ou outras) cada construção respeita uma função específica - suporte, apoio à produção agrícola - vitivinícola em particular - acesso ou abrigo.



Figura 22 – Esquisso de casa típica construída num quartel a meio da encosta de São Lourenço (Fonte: Autor)

1.3.1. Quartéis

Os *quartéis*, ou *currais*, são pequenos compartimentos que, neste caso em estudo, estão implantados em socalcos (terraços suportados por muros). Estes reticulam a encosta “desde o mar até à rocha”, ou seja, se a morfologia da encosta permitir a construção dos socalcos, os quartéis surgirão desde a linha costeira até à linha de festo que define o topo da fajã. O conjunto de quartéis alinhados perpendicularmente à linha de costa, desde a cota baixa à cota alta, constitui uma *courela*. Cada *quartel* é ladeado por dois muros *travesses* e muros de divisão das parcelas que cortam o terreno na perpendicular ao mar, tal como os acessos, quase sempre em escada servindo de ligação entre os *quartéis* da *courela* (Gaspar, 2005, p. 341). Os muros de suporte que constroem os socalcos, já mais afastados do mar e mais elevados, variam em função do grau de inclinação da encosta e podem atingir uma altura entre um e três metros. Por sua vez, os quartéis não são necessariamente planos (figuras 23, 24 e 25).

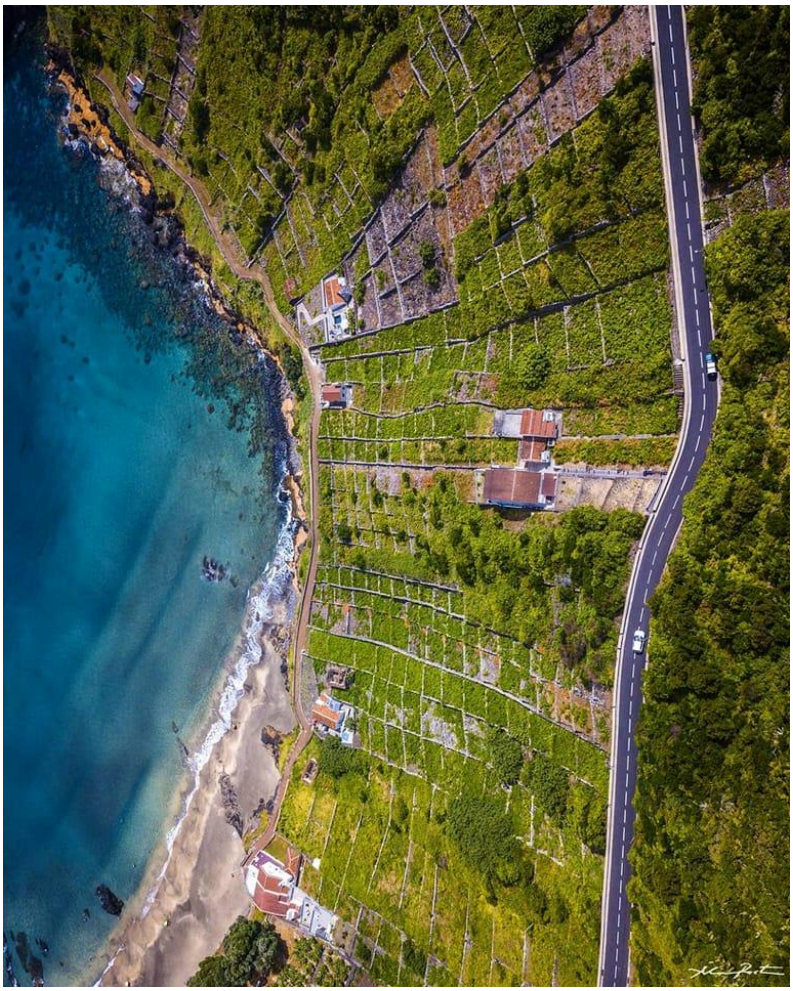


Figura 23 - Vista aérea parcial da Ponta Negra, São Lourenço (Fonte: Azores Geopark)



Figura 24 - Escadas de acesso e quartéis em socalcos, São Lourenço (Fonte: Autor, março 2022

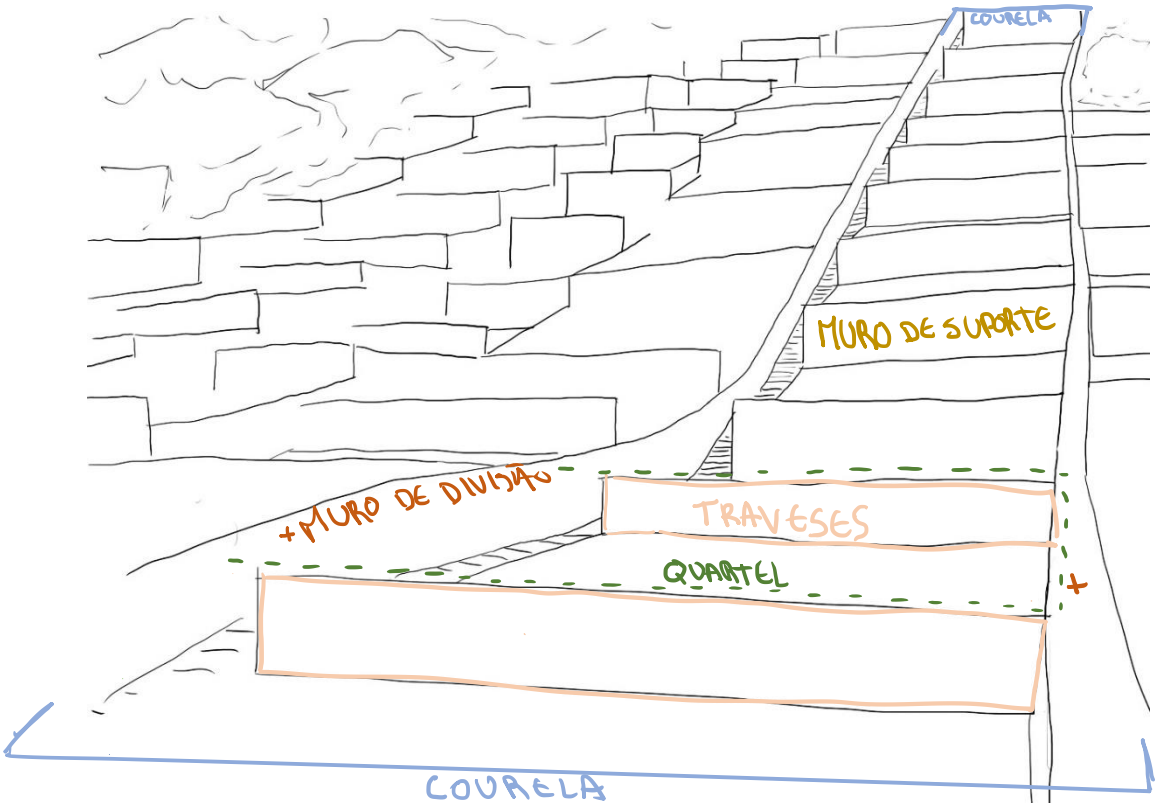


Figura 25 – Desenho esquemático da constituição de courela e quartel (Fonte: Autor)

A repetição destas formas, só por si, consegue criar harmonia na paisagem, pelo facto de apresentarem uma geometria mais ou menos regular, resultando num desenho reticulado relativamente homogéneo.

É possível verificar uma gradação, uma vez que, como o declive não é constante ao longo de todo o perfil da encosta, nas cotas mais altas os *currais* adotam dimensões mais pequenos e vão aumentando de tamanho até às cotas mais baixas.

A irregularidade é a forma com que estas construções têm de se adaptar ao contexto. Como refere Guerreiro (2016) ao citar a teoria de *Wholeness* de Chirstopher Alexander (2002) “As coisas que têm vida verdadeira têm sempre uma certa irregularidade. Isto não é uma propriedade acidental. Não é o resultado duma cultura inferior, ou o resultado de ser feito manualmente. É uma característica estrutural essencial sem a qual uma coisa não se pode tornar um todo”.



Figura 26 - Quartéis em socalco, São Lourenço (Fonte: Autor, junho 2022)

Estes espaços estão destinados, maioritariamente, ao cultivo de vinha, mas também com pouca expressão, de bananeira e hortícolas para consumo caseiro. Ao longo da baía, surgem pontualmente figueiras.

No passado, por vezes também poderiam haver *currais* para guarda de gado bovino ou suíno que se alimentava dos restos da alimentação doméstica (lavagem) e, por sua vez produzia excrementos que eram depois colocados nos *covachos* para a fertilização da vinha.

Os *covachos*, ou *casolas* (figura 27), são os pequenos círculos em terra exposta e dispostos em quincôncio, quando a área do curral assim o permite, onde estão plantados os pés de vinha. Normalmente cada covacho apresenta menos do que três pés plantados e dimensão menor que 1m de diâmetro. O restante quartel está coberto com material inerte local, rochas do mesmo basalto que constrói os socalcos e muros, mas com dimensão mais reduzida. Este empedramento, denominado *calçada* ou *calço*, em pedra solta poderá atingir uma espessura de 50cm, o que protege os pés de vinha plantados nas casolas, que depois desenvolvem-se de forma rasteira sobre estas pedras. Trata-se de um sistema muito eficiente simultaneamente de aproveitamento da pedra, de redução da evapotranspiração, de controlo de infestantes, e de suporte ao desenvolvimento dos pés de vinha, dispensando a sua tutoragem.



Figura 27 – Quartel com plantação de vinha recente e com a calçada num bom estado de manutenção permitindo fácil reconhecimento das casolas, São Lourenço (Fonte: Autor, junho 2022)

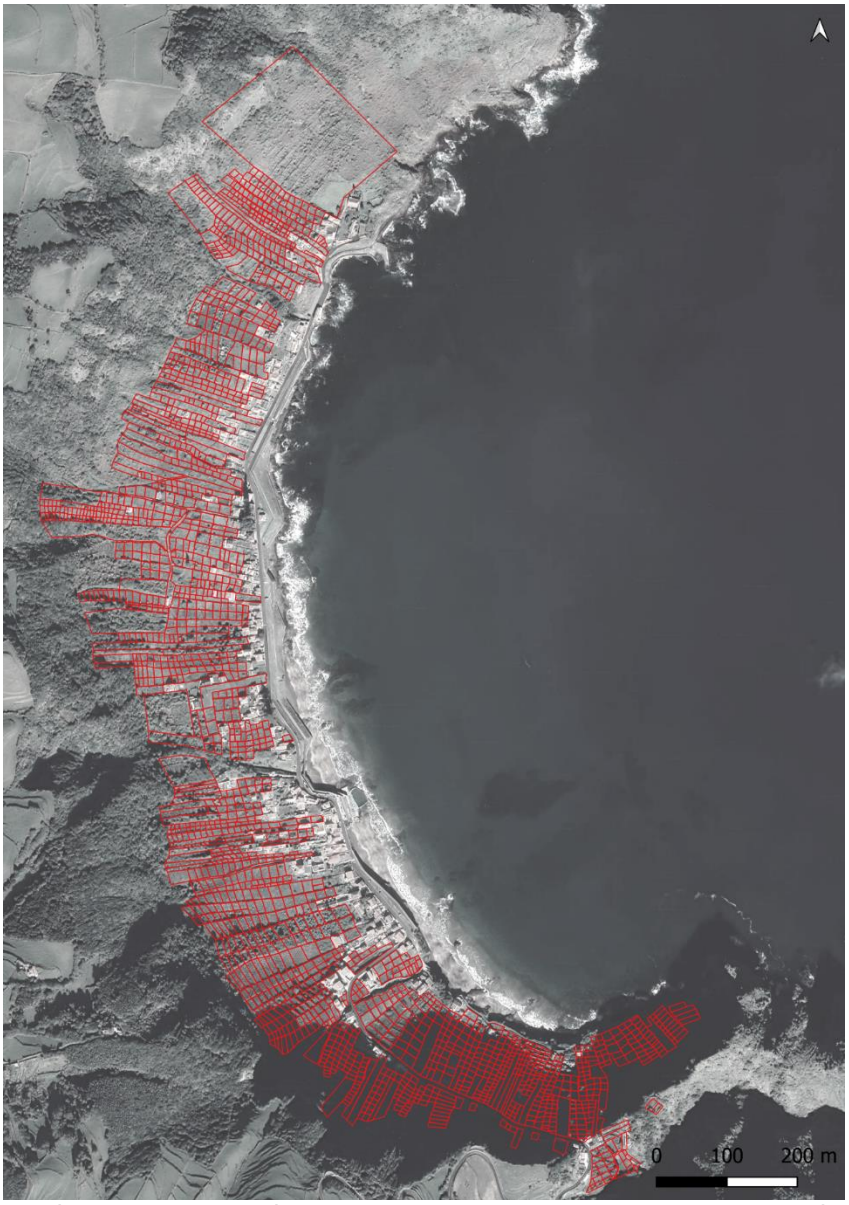


Figura 28 - Quartéis facilmente identificáveis. A vermelho estão indicados os limites dos quartéis, sendo que há polígonos que englobam mais do um quartel, porque não é possível desenhar cada um individualmente, por isso adotou-se representar a propriedade, ou um conjunto percecionável de quartéis, perfazendo 1838 quartéis 28,2ha. Estima-se que a paisagem terá mais do que 2000 quartéis, ocupando uma área com mais de 30 hectares. Área menor dos quarteis identificados é de 20m^2. O maior valor e o valor médio não é possível calcular, tendo em conta que o levantamento não constou apenas da unidade quartel, mas serão em média inferiores a 100m^2 (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC e Google Earth Pro)

Os *currais* cujas culturas foram abandonadas tomam o nome de mortórios, tal como os socalcos fósseis do Alto-Douro Vinhateiro, que são recolonizados por vegetação quer autóctone, quer exótica. A sucessão ecológica é visível nos *currais* abandonados, podendo ser até um indicador do tempo a que o *quartel* está sujeito à falta de manutenção. A recolonização é feita fundamentalmente por *Equisetum arvense* (Cavalinha, quando próximos de linhas de água), *Picconia azorica* (Pau-branco), *Pteridium aquilinum* (Feto), *Arundo donax* (Canas), *Ipomoea indica* (Bons-dias), *Pittosporum undulatum* (Incenso), e *Rubus sp* (Silva), maioritariamente.

1.3.2. Escadas

O acesso aos quartéis é feito por estreitos caminhos e escadarias ao longo da encosta íngreme, ou seja, surgem perpendiculares à linha de costa e transversalmente aos currais (figura 29). Os degraus estão embutidos na encosta, construídos de forma tradicional com o basalto local e não necessariamente com pedra regular, tendo apenas o cuidado de deixar a face superior aproximadamente plana. São raros os casos em que os degraus de acesso surgem encastrados nos muros (os degraus fazerem parte das pedras que compõem o muro), ou as escadas estarem longitudinalmente na face frontal do socalco.

É também importante referir que, estes simples, perigosos e, na maioria das vezes, estreitos e compridos escadórios para além de servirem de acesso, servem também de corredor de passagem e transporte dos utensílios agrícolas e das uvas.

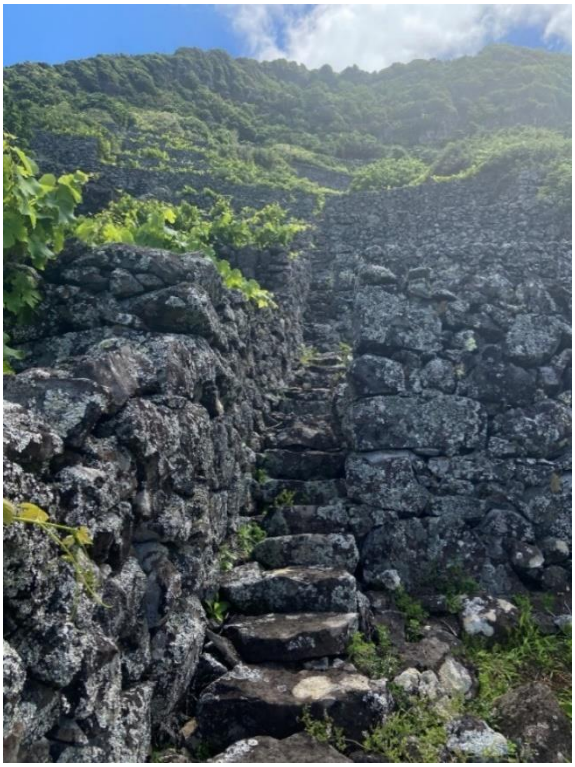


Figura 29 - Escadas de acesso, São Lourenço (Fonte: Autor, junho 2022)

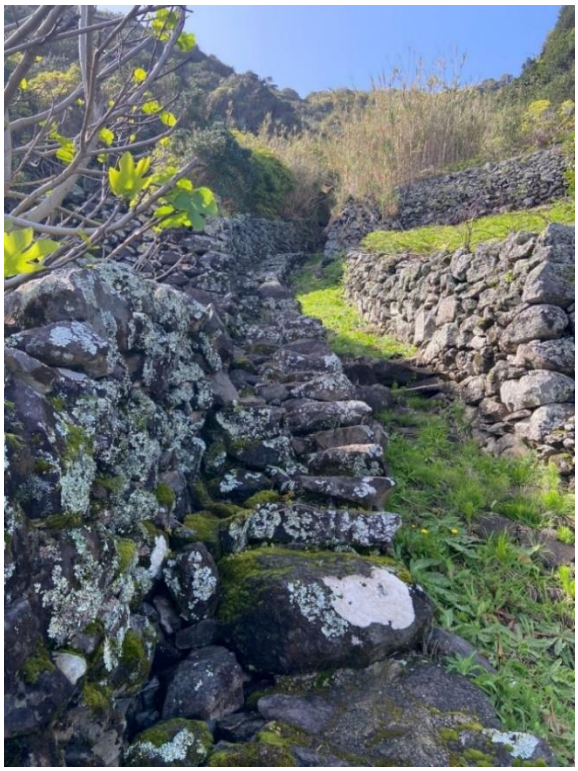


Figura 30 - Degraus a confrontar com uma linha de água à direita, Fajãzinha, São Lourenço (Fonte: Autor, março 2022)

1.3.3. Muros

A remoção de pedras do solo era reutilizada para a construção dos muros. Estes resultam da sobreposição de pedras sem auxílio de qualquer argamassa (nem nas juntas, nem como reboco), vulgo muros de pedra seca, que simplificando, são construídos com pedras irregulares, mas semelhantes entre si, onde as de maior dimensão são colocadas na sua fundação e apresentam as juntas desencontradas. Os muros são “dobrados”, ou seja, com duas fiadas de pedras travadas com perpianhos e com capeamento. Estes muros apresentam um perfil ligeiramente inclinado e com um acabamento superior irregular. O “arrumar pedra” foi fundamental para a construção rendilhada que caracteriza este parcelamento do território delimitando a propriedade e os currais.

A *courela* é dividia pelos *travesses*, muros que nas áreas mais baixas e de menor inclinação surgem com o objetivo de melhor conseguirem assegurar a proteção das parreiras relativamente aos ventos e contra a salinidade. À medida que os socalcos se situam a maior elevação, as paredes diminuem de altura. Em muitos casos, nos últimos socalcos da encosta não existe qualquer parede de pedra acima do nível plano do socalco (Gaspar, 2005). Nestes casos, existem apenas os muros que suportam o socalco, permitindo a acumulação de solo, vencendo assim a encosta ingreme e possibilitando a plantação de vinha nestas plataformas.

Os muros de divisão, surgem perpendicularmente à linha de costa, como divisão entre proprietários, ou como divisão de um patamar de dimensão maior.

É esta presença de muros na paisagem que se considera o elemento de referência mais interessante: construídos com basalto, pedra sobre pedra, seja para suporte, proteção, ou divisão formam a notável grelha. De facto, é esta mancha que domina a paisagem, aquando da manutenção devidamente executada.



Figura 31 – Quartéis, Ponta Negra, São Lourenço (Fonte: Autor, junho 2022)

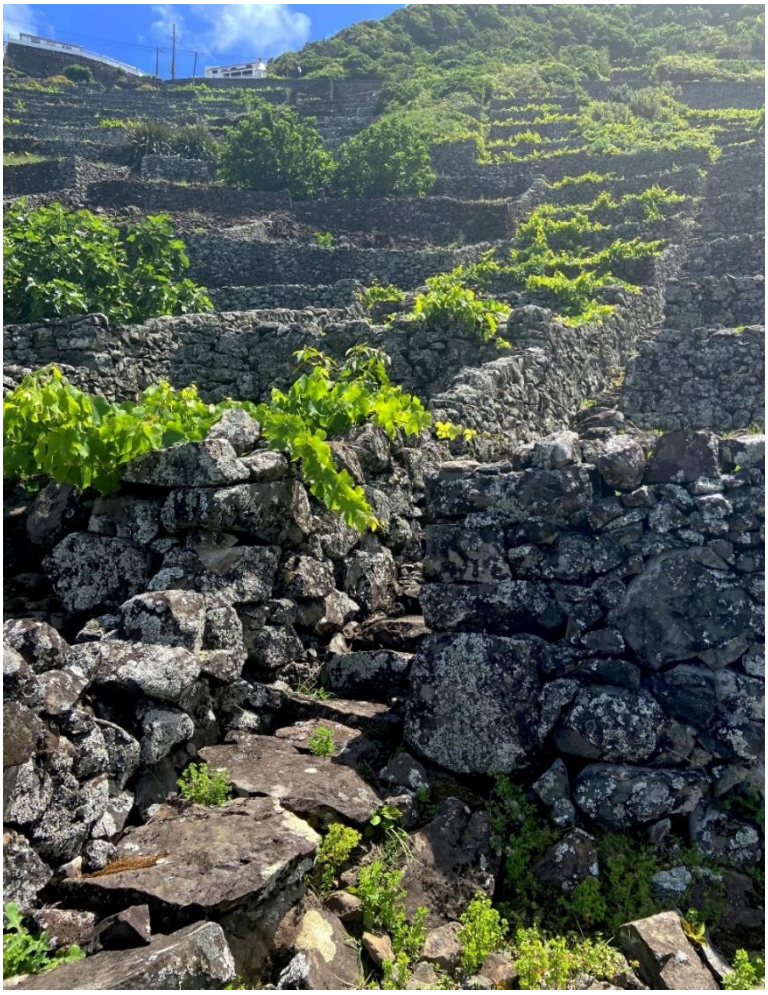


Figura 32 – Quartéis, São Lourenço (Fonte: Autor, junho 2022)

1.3.4. Canais de drenagem

A construção dos socalcos e dos currais em toda a encosta obrigou a uma gestão muito cuidada dos percursos da água, através de canais de drenagem, garantido o bom escoamento, a fim de evitar danos na vinha e nas estruturas construídas. Sendo que estes danos são potenciados pelas características da fajã (encosta inclinada e zona de festo sem vegetação suficiente).

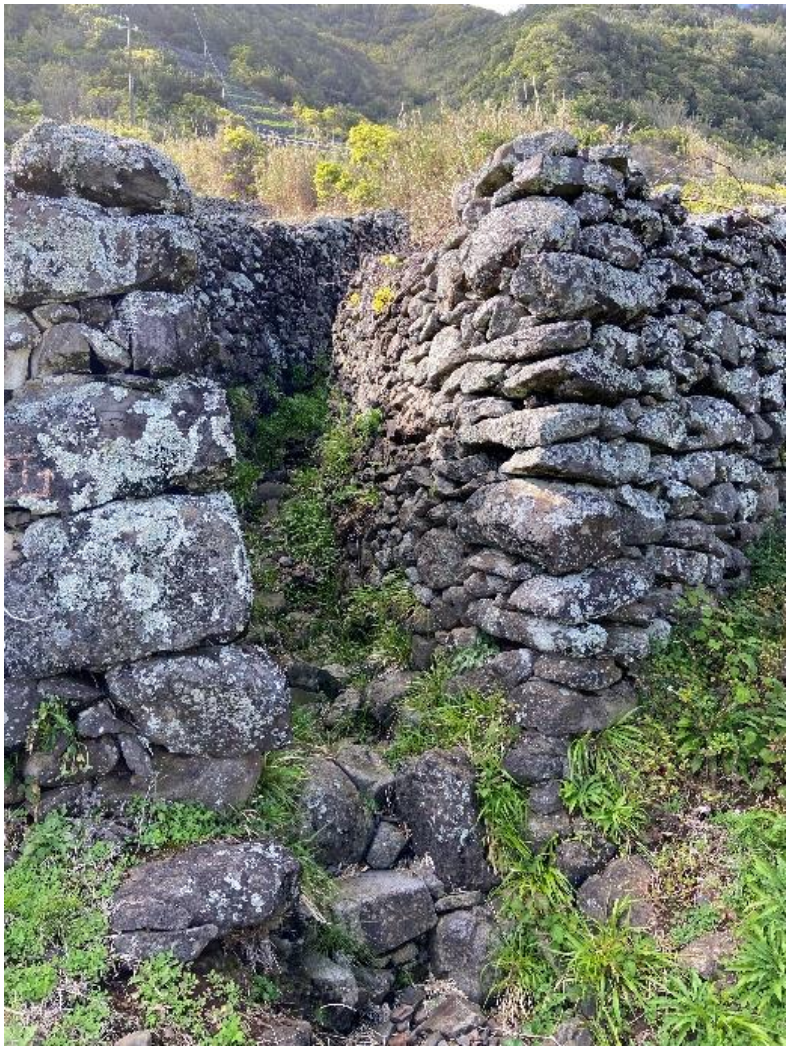


Figura 33 - Linha de água (Fonte: Autor, março 2022)

A rede de drenagem parece adotar a forma natural da linha de água, como se verifica na figura 34. Em específico, a certa altura o curso bifurca, sendo que um ramo continua a percorrer ladeado pelo caminho retilíneo de acesso aos quartéis e o outro corta a geometria regular dos quartéis, interrompendo a courela e o desenho quadrangular típico. Esta configuração distingue os cursos de água das escadas de acesso, uma vez que as últimas têm sempre desenho retilíneo perpendicular à linha de costa, enquanto que os cursos podem apresentar um desenho mais natural. Apesar disto, nota-se que muita água é escoada pelas escadas, através de um estreito canal entre os degraus e os socalcos (figura 35 e 36). Ainda se pode referir que, frequentemente o curso corre a um nível inferior aos socalcos, sugerindo que percorre sob a face da encosta.



Figura 34 - Linha de água, Fajãzinha (Fonte: Autor, fevereiro 2022)



Figura 35 - Zona mais a montante da linha de água apresentada na Figura 30. A escada confronta com o canal. Fajãzinha
(Fonte: Autor, março 2022)



Figura 36 – Estreito canal de drenagem entre a calçada e a escada (Fonte: Autor, março 2022)

Aquando da inexistência de canais de drenagem, ou da sua obstrução (por vegetação ou pedras caídas dos muros) e na ocasionalidade de períodos de maior precipitação, o sistema de escoamento de água torna-se insuficiente. Isto faz que com a mesma se encaminhe livremente e por consequência é atingido o limite de capacidade de carga nos socalcos provocando a destruição da sua arquitetura (figura 37).



Figura 37 – Muro parcialmente destruído (Fonte: Autor, maio 2022)

Por fim, não há nenhum curso de água com as margens naturalizadas, estes estão todos circunscritos entre quartéis e, na ocasionalidade do leito ser mais estreito que o canal, surgem nas margens cavalinha, canas, ou a cultura do inhame.



Figura 38 - Linha de água que foi desviada para construção da casa. O inhame acompanha o canal (Fonte: Autor, maio 2022)

1.3.5. Arquitetura doméstica e religiosa

As casas que se associam à paisagem rural mariense são as que seguem o modelo de casa com fachada janela-porta-janela, isto é, uma porta central com uma janela para cada lado, ou apenas janela-porta, como se verifica em algumas adegas. Este tipo de construção já não assume a maioria das construções presentes em São Lourenço, porém, juntamente com novas arquiteturas, continuam a assumir a função de moradia de veraneio, de apoio à atividade vitivinícola e raramente de habitação permanente.

A casa típica é de planta térrea retangular e forno semicilíndrico saliente. É contruída em alvenaria de pedra rebocada e caiada, com o soco, os cunhais e as molduras dos vãos pintadas de azul, cor associada à freguesia de Santa Bárbara[6], ou com a cor típica da freguesia do proprietário. As coberturas são de quatro águas, em telha de meia-cana tradicional. As janelas são de guilhotina de duas folhas [Bruno (Coord.), 2005]. Seguem este tipo de construção as adegas, maioritariamente distribuídas na proximidade da habitação, sendo que nos tempos atuais, muitas destas adegas já foram adaptadas a pequenas habitações. Outra característica das casas típicas marienses é o seu forno e chaminé salientes e diferenciados do restante volume da casa.

As exceções a esta arquitetura resultam geralmente da construção de casas "mais recentes", ou da remodelação das casas típicas sem a preocupação de manter o modelo mariense. A alteração do aspeto da casa também resulta da sua divisão (aquando da divisão familiar), ou da sua ampliação, ou o caso quando as antigas adegas estão adossadas à habitação e passam a ser novos compartimentos dela (por exemplo novas casas de banho, quando antes apenas havia retretes no exterior da casa).

Em relação à arquitetura religiosa, as ermidas existentes são também de planta retangular e nave única, e construídas em alvenaria de pedra rebocadas e caiadas, mas com orientação no seu eixo longitudinal, com uma porta axial e as coberturas são de duas águas.

[6] A casa rural típica de Santa Maria distingue-se pela predominância da cor branca no seu corpo e pelo soco, os cunhais e as molduras dos vãos de cores distintas em cada uma das cinco freguesias do concelho. Em Santa Bárbara (freguesia onde fica o lugar de São Lourenço) é utilizado o azul-anil, em São Pedro o amarelo, em Almagreira o vermelho-almagre, em Santo Espírito o verde e em Vila do Porto o cinzento. As exceções ocorrem quando a casa não segue o desenho desta arquitetura tradicional, ou quando o proprietário é natural de outra freguesia que não aquela onde tem a propriedade. É curioso que Sohpia de Mello Breyner se tenha referido a esta particularidade do contraste do branco com as barras no seu poema sobre os Açores (O Nome das Coisas, 1977): "As casas são brancas/ Em luz de pintor/ Quem pintou as barras/ Afinou a cor".



Figura 39 - Ermidas de Nossa Senhora do Desterro, de São Lourenço e de Jesus, Maria e José (Fonte: Autor, abril 2022)

Todas estas construções brancas, concentradas nas cotas mais baixas, contrastam com a restante paisagem negra dos currais ou verde quando as vinhas estão com folhagem. Esta diferença entre cores, texturas e materiais também contribui para a diversidade e caráter do lugar. Segundo Guerreiro (2016) “A dualidade dá lugar à complementaridade que por sua vez gera diversidade.”



Figura 40 - Baía de São Lourenço (Fonte: Autor, junho 2022)



Figura 41 - Baía de São Lourenço (Fonte: Autor, março 2022)

2. A vinha em Santa Maria

Videiras do nosso espanto
Com a casta da amizade

Dionísio bem-disposto
Fez do vinho liturgia

Pedras brancas da delícia
Que beber não é pecado

Este vinho que me abrasa
É grãozinho na asa

Devagar devagarinho
Bebo um copo de vinho
Para matar a tristeza

Poema tradicional dos Açores

A vinha foi introduzida nos Açores desde cedo com a ocupação portuguesa. As características do arquipélago, como a sua amenidade climática, permitiram adotar e satisfazer este hábito alimentar consolidado no Continente, pois como diz Sousa (2004) o vinho era um "suplemento nutricional que fornecia satisfação física e estimulação, quando não diferentes níveis de intoxicação e a entrada fácil em paraísos artificiais". Tal como afirma Marques (2020) "no passado, o vinho era usado para suprir a falta de energia de uma dieta exígua, aliada à subnutrição e à pobreza. A sua produção reflete a diversidade ecológica e estética das paisagens portuguesas, que se traduz numa enorme variedade de castas autóctones que nos permitem atingir uma grande diversidade e originalidade nos vinhos produzidos." Para além da importância na dieta alimentar, também é utilizado nos rituais religiosos.

Neste capítulo serão referenciados uns breves apontamentos sobre a história da vinha na ilha, sendo que, Santa Maria, como a primeira a ser povoada pelos portugueses, terá sido também a primeira a receber o cultivo da vinha.

Se a produção de cereais se assumiu, desde cedo, como a principal cultura (Constância, 1982, p. 233), a plantação dos vinhedos deu-se na periferia da ilha (figura 42) que nunca poderia ter sido utilizada para terras de pão. As suas encostas íngremes revestem-se de socalcos com vinhas plantadas em *quartéis* que se prolongam desde a cumeada até à beira-mar. Esta organização à custa de um enorme esforço humano para ganho de área de plantio, permite conquistar áreas pouco propícias para a cultura cerealífera e a criação de gado.

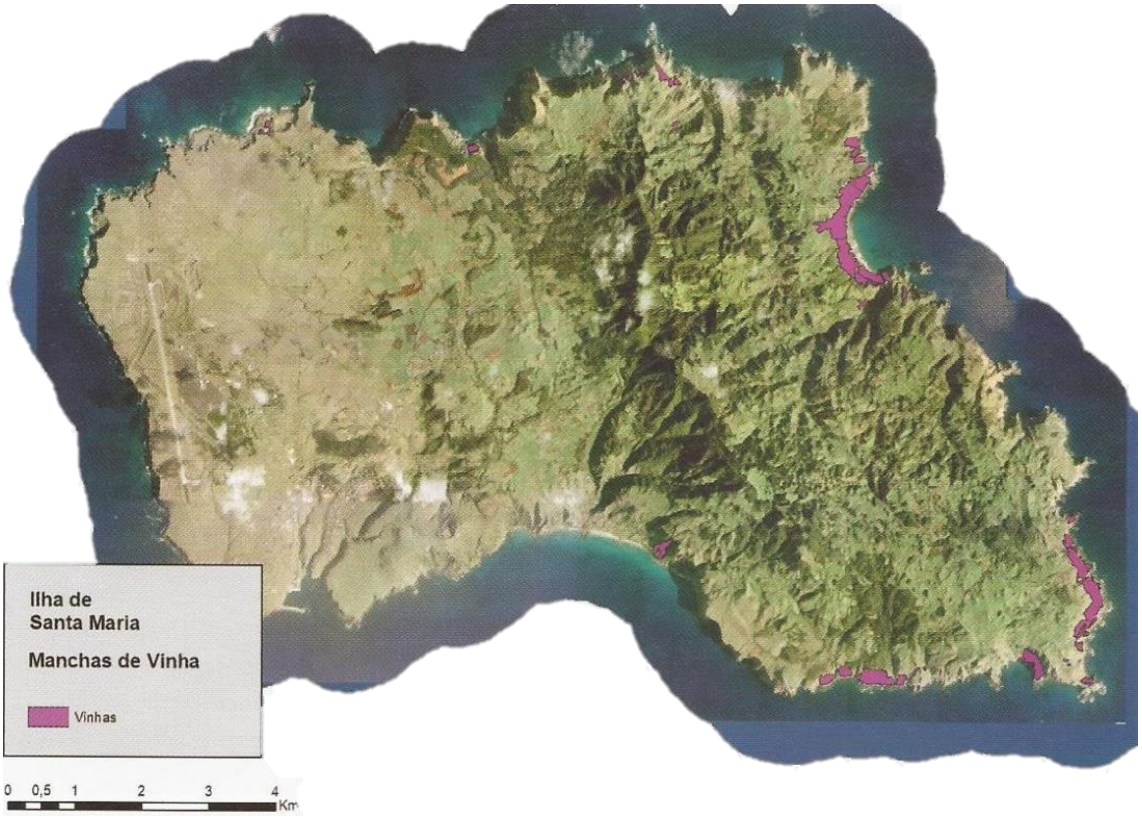


Figura 42 - Localização das atuais manchas de vinha litoral na ilha de Santa Maria. De norte para sul na direção dos ponteiros do relógio, estão representadas as seguintes localidades: Anjos, Baía do Raposo, Norte, São Lourenço, Maia, Vinha Velha, Sul e Praia (Fonte: Isabel Albergaria e Ricardo Cruz)

As castas introduzidas nos Açores terão sido provenientes do território continental e da Ilha da Madeira, como a casta Verdelho (Medeiros, 1994, p. 200). A produção de uva e vinho desde cedo representa um peso significativo na economia local, em quantidade e qualidade, chegando a exportar-se vinho para a Ilha de São Miguel, para a Metrópole, mas também para Londres, Ceuta e Tânger (Figueiredo, 1990, p. 33; Gaspar, 2005, p. 334; Lima, 2021, p. 5). Todavia, Santa Maria, apesar de ser a ilha do arquipélago com valores de humidade atmosférica mais baixos e, por isso, menos sujeita a pragas, também ela foi atacada por doenças como o oídio e da filoxera em meados do séc XIX, que obrigaram à substituição das castas existentes por castas

com origem americana, resistentes a estas pragas (Albergaria, 2021), designadamente *Isabella* (denominada por vinha de cheiro), *Abremon* (corresponde a *Jacquês* nas outras ilhas), ou *Jacquês* (*Herbemont* nas restantes ilhas) (Gaspar, 2005, p. 345). Presentemente ainda se verifica a presença de castas americanas e a produção de vinho é apenas para consumo próprio.

Em Santa Maria, tal como nas restantes ilhas açorianas, o modo de cultivo mais usado para a vinha era, tal como hoje, a vinha "rasteira", ou seja, comanda-se as vides rebaixando-as com pedras de modo a revestirem o solo, com isto, alcança-se uma proteção contra os ventos salinos, o calor gerado pela calçada, redução da erosão do solo e redução de mondas. Aquando da frutificação as varas das cepas são levantadas com pedras (colocando-as agora por baixo), ou elevadas com canas.

Quanto à detenção dos terrenos vinhateiros, inicialmente e com maior expressão, estavam vinculadas à modalidade de morgadios e capelanias[7]. Já o regime de exploração podia ser por conta própria, por parceria, ou ainda por arrendamento (enfiteuse) (Albergaria e Lima, 2019). Com a extinção das capelas e dos morgadios em 1863, que passam a ser considerados um entrave ao desenvolvimento económico e problema social, surge a oportunidade de outras pessoas (externas às famílias nobres) passarem a ser os novos proprietários, nomeadamente os vinhateiros que já exploravam as propriedades.

Em tempos, a dispersão das vinhas plantadas nestes lugares litorais, exíguos, isolados e limitados por encostas íngremes condicionou o acesso e, concretamente, o transporte do vinho (Medeiros, 1994, p. 202). A dificuldade de comunicação com as fajãs, devido aos terrenos declivosos e falta de estradas, obrigou a construção de abrigos para permanência aquando da necessidade de operações culturais mais demoradas, assim como também obrigou a construção de adegas para a vinificação. Para a produção de vinho, os locais aproveitaram a abundância de rocha basáltica para aí escavarem os seus lagares, concentrando assim o processo de vinificação próximo dos lugares da vindima (Ramalho, 2021, p. 22). O vinho seria depois transportado para fora das fajãs por via marítima. Hoje em dia, apesar de já haver estradas que abrem algumas fajãs à ilha, há quartéis que mantêm o acesso por mar por quanto é difícil o acesso terrestre.

[7] Forma institucional e jurídica para defesa da base territorial da nobreza e perpetuação da linhagem. As capelanias surgiam quando a afetação de domínios e seus rendimentos se destinavam a serviços religiosos por alma dos instituidores. Os morgados constituíam um "vínculo" que não podia ser objeto de partilhas; era transmitido ao filho varão primogénito, no entanto, na falta deste poderia passar à linha feminina, enquanto não houvesse descendente varão. (Direcção-Geral de Arquivos, 2016)



Figura 43 - Fajã do Sul (Fonte: Autor, março 2022).

"No começo desta rocha de Malbusca, (…) está a Fajã de Pero Velho [Fajã do Sul], de mais de dois moios de terra e moledais, a qual foi mato de murtal e pau branco e outro arvoredo; tem vinhas que dão cinquenta pipas de vinho. Junto de um ribeiro, que corre, de fontes do pé da rocha ao mar, por antre a vinha, e vai ter à porta de um lagar (onde o podem meter dentro por cales), que está feito junto de um porto, que, ainda que é tão estreito que os remos chegam às lagens, entram nos barcos muito à vontade, como de cais a pé enxuto, onde embarcam os vinhos das vinhas, por não haver caminho pela rocha acima, por onde passem os carros." (Frutuoso, 1998, volume III p. 37)

Para além dos problemas fitossanitários e as árduas condições de cultivo, a emigração, verificada sobretudo a partir da década de 60 do século passado e a baixa densidade populacional que hoje se verifica também surgem como um significativo problema para a perpetuação desta paisagem. A escassez de mão de obra e um maior interesse por outros setores económicos resulta no abandono progressivo desta atividade. Contudo, a perda desta paisagem profundamente humanizada, uma das mais, senão a mais, identitárias da ilha, reflete-se na preocupação dos marienses que, exprimem "o gosto de voltar a vê-la como antigamente"[8].

[8] Dos contactos havidos com a população mariense, todos são unanimes na recuperação e defesa das paisagens vinhateiras de São Lourenço e da Maia.



Figura 44 - Baía de São Lourenço, anos 50 (Fonte: https://www.facebook.com/media/set/?set=a.493549757329287&type=3)



Figura 45 - Vindimas em São Lourenço em setembro de 2020 numa das parcelas candidatas ao programa VITIS. (Fonte: Isabel Albergaria, 2020)

3. Identidade

> "A ilha e a condição da insularidade constituíram-se, frequentemente, como continuado pretexto afetivo e intelectual de questionação do tema da identidade cultural, tema polémico e complexo."
>
> Reflexão de José Martins (2021) sobre a identidade cultural de Onésimo Teotónio de Almeida

Numa altura em que a globalização e os seus efeitos são notáveis é prudente trabalhar sobre a identidade local. A identidade é um conceito dinâmico, em construção. Segundo a Caracterização e Identificação das Paisagens dos Açores [Abreu (Coord.), 2001, p. 52] a identidade está ligada à marca deixada na paisagem em termos histórico-culturais e confere uma importante "capacidade narrativa (capacidade da paisagem para transmitir informação sobre a história natural, o seu uso, as atividades e comunidades humanas que sucessivamente a transformaram), sendo que as paisagens com uma identidade mais forte são também aquelas onde o carácter é mais claro e facilmente identificável."

A Política Nacional de Arquitetura e Paisagem (PNAP) defende que as paisagens são um "testemunho vivo do passado coletivo, materializando em obra e sedimentando no espaço a cronologia do tempo histórico, a herança da própria História." Neste sentido, guardam memórias e vivências, assim como representam ideias e valores. Definem, por isso, o espírito do lugar e concorrem para a materialização de uma identidade coletiva, que contribui para o sentido de enraizamento e pertença, que a Convenção Europeia da Paisagem (CEP) e a PNAP referem como um "fator inerente à própria condição humana, essencial ao bem-estar dos indivíduos e à qualidade de vida do ser social."

As ilhas, como locais circunscritos, sempre originaram matéria para inspiração "(…) poético-literária e artística (da poesia e da narrativa, à pintura, à música e ao cinema), mas também de prolongada reflexão filosófica, cultural e identitária." (Martins, 2021). A condição de insularidade aumentada pela pequena dimensão das ilhas, o seu relevo e condição vulcânica e a preservação de modelos vernáculos de ocupação rural e urbana, fazem das paisagens açorianas um dos seus mais importantes referentes identitários. Neste capítulo pretende-se abordar esta questão partindo do geral para o particular, ou seja, desde o conceito de identidade até à identificação da identidade de São Lourenço. Ainda que São Lourenço, se tenha transformado, essa evolução não provocou ruturas drásticas e a paisagem ainda mantém traços interessantes a serem preservados, permitindo que seja fortemente representativa da identidade local, da ilha, e do arquipélago.

3.1. Carácter

"Num mundo globalizado como o atual, o património desempenha um papel cada vez mais importante na vida de uma comunidade, uma vez que o passado e as suas características identitárias são o que mais faz distinguir as comunidades entre si."

Lúcia Cardoso Sousa, 2014 *in* Património como estratégia de desenvolvimento local: o caso de Arnelas, Crestuma e Lever.

O conceito de carácter da paisagem é trabalhado por diversos autores. Segundo [Abreu (Coord.), 2001, p. 21], o carácter de uma paisagem "resulta de múltiplos fatores ou variáveis, e é a forma como estes se combinam que lhe confere um carácter coerente e distinto da envolvente, reconhecido pelas populações, e que constitui parte da identidade local (…)", ou seja, como refere Gomes (2011, p. 15), ao citar Marc Antrop (2005), o carácter da paisagem está estreitamente associado à sua identidade e enfatiza a sua singularidade: "(...) [Uma paisagem com carácter] contém a história completa de um lugar ou região, e pode ser lida por meio da sua composição ou estrutura." Neste sentido, o estudo da paisagem é fundamental para a apreensão da sua evolução, estrutura e características identitárias e singularidade e, ao reconhecer o carácter próprio, torna-se mais fácil estabelecer medidas e estratégias de intervenção. Este conceito permite, portanto, identificar os aspetos principais de uma paisagem e, consequentemente, encontrar a essência do lugar.

O conceito de carácter da paisagem, associa-se ao próprio conceito de paisagem cultural, pois ambos são entendidos como o resultado da interação do homem com o território, ou seja, o resultado holístico da expressão natural e cultural, pois a paisagem contém a história do lugar e revela a identidade da sua população.

Os fatores de origem biofísica e socioeconómica conferem à paisagem a sua identidade e singularidade. Ademais, estes fatores, determinantes para a especificidade da paisagem, acabam por ser os mesmos: relevo, altitude, clima, proximidade do mar e insularidade, coberto vegetal, fauna, exposição solar, uso do solo, ocupação humana, entre outros. É o conjunto desses fatores e da sua combinação que resulta naquela paisagem de carácter percetível e único de São Lourenço. Por outro lado, a descaracterização da paisagem é um risco que resulta da perda do seu carácter, conduzido, por exemplo, pela simplificação, homogeneização ou transformação descontextualizada.

Pretende-se, agora, expor o carácter da paisagem da baía vinhateira de São Lourenço. Esta paisagem como o rosto do território é de facto reveladora de excecionalidade. Resulta de uma criação artificiosa e engenhosa de uma paisagem

agricolamente produtiva, marcada pela construção de um vasto reticulado de *quartéis* em socalcos, que alterou significativamente a paisagem natural da fajã de São Lourenço, tendo a comunidade local marcado assim o início de uma etapa da história da ocupação insular e de uma nova cultura.

Esta paisagem, inicial e maioritariamente construída para a cultura da vinha, é uma paisagem multifuncional na qual os diferentes usos estão em concordância com as características biofísicas do território, nomeadamente o aproveitamento da encosta para produção, a edificação de construções para apoio à cultura da vinha na zona mais plana e mais litoral e, mais recentemente, de casas de férias para proveito na época balnear. São Lourenço contém um determinado nível de diversidade, coerência interna e um carácter próprio, reconhecido na Caracterização e Identificação das Paisagens dos Açores (2001) e no Livro das Paisagens dos Açores (2005) como Unidade de Paisagem SMA7 Baía de São Lourenço.

Tal como já referido acerca do tipo de arquitetura presente, estas estruturas construídas em conjunto com os componentes naturais, particularmente o relevo e a vegetação, dotam a paisagem de uma qualidade rural e visual passível de ser percecionada e vivenciada, uma vez que transparece uma ordem, pela sua organização e regularidade; diversidade, pela quantidade de componentes; coerência; equilíbrio e impacto sensorial, sendo que todos estes fatores contribuem para toda a unidade desta paisagem.



Figura 46 - Vista da Quinta de Jesus, Maria e José, 1985
(Fonte: https://www.facebook.com/media/set/?set=a.493549757329287&type=3)



Figura 47 – Construção rural mariense, Fajãzinha. Provavelmente a função inicial seria de adega, hoje serve como habitação para férias (Fonte: Autor, maio 2022)

A Baía de São Lourenço, apesar de não ser uma paisagem natural ou silvestre, mas antes uma paisagem clara e intencionalmente modificada pelo Homem, possui um forte caráter pitoresco (ou pinturesco) e, portanto, inspiradora para o registo pelo artista, tal como mostra o pintor micaelense Domingos Rebelo na sua representação desta paisagem rural (figura 48). Esta qualidade apreciável representa o que defendia Caldeira Cabral, referido por Covas (2017) "a beleza deve ser o reflexo espontâneo da boa adequação da obra ao fim proposto, como qualidade intrínseca (…)", neste caso, a adaptação da encosta a paisagem vinhateira atribui-lhe beleza intrinsecamente.



Figura 48 - São Lourenço pelo pintor Domingos Rebelo, 1939 (Palácio da Conceição, São Miguel)

Apesar desta singularidade, São Lourenço segue a mesma organização de outras paisagens da ilha, partilhando significativas semelhanças com outras paisagens vinhateiras, como a Maia. Ainda assim, tem características de raridade e de paisagem única. Esta organização em socalcos que aqui se evidencia diverge dos restantes *quartéis* açorianos, dos poios[9] da Ilha da Madeira e dos socalcos no continente português, sendo estes dois últimos associados a montanha e vales de rios, respetivamente.

[9] Poios - designação popular madeirense para socalcos cultivados (não necessariamente com vinha) nas vertentes das montanhas, arribas e vales.

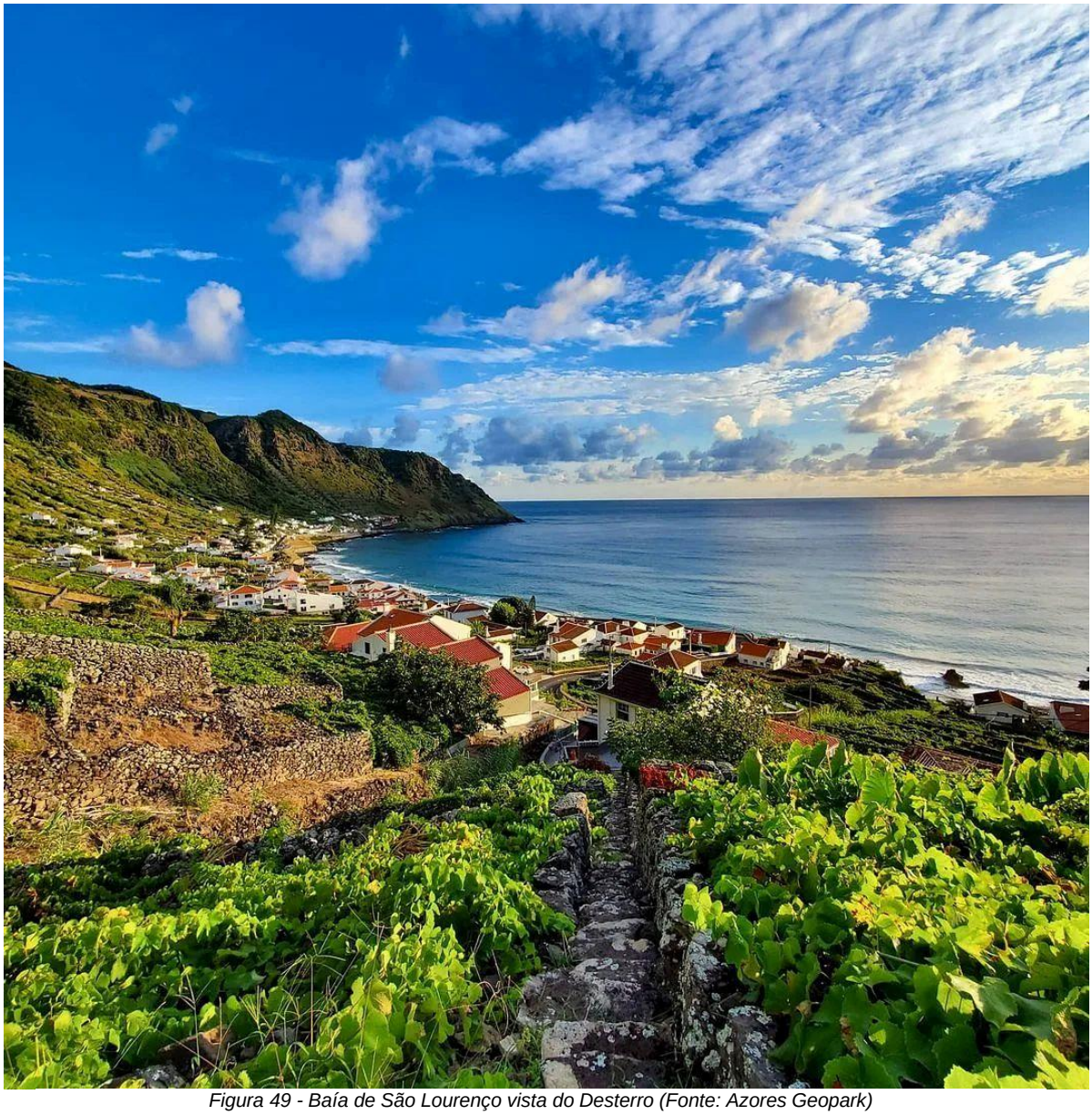


Figura 49 - Baía de São Lourenço vista do Desterro (Fonte: Azores Geopark)

3.2. Valor

"Tais são os valores: referências, que, transpostas sobre um campo de circunstâncias contingentes, proporcionam ao sujeito os referenciais [necessários para a ação] (…)"

Jean-Paul Resweber, *A Filosofia dos valores*

Os valores são referências para o agir. Com isto é possível deliberar sobre as ações tomadas na gestão do território, com base nos valores que lhe são atribuídos. No entanto, valor, como conceito construído pelo ser humano, está sujeito a ser reinventado ou atribuído novo significado. Ainda assim, os valores surgem enquanto qualidade que a paisagem pode adquirir a partir da avaliação do observador e esses valores identificados são valiosos, ou seja, estão sujeitos a estima.

É, por isso, imperativo apurar os valores presentes na paisagem para que nela se possa agir de uma forma orientada e guiada. Para isto, é necessário estudar a sua génese e evolução, o seu metabolismo natural, a sua ocupação ao longo dos tempos e novas formas de funcionamento impostas por qualquer transformação, e ainda senti-la, e interpretá-la. A partir da análise e conhecimento adquirido, passar por um processo de pensamento e reflexão para que se possa atribuir valores à paisagem e, por fim, agir sobre ela com vista à conservação desses valores.

Portugal ao assinar a Convenção Europeia da Paisagem (CEP) em 2005 considera que "a paisagem desempenha importantes funções de interesse público nos campos cultural, ecológico, ambiental e social e que constitui um recurso favorável à atividade económica, cuja proteção, gestão e ordenamento adequados podem contribuir para a criação de emprego" (Decreto nº. 4/2005, preâmbulo). No sentido de compreender a importância da paisagem de São Lourenço, procedeu-se a uma leitura dos valores inerentes a esta paisagem. Para isto, adotou-se uma visão holística, integrando as suas diferentes dimensões.

Para apurar o valor ambiental e ecológico é necessário incluir as componentes físicas e biológicas dos ecossistemas (Abreu, et al., 2001). A armação do terreno através dos socalcos construídos com muros de pedra seca local, para além de permitir o aumento da área útil para cultivo, diminui a velocidade de escoamento, armazenando e libertando a água gradualmente socalco a socalco. Este efeito é aumentado pela presença das pequenas pedras sobre o solo que retêm água que, gradualmente, se vai infiltrando para níveis freáticos inferiores. Desta forma, há uma gestão sustentável da água das chuvas, que assim percorre a encosta lentamente e não diretamente para o

mar, diminuindo também o risco de erosão da encosta. Esta disponibilidade de água favorece a colonização das pedras por líquenes e musgos. A diversidade biológica é significativa, quer ao nível das espécies vegetais quer animais, sendo estas autóctones, exóticas ou migratórias, como o cagarro (*Calonectris borealis*) (figura 50). São exemplos desta importância biológica, a presença de plantas nativas (descritas anteriormente), quer na sucessão ecológica dos mortórios, quer noutros locais sem atividade humana significativa. Este valor é reconhecido pela Região, através do Parque Natural de Ilha, ao classificar a Baía de São Lourenço como Área de Paisagem Protegida[10] (Anexo III), de acordo com o sistema de classificação da Rede de Áreas Protegidas dos Açores, que segue os critérios da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN)[11]. Ainda se pode acrescentar que, após séculos de uso do solo, este sistema rural demonstra sustentabilidade pela prova de resiliência ao longo dos tempos, onde a gestão da paisagem com técnicas tradicionais continua a ser agricolamente produtivo, assim como a garantir a biodiversidade.



Figura 50 - Calonectris borealis (Cagarro). Cerca de 75% da população mundial nidifica no arquipélago dos Açores (Fonte: https://spea.pt/aves/cagarra/)

[10] Decreto Legislativo Regional nº 47/2008/A de 07-11-2008, artigo 19.º - Área de paisagem protegida da Baía de São Lourenço, ponto 1: "Para além dos objectivos de gestão referidos no n.º 4 do artigo 17.º, constituem fundamentos específicos para a classificação da área de paisagem protegida da Baía de São Lourenço os valores tradicionais e estéticos em presença e a singularidade geológica."

[11] O Decreto Legislativo Regional nº15/2012/A estabelece o Regime jurídico da conservação da natureza e da proteção da biodiversidade, que transpõe para o ordenamento jurídico regional a Diretiva Aves (Diretiva 2009/147/CE do Parlamento Europeu e do Conselho de 30 de novembro de 2009 relativa à conservação das aves selvagens) e a Diretiva Habitats (Diretiva 92/43/CEE do Conselho, de 21 de maio de 1992, relativa à preservação dos habitats naturais e da fauna e da flora selvagens).

A vitivinicultura integra um conjunto de atividades transversais a diferentes áreas da economia e da sociedade (Sousa, 2004). Tendo isto em conta, o valor social é evidente na atividade humana que permanentemente construiu e constrói a paisagem de São Lourenço, sendo que esta torna-se uma extensão dos indivíduos e das comunidades, tal como traduz a apropriação que Homem faz do espaço.[12] A paisagem condiciona e é condicionada pela sociedade, torna-se no seu símbolo, que a aprecia subjetivamente e simbolicamente. Revendo a definição de paisagem, que considera as emoções do observador, que é parte da comunidade e desenvolve "sentimentos de pertença de tipo: territorial (lugares), comportamental (práticas), social (estilo de vida) e temporal (história comum)" (Kastenholz, Salvado, Albuquerque, & Simões, 2019), ou seja, a paisagem é apropriada pela sociedade e configura o "suporte espacial e biofísico da vida em sociedade, estabelecendo o quadro espacial quotidiano para as atividades humanas"[13] na sua diversidade e criatividade. São Lourenço, como testemunho de uma comunidade, reflete o seu traço mais evidente: traduz um povo heroico[14] e ciclópico (Figueiredo 1990 e Gaspar 2005), pelo esforço da construção e manutenção deste património coletivo e como génio criativo de moldar a paisagem. São Lourenço também reflete valor social na medida em surge como laboratório de transmissão às futuras gerações de técnicas, conhecimentos e tradições rurais típicas.

Esta paisagem também representa valor económico, por ser entendida como um recurso promotor de crescimento económico, de desenvolvimento e de benefícios para a sociedade, uma vez que contribui, com o seu papel de "cartão de visita" da ilha, para a atração de pessoas, atividades e investimento, como por exemplo, e esperançosamente, o turismo sustentável, no geral, e o enoturismo, em particular. Aliás, a cultura da vinha em São Lourenço já foi uma fonte de rendimento pela produção e exportação de vinho (Figueiredo, 1990, p. 33; Gaspar, 2005, p. 334; Lima, 2021, p. 5).

O valor histórico reflete-se pela forma como pessoas, eventos e aspetos da vida passados se podem conectar com o presente (Drury & McPherson, 2008), ou seja, o valor histórico de uma paisagem é a marca deixada na comunidade e no território.

[12] PNAP, Resolução do Conselho de Ministros n.º 45/2015

[13] PNAP, Resolução do Conselho de Ministros n.º 45/2015

[14] [referencia aos agricultores marienses] "E, então, que dizer do seu labor nas fajãs! É ali onde melhor se verifica a sua labuta heroica e contumaz: fazer viradas da altura de um homem; prender a terra solta, que iria pelo mar dentro; erguer o muro dos quartéis e empedrar as casolas; depois tratar do plantio dos bacelos; rachar os moledais e acartar o burgalhau, desde a beira-mar até às cabeçadas, qual outro lendário Sísifo que tivesse vivido em São Lourenço." (Figueiredo, 1990)

A dimensão histórica revela-se na interdependência da cultura vitivinícola com os outros valores acima mencionados, com o desenho e funções da paisagem, seja pelo significado do registo de produção e exportação, seja pela marca deixada na memória e tradição mariense, como as práticas e os costumes tradicionais. O valor histórico surge da construção da identidade mariense em geral e de São Lourenço, em particular, que evoluem em conjunto, ao longo do tempo. Neste sentido, temos como fonte primária de informação a obra "Saudades da Terra" (1590, volume III) de Gaspar Frutuoso (1522-1591), que já descreve a fajã de Bárbara Vaz ou de São Lourenço como lugar de produção de uva para vinho. Esta paisagem de *quartéis* em socalcos é reveladora desse grande esforço construtivo, modelo de construção manual árduo que não se repete no tempo presente pela exigência física e dificuldade que encerra. As adversidades foram contrariadas pela tenacidade das gentes que encontraram nesta cultura uma forma de subsistência. Recentemente, começaram a surgir outras construções para lazer, as casas de veraneio, a estrada de acesso e outras estruturas, as quais continuam a marcar a paisagem e a sua história e evolução.

Valor cénico e estético está aliado às sensações que toda a paisagem transmite, em aspetos visuais, auditivos ou olfativos. A paleta cromática dos verdes (da vegetação), dos azuis (céu e mar) do negro das rochas (e muros), o branco (das casas) e o amarelo claro (da areia da praia) criam um cenário apelativo ao olhar (figura 51) que, juntamente com a diversidade dos elementos presentes, a repetição e geometria dos *quartéis* e pontos de vista notáveis com horizontes desafogados, criam cenários com elevada qualidade artística e visual, enfatizada, também, pelo desenho da arquitetura vernacular. As formas presentes, com destaque para o reticulado dos *currais*, só por si já tem interesse artístico, cénico e sensorial, enquanto elemento arquitetónico, obra do artifício humano em relação com uma paisagem natural de dimensão avassaladora. Segundo John Ruskin (1865, p. 7), "a arquitetura é a arte que dispõe e adorna de tal forma as construções erguidas pelo homem, para qualquer uso, que vê-las pode contribuir para a sua saúde mental, poder e prazer." Neste anfiteatro natural com uma ocupação comparável à de um presépio, também se verifica a estimulação da audição pela agitação do mar no inverno, da doçura das ondas no verão, pelo som das aves, com destaque para o cagarro nas noites de primavera e verão. O estímulo do olfato varia com a maresia, ou, por exemplo, na primavera com o cheiro intenso da flor de incenso (*Pittosporum undulatum*) que se sente por toda a baia.



Figura 51 - Ponto de visibilidade notável. Ao longo da estrada de acesso à fajã são construídos três pequenos miradouros nos meandros da estrada para contemplação da vista. A presença destes pontos de observação resulta do aproveitamento de um ponto alto e de espaços mais largos do caminho de acesso, permitindo assim pontos com grande capacidade de exposição visual da paisagem. (Fonte: Autor, maio 2022)

Podemos, assim, concluir que o valor ou significado cultural desta paisagem – "valor cultural significa interesse estético, histórico, científico, social ou espiritual para as gerações passadas, presentes ou futuras" (ICOMOS Australia, 2013, art. 1) - está presente e é elevado nesta paisagem, na medida em que corresponde a todo o artifício humano para a sua construção, assim como pela prática do cultivo/cultura da vinha em si (saber-fazer construindo)[15]. Reflete-se na qualidade visual da paisagem, na ligação que a comunidade estabelece com ela e na relação do Homem com os elementos naturais. São Lourenço ganha também a dimensão cultural por ter sido e ser palco do desenvolvimento de atividades laborais (agricultura) e de recreio (lugar de veraneio).

Demonstra-se, também, a conexão entre os diferentes valores, sejam eles ligados a aspetos culturais, naturais, económicos ou sociais e apela-se à sua importância no desenvolvimento de estratégias de gestão sustentável para esta paisagem rural como recurso patrimonial, que combina o carácter rural com o natural, representando um recurso patrimonial de elevado interesse. A coexistência dos valores acima referidos deve ser reconhecida, respeitada e encorajada. De acordo com a Carta de Burra (ICOMOS Australia, 2013), documento partilhado pela comunidade científica internacional, paisagens de significado cultural devem ser conservadas (e não colocadas em risco ou em situação de vulnerabilidade) sendo o objetivo da conservação a retenção do seu significado ou valor cultural. A conservação deve ser parte de uma boa gestão das paisagens de significado cultural e é neste pressuposto que apresentamos, no capítulo seguinte, a nossa proposta de ação.

[15] Por exemplo, a cultura (conhecimento, práticas e tradições), transparece no uso de técnicas tradicionais através do exercício de revestir o solo com pedras, limitando o crescimento de vegetação infestante, aumentando a humidade por baixo desta camada, também dificulta a evapotranspiração, protege o solo da erosão e ainda aumenta a temperatura junto deste por serem pedras de cor escura.

4. Paisagem Cultural da Baía de São Lourenço: Património cultural e paisagístico

> "Nos Açores a paisagem é um gesto cultural porque é nas paisagens das nossas ilhas que melhor encontramos registado, como num precioso documento, o gesto histórico de adaptação do homem ao meio; e esse é um gesto cultural, porque resulta da capacidade do açoriano para entender a terra onde poisa os pés e a ela ajeitar o andar. Nas nossas ilhas, o andar dos homens deixa como pegadas casas e maroiços, fortes e abrigos, igrejas e curraletas, e nas pedras que ainda restam destas casas, maroiços, fortes, abrigos, igrejas e curraletas, podemos ler a história cultural daqueles que antes de nós por aqui andaram - e envergonhados constatamos como somos capazes de, hoje, deformar e até mesmo apagar as pegadas que os nossos pais deixaram na paisagem das ilhas, e de assim esquecer que temos filhos."
>
> Luiz Fagundes Duarte (in Bruno et al.; 1999).

Assumindo que a paisagem é um pedaço do território e a construção humana, uma elaboração mental, a conceção de paisagem cultural configura o resultado das interações entre homem e natureza, tendo como resultado uma representação física com génese natural, social e cultural, que expressa uma intervenção ou modo de vida identitário e representativo da sociedade enquanto local provido de valores (Carvalho & Marques, 2019). Assim o é, São Lourenço, um património[16] material e imaterial de uma comunidade, uma paisagem cultural, isto é, uma paisagem resultante da interação do Homem com os sistemas naturais, ao longo de um tempo significativo, formando uma paisagem distintiva. Reflexo de uma cultura, que engloba aspetos sociais, económicos e históricos e que é dominantemente transmitida e herdada de gerações anteriores, a sociedade contemporânea partilha e acede de forma diferente e sob certas condições, esta produz um conteúdo novo e passa às gerações seguintes (Freire, 2018).

[16] "(…) aquilo que se designa por património — seja ele construído, natural ou imaterial — consubstancia-se na apresentação e na confirmação de memórias geralmente coletivas, que situam sujeitos numa tessitura de identidades e continuidades de que não se pode, nem se quer, por norma, escapar." (Cadavez, 2018)

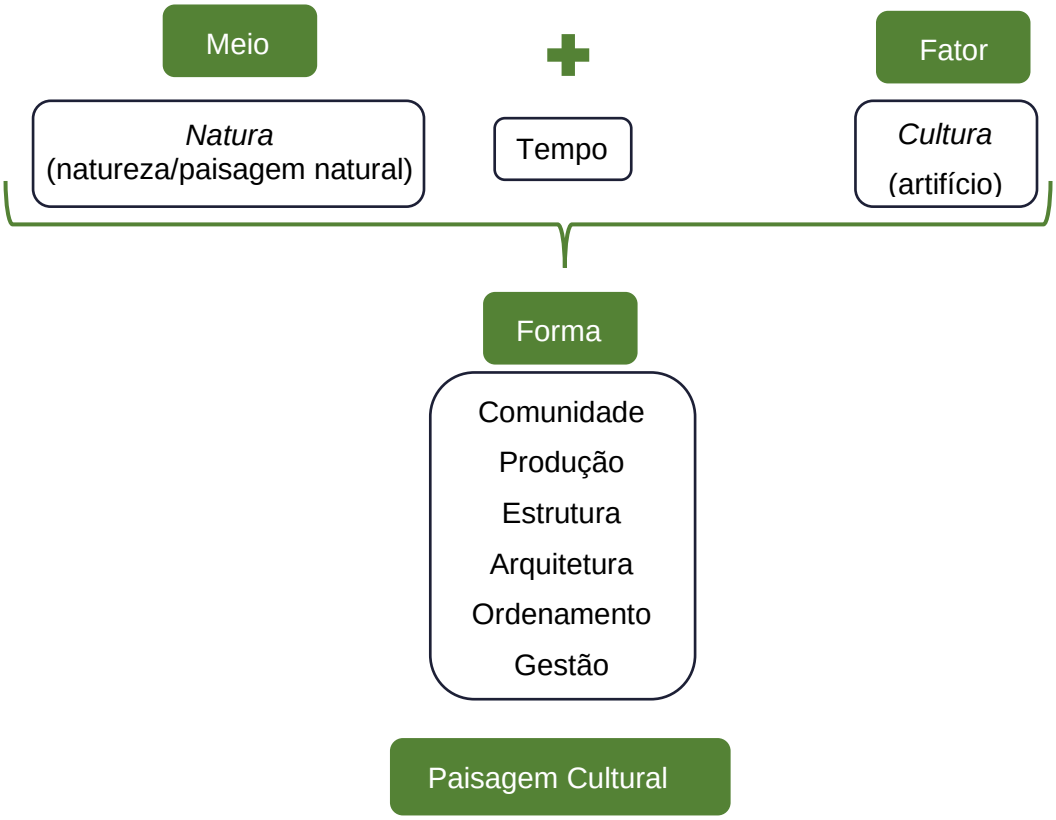


Figura 52 - Génese de uma Paisagem Cultural (Fonte: Autor, adaptado de Carvalho & Marques, 2019)

Apresentamos nos capítulos anteriores os aspetos – meio e fatores – que determinaram a organização, forma e composição da paisagem de São Lourenço. A identificação dos valores e significado desta paisagem cultural tem ainda como objetivo avaliar o grau da sua importância, sendo este o primeiro passo a dar com vista à conservação deste património para as gerações atuais e futuras (ICOMOS, 2017). No entanto, a conservação desta paisagem só é possível com uma colaboração e cooperação de várias ciências e técnicas e sua constante manutenção.

4.1. Classificação

"Qual é o património básico de uma região, aquele que é uma construção humana que permitiu o desenvolvimento? É a paisagem. A paisagem é o primeiro património (…)"

Gonçalo Ribeiro Telles

(Entrevista do Centro de Arqueologia de Almada a Gonçalo Ribeiro Telles, 2003)

Apesar de esta paisagem já constar das preocupações das entidades competentes para a salvaguarda de recursos e valores naturais nela presentes, como Área de Paisagem Protegida (anexo III), a pesquisa levada a cabo neste trabalho aponta para o interesse da sua classificação como bem cultural/ paisagem cultural, de modo a se condicionarem ações de uso e transformação, em ordem a promover e conservar o seu significado cultural e a não permitir intervenções que possam vir a descaracteriza-la e, de algum modo, a impactar negativamente.

A Baía de São Lourenço tem reconhecido interesse cénico que se reflete na cultura popular, literatura, fotografia e pintura sendo referência no *marketing* turístico da ilha e da região (Albergaria, 2021). É ainda reconhecida em vários Instrumentos de Gestão Territorial (IGT) (anexos IV e V), que indicam intenções e estratégias que condicionam o uso e ocupação deste lugar, não considerando, porém, toda a dimensão da paisagem.

Na Lei de Bases do Património Cultural (Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro), segundo o art. 93º, está previsto que "as Regiões Autónomas e os municípios comparticipam com o Estado na tarefa fundamental de proteger e valorizar o património cultural do povo português, prosseguida por todos como atribuição comum, ainda que diferenciada nas respetivas concretizações e sem prejuízo da discriminação das competências dos órgãos de cada tipo de ente". Sendo a paisagem de São Lourenço um património coletivo, há a responsabilidade coletiva da sua salvaguarda para as gerações futuras, com o fim de transmitir toda a sua riqueza e autenticidade, sendo responsabilidade da nação aplicar os princípios de conservação deste bem cultural no quadro específico, para salvaguardar, quer a arquitetura, quer o testemunho dos valores identificados (ICOMOS, 1964).

Uma classificação da paisagem de São Lourenço que compreenda o seu carácter distintivo e abarque todos os seus valores, ou seja, que reflita uma visão integrada paisagem, é um passo fundamental para a sua conservação, proteção e

valorização em todos as suas dimensões, determinando as ações capazes de alcançar esses objetivos.

Os valores patrimoniais das paisagens rurais[17] são reconhecidos em inventários patrimoniais, como a Lista de Património Mundial da UNESCO, inventários municipais, regionais ou nacionais sendo este um passo que, frequentemente, antecipa e suporta a sua proteção legal subsequente.

Tendo presente a intenção de classificar a paisagem, surge a proposta de classificá-la como «monumento nacional», de acordo com o nº 1 do artº 2.º e dos nºs 1, 2 e 4 do artº 15.º da Lei n.º 107/ 2001 de 8 de setembro. Portugal como estado membro da UNESCO, desde 1974, segue e integra princípios e orientações emanadas da Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural (1972) (anexo VI).

De acordo artº 51.º da referida Lei, uma vez ocorrida a classificação não poderá realizar-se qualquer intervenção ou obra, no interior ou no exterior de monumentos, nem mudança de uso suscetível de o afetar, no todo ou em parte, sem autorização expressa e o acompanhamento do órgão competente da administração central.

De acordo com o artº 53.º da referida Lei, o ato que decrete a classificação de monumentos ou em vias de classificação como tal, obriga o município, em parceria com os serviços da administração central ou regional autónoma responsáveis pelo património cultural, ao estabelecimento de um plano de pormenor de salvaguarda (PP) para a área a proteger. Fruto da existência de um PP, garante-se a contenção de construções desadequadas e nenhuma obra de construção, reconstrução, modificação ou demolição poderá ser realizada se resultar numa alteração significativa do património construído (anexo VII).

[17] "Rural landscape as heritage: Refers to the tangible and intangible heritage of rural areas. Rural landscape as heritage encompasses physical attributes – the productive land itself, morphology, water, infrastructure, vegetation, settlements, rural buildings and centers, vernacular architecture, transport, and trade networks, etc. – as well as wider physical, cultural, and environmental linkages and settings. Rural landscape as heritage also includes associated cultural knowledge, traditions, practices, expressions of local human communities' identity and belonging, and the cultural values and meanings attributed to those landscapes by past and contemporary people and communities. Rural landscapes as heritage encompass technical, scientific, and practical knowledge, related to human-nature relationships. Rural landscapes as heritage are expressions of social structures and functional organizations, realizing, using and transforming them, in the past and in the present. Rural landscape as heritage encompasses cultural, spiritual, and natural attributes that contribute to the continuation of biocultural diversity. All rural areas can be read as heritage, both outstanding and ordinary, traditional and recently transformed by modernization activities: heritage can be present in different types and degrees and related to many historic periods, as a palimpsest." (ICOMOS, 2017)

Propor-se São Lourenço a monumento nacional trará vantagens para além da acima referida, tais como oportunidades de notoriedade, acesso a financiamentos para recuperação e valorização deste património cultural e responsabilidades do governo na sua salvaguarda.[18]

Tendo em conta a descrição e caracterização até agora feita, este trabalho pretende ser um pequeno contributo para que a autenticidade e singularidade da paisagem cultural da Baía de São Lourenço venha a ser inscrita na Lista de Património Mundial da UNESCO, para defesa e valorização deste bem, impulsionando-se a salvaguarda dos seus valores e significado, abrindo-a assim ao universo, alcançando a visibilidade que lhe possa trazer parcerias e acesso a recursos técnicos e a fontes de financiamento. Normalmente, o reconhecimento de um bem como de monumento nacional já é facilitador para uma candidatura à inscrição na Lista.

Cremos que este bem reúne as condições para a sua inclusão na Lista de Património Mundial da UNESCO, uma vez que possui uma paisagem cultural patrimonial (anexo VIII) de Valor Universal Excecional (VUE). Dizer-se que a Baía de São Lourenço reúne as condições não é desmedido se comparado com a Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico (inscrita na Lista de Património Mundial desde 2004), porque, tal como esta, cumpre no mínimo os critérios de seleção III[19] e V[20] de inscrição na referida Lista.

[18] Tendo presente os recursos disponíveis e as paisagens da Maia e de São Lourenço, o estágio, assim como este relatório, foca-se numa contribuição apenas para um maior aprofundamento e justificação de classificação para a paisagem de São Lourenço.

[19] Critério (III) o bem deve dar um testemunho único ou pelo menos excecional de uma tradição cultural ou de uma civilização viva ou desaparecida (UNESCO World Heritage Centre, 2022).

[20] Critério (V) o bem deve ser um excelente povoado humano tradicional, uso do solo, ou do uso do mar, que seja representativo de uma cultura (ou culturas), ou interação humana com o meio ambiente, especialmente quando se tornou vulnerável sob o impacto de mudanças irreversíveis (UNESCO World Heritage Centre, 2022).

	Paisagem Cultural (UNESCO)	Área Paisagem Protegida (IUCN)	Monumento Nacional (Lei n.º 107/2001)
Âmbito	Universal	Nacional	Nacional
Conceito	Inventariação de paisagens resultantes da interação homem-natureza com valor universal excecional. (A classificação do bem é feita por legislação de cada país).	Proteção de paisagem resultante de interação homem-natureza.	Inventariação, classificação, proteção e valorização dos bens culturais móveis e imóveis.
Princípio	Valor Universal Excecional; Autenticidade e singularidade	Integridade da relação homem-natureza, biodiversidade, sustentabilidade dos ecossistemas	Interesse cultural relevante
Objetivo	Proteção dos valores patrimoniais e recursos naturais.	Proteção dos valores naturais e culturais, assim como dos serviços de ecossistema.	Proteção e valorização do património cultural

Tabela 4 - Comparação da Paisagem Cultural Património Mundial e Área Protegida e Monumento Nacional (Fonte: Autor, adaptado de Philips (2003) e DGPC))

O VUE de um bem cultural é definido no momento da apresentação da candidatura à lista de Património Mundial e significa que o bem sustenta uma importância cultural e/ou natural tão excecional que transcende as fronteiras nacionais e se reveste de uma importância comum para as gerações atuais e futuras de toda a humanidade (UNESCO World Heritade Centre, 2021). Para isso tem de responder a pelo menos um de dez critérios, sendo que destes, seis estão ligados ao caráter cultural e os restantes quatro relacionados com o natural. Além disso a paisagem terá de ser exemplo de autenticidade e integridade. Sendo que a autenticidade considera uma diversidade de atributos, entre os quais o uso e função, as tradições, as técnicas e sistemas de gestão, tal como outras formas de património imaterial, o espírito e sentimentos. A condição de integridade é entendida como uma apreciação de conjunto e do caráter intacto do património e dos seus atributos (Cabral, 2018), (UNESCO World Heritade Centre, 2021), (UNESCO World Heritage Centre, 2022).

Por fim, as propostas de inscrição apresentadas ao comité do património mundial da Unesco deverão refletir o total empenho de cada Estado na preservação do património em causa, dos seus valores e do VUE. Ou seja, deverá já refletir a preocupação na sua conservação sob a forma de medidas jurídicas, científicas, técnicas, administrativas e financeiras apropriadas, assim como beneficiar de um sistema adequado de medidas de proteção e gestão em vigor e futura (UNESCO World Heritade Centre, 2021).

4.2. Ações para conservação da paisagem e dos seus valores

"Conservation is about managing sustainable changes."

(Guidance on heritage impact assessments for Cultural World Heritage Properties. ICOMOS 2011)

A Baía de São Lourenço como património cultural tem elevado interesse paisagístico e histórico-cultural. Estes fatores, conjugados com a circunstância de a identidade deste lugar se encontrar ameaçada pelo desaparecimento da cultura tradicional da vinha e das suas estruturas associadas, justificam a sua classificação e corroboram a necessidade de reverter a descaracterização que tem vindo a sofrer. Uma vez classificada, há um incentivo à salvaguarda dos valores existentes - naturais, paisagísticos e culturais - assim como à promoção do desenvolvimento sustentado nas obrigações que a classificação acarreta, e as intervenções ou propostas futuras devem respeitar as regras advindas desse estatuto. Para isso, a Carta de Burra (ICOMOS Australia, 2013) defende uma abordagem cautelosa à mudança, ou seja, fazer o necessário para cuidar do lugar e torná-lo vivo, mas alterando-o o mínimo possível para que o seu significado não seja adulterado.

Neste capítulo pretende-se apresentar algumas ações estratégicas e projetuais para a paisagem de da Baía de São Lourenço tendo em mente a obrigação da conservação do património material e imaterial, apresentando propostas que complementem os instrumentos existentes, observando as várias recomendações, convenções e cartas, assim como instrumentos e medidas legislativas e regulamentares. Como já referido, o maior interesse será sempre defender, proteger[21], perpetuar e evidenciar os valores presentes na paisagem, estimulando o seu desenvolvimento e valorização.

[21] Segundo o Artigo 1.º d da CEP, «Proteção da Paisagem» designa as ações de conservação ou manutenção dos traços significativos ou característicos de uma paisagem, justificadas pelo seu valor patrimonial resultante da sua configuração natural e ou da intervenção humana.

A paisagem da Baía de São Lourenço é parte de um sistema produtivo que está intimamente ligado ao território, por isso para que se proponham medidas de atuação e intervenção deve-se recorrer a um pensamento holístico através da cooperação e da colaboração entre as diferentes entidades e do envolvimento das comunidades que vivem ou usam este lugar. Tendo em vista responsabilidades ambientais, sociais e económicas, esta paisagem para ser multifuncional, atrativa, biodiversa, sustentável e resiliente, por forma a poder subsistir, deve:

- Conservar, proteger e divulgar o seu património cultural e natural;
- Ser fonte de um desenvolvimento local, estratégico e sustentável;
- Ser exemplo de empreendedorismo e inovação;
- Ser capaz de atrair e captar investimento.

Para isto, o desenvolvimento local deve ter atenção tanto aos atores económicos como políticos, os quais devem apostar de uma forma dinâmica e com uma multiplicidade de recursos materiais e imateriais do território e das suas gentes. O desenvolvimento acarreta desafios e consequências e as soluções encontradas não devem diminuir a autenticidade do local, promovendo alterações descontextualizadas.

De seguida apresenta-se um conjunto de medidas complementares às existentes, de diferentes tipos, que visam a conservação do tecido físico da paisagem, do seu carácter, identidade e valores:

1. Estudos da paisagem
    a. Levantamento exaustivo dos aspetos negativos, por forma à sua correção, com o intuito da manutenção e consolidação da integridade da paisagem.

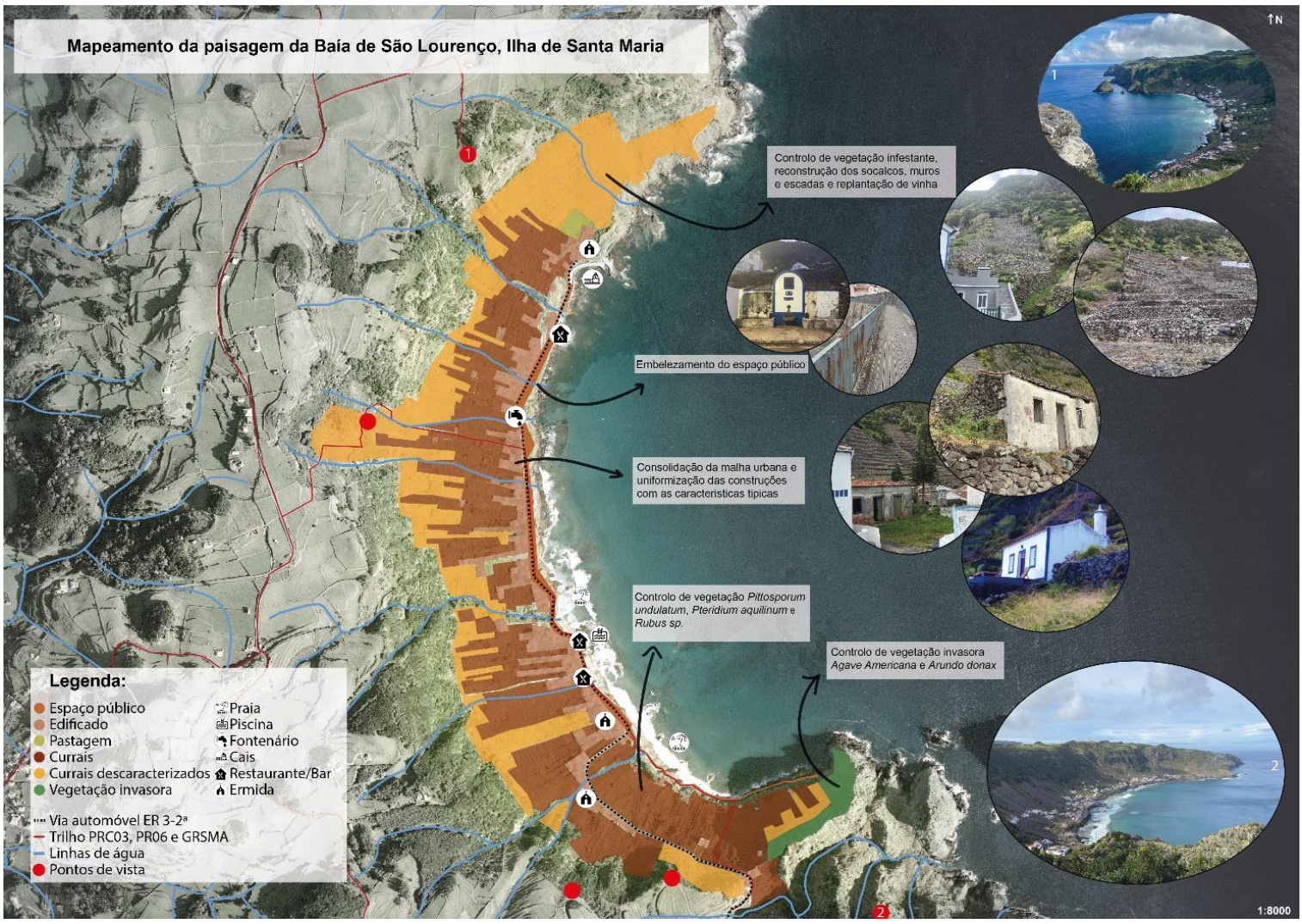


Figura 53 - Mapeamento da paisagem com alguns aspetos negativos que surgem à primeira vista e indicações para melhoria da qualidade paisagística

b. Desenvolver mais estudos comparativos da paisagem de São Lourenço com outras paisagens rurais vinhateiras de interesse regional, nacional e universal. Veja-se o exemplo de Alessia Rughi (Valorização da Paisagem Cultural Vitivinícola: uma comparação entre Santa Maria e Cinque Terre) e de Maria Lima (A cultura vitivinícola na Ilha da Madeira e na Ilha de Santa nos séculos XV e XVI)
c. Estudo do valor ecológico dos mortórios e da sua importância para a biodiversidade.
d. Estudo que permita aferir que impacto possam provocar, nas vistas existentes (figuras 54 e 55), novas construções, ou alterações das existentes, em número ou volumetria, a fim de não serem obstruídas ou descaracterizadas. A sua conclusão deve indicar as zonas que ainda possam ou não vir a ser objeto de construção, para que venha a constar no PDM.

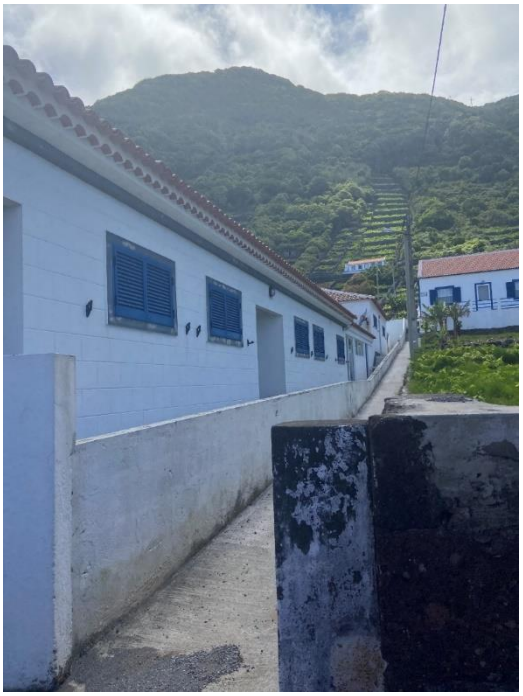


Figura 54 - Courela descaracterizada (Fonte: Autor, março 2022) Esta courela teria apenas uma pequena casa a confrontar com a estrada. Com o aumento do agregado familiar, ampliou-se a casa abdicando dos quarteis adjacentes.



Figura 55 - Espaço entre moradias (Fonte: Autor, fevereiro 2022) Neste caso a courela foi dividida por vários proprietários, sendo que cada um construiu uma casa no seu quartel. Isto resulta numa mancha de quatro casas extramente próximas e em diferentes cotas da courela.

2. Estudos e medidas socioeconómicos
    a. Continuar a promover a ampla e contínua cooperação entre entidades privadas, públicas e universidades para pesquisa e compartilhamento de informações, assistência técnica e construção de conhecimentos (anexo I).
    b. Criação da Rota dos Vinhos de Santa Maria, que ligue as fajãs vinhateiras da ilha.
    c. Promover e explorar o enoturismo. O enoturismo é uma oportunidade de desenvolvimento local e de conservação do caráter da paisagem, sendo um nicho que interessado em conhecer e visitar territórios de produção vitivinícola, adegas, e aliado à experiência de prova e compra de vinhos. Para isto é necessário despertar o interesse de empreendedores de modo a responder a uma procura de alojamento, alimentação, artesanato, cultura e comércio, originando um importante efeito multiplicador no território e beneficiando a preservação do património cultural. Deste modo, disponibilizar experiências, assentes nos recursos endógenos e que respondam aos interesses e preferências dos mercados de procura. A paisagem de São Lourenço ainda presenteia os visitantes com uma zona balnear de areal e piscina de água do mar.
    d. Estudo de novas estratégias para as operações culturais da vinha. Efetivamente a manutenção destes vinhedos torna-se dispendiosa na medida em que requer muita mão-de-obra que não existe ou não está disposta para a prática desta cultura. É necessário pensar em soluções mais mecanizadas (e.g. figuras 56 a 59), de modo a diminuir a necessidade de transportar muito peso pela encosta (por exemplo das uvas na vindima).



Figura 56 - Esquisso para solução de alívio de carga e combate ao desnível e inclinação da encosta (Fonte: Autor). Este equipamento requer pouco espaço e pretende-se que seja de reduzida manutenção e de fácil operacionalização. Para além disto, não necessita de fundações o que o torna desmontável. Existem outros territórios vitivinícolas, também em encostas, que utilizam sistemas semelhantes quer serviram como referência.



Figura 57 - Banyuls-sur-Mer, Pirenéus Oriental, França (Fonte: https://www.gettyimages.pt/detail/fotografia-de-not%C3%ADcias/vendanges-%C3%A0-banyuls-sur-mer-dans-les-pyr%C3%A9n%C3%A9es-fotografia-de-not%C3%ADcias/949565156)



Figura 58 - Ribeira Sacra, Galiza, Espanha (Fonte: https://www.elprogreso.es/articulo/noticias/la-esencia-de-la-viticultura-heroica/20161010020000386681.html)



Figura 59 – Ribeira Sacra, Galiza, Espanha (Fonte_: https://www.gettyimages.com.br/detail/foto-jornal%C3%ADstica/home-made-elevator-carries-grapes-down-

e. Aproveitamento e adaptação de estruturas construídas em estado de abandono para um novo uso (de preferência construções que sigam a arquitetura típica). Por exemplo como *hub* para experimentação dos produtos locais, divulgação do património e literacia da paisagem (figuras 60 a 62).



Figura 60 - Situação existente (Fonte: Autor, junho 2022)



Figura 61 - Situação proposta de arranjo exterior do hub (Fonte: Autor)



Figura 62 - Situação proposta de arranjo exterior do hub (Fonte: Autor)



Figura 63 – Situação existente (Fonte: Autor, maio 2022)



Figura 64 - Situação proposta (Fonte: Autor) Recuperação de antigo abrigo com materiais locais, por exemplo para guardar alfaias agrícolas.



Figura 65 - Situação indesejada (Fonte: Autor, maio 2022) Construção recente em material contemporâneo que destoa da envolvente.

3. Ações de comunicação
    a. Promover campanhas no exterior de divulgação da paisagem cultural de São Lourenço.
4. Envolvimento da população
    a. Reconhecer as populações locais como detentoras de conhecimento que, em muitos casos, ajudam a moldar, gerir e manter a paisagem e envolve-las na construção do conhecimento coletivo.
    b. Promoção de evento relacionado com a apanha da uva e produção de vinho.
    c. Sensibilizar os locais para a preservação e proteção arquitetónica do edificado.
5. Ações de formação
    a. Educação de empresas turísticas sobre literacia da paisagem e da vitivinicultura.
    b. Educação teórica e prática de vitivinicultores para melhoria das práticas agrícolas.
6. Ações de controlo e monitorização
    a. Uma vez que já há IGT com atuação direta, ou indireta na Baía de São Loureço (Anexo V), portanto uma sobreposição de regimes e gestão sobre o uso e transformação do solo, fica a faltar um conhecimento efetivo sobre o seu grau de concretização e otimização, se necessário. Para isso, é fundamental criar um sistema de monitorização e avaliação da execução dos planos em vigor e futuros.

Em suma, há a necessidade de conciliar inovação e capacidade de fazer frente aos riscos de descaracterização ou simplificação da paisagem. Sempre que uma alteração necessária na paisagem a altere ou reduza o seu valor, esta mudança deve poder ser reversível (ICOMOS Australia, 2013). Também se deverá ter em conta a elaboração de IGTS adequados que abranjam todos os valores da paisagem, na sua implementação e concretização, sendo que qualquer intervenção na paisagem deva aproveitar as suas potencialidades, características e seu o património como motor de desenvolvimento daquela paisagem, por meio de soluções diferenciadores e atrativas, através de uma gestão sistémica.

Considerações finais

A paisagem vinhateira da Baía de São Lourenço é o resultado difícil e árduo de uma prática 'heroica' da cultura da vinha, desenvolvida numa encosta muito íngreme, sem ajuda animal ou mecânica. Apesar disto, o Homem não se poupou a esforços, deixando-nos, como legado, todo um reticulado de *quartéis* em socalcos.

A Baía de São Lourenço, é, de facto, o rosto do território e da sua comunidade, como símbolo social, insular e arquipelágico, com fortes valores históricos, com identidade e capacidade narrativa, na medida em que reflete o artifício humano sobre um ambiente natural ao longo do tempo, na produção de uma paisagem cultural. É relevadora de uma excecionalidade sob o ponto de vista do seu carácter distintivo e elevada qualidade visual, da demonstração da capacidade humana em modelar a paisagem produzindo um património coletivo que cria forte senso identitário. O reconhecimento do valor cultural desta paisagem contribui, decisivamente, para a tomada de decisões ao nível da sua gestão, ordenamento e conservação.

Trata-se de um património que, se não houver uma consciencialização para a sua defesa e valorização, corre o sério risco de se degradar e até de se extinguir. É possível pensar na recuperação e desenvolvimento desta paisagem se for respeitada a sua morfologia, organização espacial e uso agrícola, seguindo um pensamento sistémico, promovedor da conservação do seu carácter e significado cultural. Para tal, é importante encontrar equilíbrio entre os valores do passado e o desenvolvimento futuro, sendo que os agentes decisores e a comunidade têm como desiderato a manutenção da autenticidade e integridade desta paisagem.

Assim, o desenvolvimento de São Lourenço deve ter em conta os requisitos de um uso sustentável dos recursos, sendo que as atividades económicas, quer sejam a produção agrícola, quer sejam o lazer e turismo, não devem causar perturbações nos espaços mais naturais nem nos mais antrópicos. A ânsia de melhorar o estado em que se encontra esta baía tem de ser bem ponderada a fim de não ferir nenhum dos valores e, assim, inviabilizar uma candidatura à inscrição na Lista de Património Mundial da UNESCO. Reconhecer internamente o significado cultural, em todas as suas dimensões, e a excecionalidade da paisagem desta baía, classificando-a como Monumento Nacional, será fundamental para a sua salvaguarda efetiva e um primeiro passo no processo para a eventual inscrição naquela Lista.

A defesa e valorização da paisagem da Baía de São Lourenço e a obtenção do estatuto de património nacional e universal, está intrinsecamente dependente de uma vontade inabalável e de uma liderança esclarecida, dinâmica e motivadora, quer esta surja de uma entidade oficial (e.g. o Município de Vila do Porto), de um cidadão ou grupo de cidadãos. Através deste trabalho que aqui apresentamos, esperamos estar a contribuir para o conhecimento desta paisagem, através da sua caracterização, e para a sua salvaguarda e valorização, através de propostas de medidas que aprofundem esse conhecimento, por um lado, e que atuem sobre a paisagem no sentido de conservar o seu tecido físico, recuperar a atividade agrícola e, assim, reter o seu significado cultural, por outro.

Bibliografia

Abreu, A. C., Correia, T. P., Moreira, J. M., Oliveira, M. R., Franco, P., Cunha, R., . . . Gracinhas, N. (2001). *Caracterização e Identificação das Paisagens dos Açores.* Universidade de Évora. Secretaria Regional do Ambiente.

Abreu, A. C. (Coord.). (2005). *Livro das Paisagens dos Açores. Contributos para a identificação e caracterização das paisagens dos Açores*. Universidade de Évora. Secretaria Regional do Ambiente.

André, Paula. (2016). *Actas do 1º Colóquio Internacional Arquitectura Popular.* Município de Arcos de Valdevez. Obtido de https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/83607/2/129061.pdf

Albergaria, I. S. (2021). A Paisagem da Vinha em Santa Maria: génese e evolução de uma "viticultura heroica" nos Açores. Em D. Chaves, *Viagens à volta da mesa nas ilhas da Macaronésia: Itenerários turísticos do património gastronómico e vinícola* (pp. 267-279). Ponta Delgada: Letras Lavadas.

Albergaria, Isabel Soares de & LIMA, Maria (2019). "História da Vinha e do Vinho: aspetos da propriedade, da economia e da Sociedade", III Encontro-Debate da Paisagem Cultural Vitivinícola de Santa Maria, auditório da Biblioteca Publica de Vila do Porto, 15 de novembro de 2019.

Almanaque Açoriano. (s.d.). *Cavalinha*. Obtido em Maio de 2022, de Almanaque Açoriano: http://www.almanaqueacoriano.com/index.php/jardinagem/plantas-medicinais/630-cavalinha

Barcelos, P. (s.d.). *Infestantes*. (Secretaria Regional do Ambiente e Alterações Climáticas) Obtido em Maio de 2022, de Siaram: http://siaram.azores.gov.pt/flora/infestantes/_intro.html

Bastos, S. A. (2002). *Um olhar geográfico sobre Santa Maria* (Vol. As Mobilidades Populacionais em Santa Maria: Suas Evoluções e Tendências). (Câmara Municipal de Vila do Porto, Ed.) Nova Gráfica, Lda. - Ponta Delgada.

Bruno, J. (Coord.). (2005). *Inventário do Património Imóvel dos Açores Santa Maria Vila do Porto.* Direção Regional da Cultura, IAC-Instituto Açoriano de Cultura, & Câmara Municipal de Vila do Porto

Cabral, C. B. (2018). Valores imateriais do Património Mundial: o caso do critério (VI). Em G. Filipe, J. Vale, & I. Castaño, *Patrimonialização e sustentabilidade do património. Reflexão e prospetiva.* NOVA FCSH.

Cadavez, C. (2018). O património ainda será de Ferro? Um olhar sobre a patrimonialização no Estado Novo e no globalizado século XXI. Em G. Filipe, J. Vale, & I. Castaño, *Patrimonialização e Sustentabilidade do Património: Reflexão e Prospetiva.* NOVA FCSH.

Capelo, J., & Aguiar, C. (2021). *A Vegetação de Portugal.* (A. R. Cabral, Ed.) Lisboa: Imprensa Nacional.

Carvalho, R., & Marques, T. (Março de 2019). A evolução do conceito de paisagem cultural. *Geografia e Ordenamento do Território*(16), pp. 81-98. Obtido de dx.doi.org/10.17127/got/2019.16.004

Conselho da Europa. (1985). *Convenção para a salvaguarda do património arquitetónico da Europa.* Granada, Espanha. Obtido de https://www.icomos.pt/images/pdfs/2021/27%20Conven%C3%A7%C3%A3o%20salvaguarda%20patrim%C3%B3nio%20arquitet%C3%B3nico%20-%20Conselho%20Europa%201985.pdf

CORINE (1992). *Soil erosion risk and important land resources in the southern regions of the European Community*. Luxemburgo: European Environment Agency.

Costa, S. G. (2008). *Açores Nove Ilhas, Uma História.* (Presidência do Governo Regional dos Açores, Direção Regional da Cultura, & Centro de Conhecimento dos Açores, Edits.)

Covas, A. (21 de Outubro de 2017). *Gonçalo Ribeiro Telles: A estética da paisagem e a poesia da natureza*. Obtido em Junho de 2022, de Observador: https://observador.pt/opiniao/goncalo-ribeiro-telles-a-estetica-da-paisagem-e-a-poesia-da-natureza/

DGPC (s.d.). *Cartas e Convenções internacionais sobre Património*. Obtido em Maio de 2022, de http://www.patrimoniocultural.gov.pt/

Dias, E., Araújo, C., Mendes, J. F., Elias, R., Mendes, C., & Melo, C. (2007). *Espécies florestais das ilhas* (Vol. VI). (J. o. Fundação Luso Americana, Ed.) Lisboa: Jornal o Público e Liga para a Proteção da Natureza.

Direção Geral do Território. (s.d.). *Normas e especificações técnicas para a cartografia topográfica - Versão 1.1.2 Dicionário de objetos*. Obtido em Junho de 2022, de Direção Geral do Território: https://www.dgterritorio.gov.pt/recart/TOPON%C3%8DMIA/DesignacaoLocal.html

Direção Regional da Cultura. (2015). *Legislação*. Obtido em Fevereiro de 2022, de Cultura: http://www.culturacores.azores.gov.pt/default.aspx

Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural. (2001). *Inhame dos Açores*. (Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural) Obtido em Maio de 2022, de Produtos Tradicionais Portugueses: https://tradicional.dgadr.gov.pt/pt/cat/outros-produtos-vegetais/771-inhame-dos-acores

Direcção-Geral de Arquivos. (2016). *Morgados e Capelas*. Obtido em Junho de 2022, de Arquivo Nacional Torre do Tombo: https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4223346

Domingues, Á. (2001). A Paisagem Revisitada. *Finisterra, 36*(72), 60. Obtido de https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1621

Drury, P., & McPherson, A. (2008). *Conservation Principles - Policies and Guidance for the Sustainable Management of the Historic Environment.* English Heritage.

Fernandes, J. R., & Rodrigues, P. (Junho de 2012). Importância da inoculação com bactérias rhizobium e bradyrhizobium na produção de leguminosas e o uso do azoto. *Agrotec*. Obtido de URI:http://hdl.handle.net/10316.2/25690

Ferreira, A. B., Alcoforado, M., Vieira, G. T., Mora, C., & Jansen, J. (2001). Metodologias de análise e de classificação das paisagens. O exemplo do projecto Estrela. *Finisterra, 36*(72), 159. Obtido de https://doi.org/10.18055/Finis1632

Figueiredo, J. (1990). *Ilha de Gonçalo Velho - Da Descoberta ao Aeroporto!* (2ª ed.). Câmara Municipal de Vila do Porto.

Freire, M. (2018). Paisagem e a Arquitetura Paisagista: Conceitos, Valores, Componentes e Competências à Intervenção. *5º Colóquio Ibero-Americano: Paisagem Cultural, Património e Projeto.* Obtido de http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/23751/1/Maria%20Freire.%20PAISAGEM%20E%20A%20ARQUITETURA%20PAISAGISTA.%20CONCEITOS%

2C%20VALORES%2C%20COMPONENTES%20E%20COMPET%C3%8ANCIAS%20%C3%80%20INTERVEN%C3%87%C3%83O.pdf

Frutuoso, Gaspar, Doutor. 1998 [1590]. *Saudades da Terra*, Livro III. Revisão de texto e reformulação de índices de Jerónimo Cabral. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.

Fundação Gaspar Frutuoso. (2011). *Manual de indicadores para a monitorização do ordenamneto do território da Região Autónoma dos Açores* (Vol. I). Secretaria Regional do Ambiente e do Mar.

Gaspar, J. E. (2005). *Os Bons e os Maus Vinhos - Vinhos e Categorias Nativas nos Açores.* Lisboa.

geoPortal. (2022). *Ilha de Santa Maria*. Obtido em Junho de 2022, de geoPortal da Energia e Geologia: https://geoportal.lneg.pt/pt/dados_abertos/cartografia_geologica/cartografia_geologica_acores/ilhastamaria/

Gomes, C. M. (2011). *O Conceito de Carácter da Paisagem e a sua aplicação na Gestão de Áreas Protegidas: O Caso de Estudo dos Açores.* [Tese de Doutoramento, Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa]. https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/5195

Goodchild, Peter (2002). "Sustaining the garden and landscape heritage: Words, concepts and action. Differents trends and thoughts on Historic Landscape Conservation", Paisagem: Tempo e Memória, Parque Serralves, Porto, Portugal, 17 -19 de outubro de 2002

Guerreiro, M. (2016). Arquitectura Popular: totalidade e ordem implícita. *Livro de Actas Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda.* Obtido de https://ciencia.iscte-iul.pt/publications/coloquio-internacional-arquitectura-popular-tradicao-e-vanguarda-livro-de-actas/32124

ICOMOS. (1964). *International Charter for the Conservation and Restoration of Monuments and Sites (The Venice Charter).* Veneza.

ICOMOS. (2017). ICOMOS-IFLA Principals Concerning Rural Landscapes as Heritage. (GA 2017 6-3-1 – Doctrinal Texts). Obtido de https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/General_Assemblies/19th_Delhi

_2017/Working_Documents-First_Batch-August_2017/GA2017_6-3-1_RuralLandscapesPrinciples_EN_final20170730.pdf

ICOMOS Australia. (2013). *The Burra Charter - The Australia ICOMOS Charter for Places of Cultural Significance.* ICOMOS.

IUCN. (1994). *Guidelines for Protected Area Management Categories.*

Kastenholz, E., Salvado, J., Albuquerque, H., & Simões, O. (2019). Territórios Vinhateiros e o seu Potencial para o Enoturismo - A Análise de Recursos como Ponto de Partida no Âmbito do Projeto TWINE. *Anais da Conferência Internacional Turismo e História.* Obtido de https://www.researchgate.net/publication/340628942_Territorios_vinhateiros_e_o_seu_potencial_para_o_enoturismo_-_a_analise_de_recursos_como_ponto_de_partida_no_ambito_do_projeto_TWINE

Lima, M. A. (2021). *A cultura vitivinícola na ilha da Madeira e na ilha de Santa.*

Marques, P. F., Gonçalves, C., Amaral, D., & Curado, M. (2017). *Paisagem. Estudos Setoriais - Análise biofísica, ambiental e paisagística. Revisão do Plano Diretor Municipal do Porto.* (P. C. Alves, J. Honrado, & C. Gonçalves, Edits.) Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Marques, Paulo Farinha (2020) "Paisagens de Vinho, Broa, Azeite e São Martinho", Conferência Dieta Mediterrânica à Portuguesa, 16 de outubro de 2020

Martins, J. C. (28 de Julho de 2021). Insularidade e identidade em Onésimo Teotónio Almeida: da cultura à literatura. *Veredas*(35), 101-117. Obtido de https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/691

Nunes, J., Lima, E. A., & Medeiros, S. (2007). *Os Açores, ilhas de Geodiversidade. Contributo da ilha de Santa Maria.* Açoreana.

Philips, A. (2003). Cultural Landscapes: IUCN's Changing Vision of Protected Areas. Em UNESCO, *Cultural Landscapes: the Challenges of Conservation.*

Ramalho, P. (2021). *Lagares Rupestres da Ilha de Santa Maria.* (M. d. Porto, Ed.) Vila do Porto.

Raposo, F. (Abril de 2021). *Como são protegidas as vistas da cidade dos miradouros: regras e atropelos*. Obtido em Junho de 2022, de A mensagem de Lisboa:

https://amensagem.pt/2021/04/19/vistas-protegidas-cidade-miradouros-lisboa-regras-atropelos/

Rughi, A. (2020). *Valorizzazione del paesaggio vitivinicolo di Santa Maria: I casi dei vigneti di São Lourenço e di Maia*. [Tese de licenciatura em Antropologia do Património da Universidade de Bolonha]

Sampaio, E. (2007). *Avaliação da aptidão das terras - método recomendado pela FAO.* Departamento de Geociências Universidade de Évora

Secretaria Regional do Ambiente e Alterações Climáticas. (2022). *Instrumentos de Gestão Territorial*. Obtido em Maio de 2022, de Ordenamento do Território Açores: http://ot.azores.gov.pt/Instrumentos-de-Gestao-Territorial-Consultar.aspx

Sousa, P. S. (2004). Para uma História da vinha e do vinho nos Açores (1750 - 1950). Obtido de https://www.researchgate.net/publication/278242910_Para_uma_Historia_da_vinha_e_do_vinho_nos_Acores_1750_-_1950

UNESCO. (1972). *Convenção para a porteção do património munidal, cultural e natural.*

UNESCO World Heritade Centre. (2021). *Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention.* World Heritade Centre. Obtido de https://whc.unesco.org/en/guidelines/

UNESCO World Heritage Centre. (2022). *Cultural Landscapes*. (UNESCO World Heritage Centre) Obtido em Maio de 2022, de UNESCO World Heritage Convention: https://whc.unesco.org/en/culturallandscape/

UNESCO World Heritage Centre. (2022). *The Criteria for Selection*. Obtido de UNESCO World Heritage Convenction: https://whc.unesco.org/en/criteria/

VALCONMAC. (2019). *Lista 100 Árvores Singulares da Macaronésia.*

Anexos

Anexo I: Projeto de Valorização da Paisagem Cultural Vitivinícola de Santa Maria

A Autarquia de Vila do Porto está a apostar num projeto de Valorização da Paisagem Cultural Vitivinícola de Santa Maria desde 2018. Este projeto conta com o apoio da Sustain Azores, da Universidade dos Açores (pelo Centro de Investigação CHAM-A), Parque Natural da Ilha de Santa Maria, os Serviços de Desenvolvimento Agrário e a Direção Regional da Cultura, do Governo Regional dos Açores.

Todos os parceiros, trabalham para a recuperação e revitalização destas paisagens marcantes ao longo das encostas da ilha, com foco em São Lourenço e Maia. Neste sentido, têm-se efetuado diversas ações para chamada de atenção e reconhecimento da importância e interesse destes lugares, contando até com o apoio de peritos nacionais e internacionais. É de realçar a capacidade de envolvimento dos principais interlocutores, atores e usufruidores, na procura de soluções que permitam a redefinição da funcionalidade e padrão destas paisagens vinhateiras.

Entre os resultados do trabalho desenvolvido pelas entidades, mencione-se a integração na rede internacional RURITAGE – Programa financiado pelo Programa Europeu Horizonte 2020 e conduzido pela Universidade de Bologna (https://www.ruritage.eu/additional-replicators/island-of-santa-maria-portugal/) e a implementação do programa de apoio à reconversão da vinha com castas nobres (VITIS), que até 2020 não havia candidaturas marienses. O último feito conta com a colaboração da Cooperativa de Produtores Agro-Pecuários de Santa Maria, o Santa Maria Wine Lab, para estudo, produção e certificação dos vinhos produzidos na Ilha de Santa Maria.

Para além de todo o trabalho de gestão e manutenção dos vinhedos por parte dos parceiros, uma proposta de classificação da paisagem e a sua aceitação, surge como um objetivo de efetivo reconhecimento, perfazendo com que estes lugares ganhem uma outra visibilidade e poder de alcance.

Anexo II: Variação da população

	1864	1900	1911	1920	1930	1940	1950
Portugal		5446760	5999143	6080135	6802429	7755423	8510240
Açores		256673	242941	231513	255464	287080	318449
Santa Maria	4699	6359	6247	6457	7158	8067	11839
Almagreira			831	853	926	983	1133
Santa Bárbara		1087	1087	1181	1268	1430	1699
Santo Espírito		1967	1945	2026	2498	2698	3088
São Pedro		799	837	848	868	1085	1287
Vila do Porto		2506	1547	1549	1598	1871	4632
	1960	**1970**	**1981**	**1991**	**2001**	**2011**	**2021**
Portugal	8889392	8611110	9833014	9853896	10356117	10562178	10344802
Açores	327446	289096	243410	237795	242073	246772	236440
Santa Maria	13233	9762	6500	5922	5578	5552	5408
Almagreira	1379	877	618	525	531	599	617
Santa Bárbara	1750	1248	621	512	482	405	370
Santo Espírito	3276	2218	1005	758	722	588	597
São Pedro	1455	1098	788	811	831	841	812
Vila do Porto	5373	4321	3468	3316	3055	3119	3012

Tabela 5 - Variação da População (Fonte: Bastos (2002), INE e Pordata)

Anexo III: União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN)

O papel da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) surge como um guia para os aspetos naturais, apesar disso, é uma organização parceira da UNESCO e ICOMOS, pois desenvolve os princípios para proteção do interesse e importância natural por trás das paisagens culturais, juntamente com o ideal de proteger essas mesmas áreas. Com isto apoiando-se em duas perspetivas: operacional (poderá haver áreas que sejam consideradas como Património Mundial e como Área Protegida); e conceptual (poderão haver ações pensadas pela IUCN que serão adotadas pelo Património Mundial) (Philips, 2003).

Áreas protegidas são essenciais para a biodiversidade, proteção da paisagem e outros fatores de conservação e desenvolvimento sustentável. A IUCN define Áreas Protegidas como “áreas terrestres ou marinhas especialmente dedicadas à proteção e manutenção da diversidade biológica e recursos naturais e culturais associados e geri-los por meios jurídicos ou outros meios efetivos” (IUCN, 1994).

Tendo em conta as características de São Lourenço, esta área é classificada como Área de Paisagem Protegida, segundo a Categoria V da classificação IUCN. Esta categoria prevê proteger uma área onde a interação do Homem com o meio ambiente resultou numa área com caráter distinto e com significativo valor ecológico, biológico, cultural e paisagístico. Sendo que a salvaguarda desta interação é preciosa para proteger, conservar e fazer evoluir estas áreas (Philips, 2003 e IUCN, 1994).

Anexo IV: Políticas de Paisagem – Açores

Este anexo pretende apresentar resumidamente as principais políticas de paisagem da RAA, que influenciam a construção dos instrumentos de gestão e por conseguinte a classificação, proteção e gestão da paisagem de São Lourenço.

Tendo em conta, que a legislação regional prevê a integração da paisagem nas suas politicas, concretamente, através do Regime jurídico dos instrumentos de gestão territorial na RAA (DLR n.º 35/2012/A), no seu artigo 24.º sobre a Proteção da Paisagem, esclarece que "os instrumentos de gestão territorial identificam a localização das paisagens de interesse relevante e estabelecem normas para a proteção dos elementos paisagísticos considerados importantes para a sua estruturação, visando alcançar o desenvolvimento sustentável e estabelecendo uma relação equilibrada e harmoniosa entre as necessidades sociais, as atividades económicas e o ambiente."

O Regime jurídico da conservação da natureza e da proteção da biodiversidade, aprovado pelo Decreto Legislativo Regional n.º 15/2012/A, de 2 de abril, considera que a paisagem desempenha importantes funções de interesse público nos campos cultural, ecológico, ambiental e social e que constitui um recurso favorável à atividade económica, cuja proteção, gestão e ordenamento adequados podem contribuir para a criação de emprego e para o desenvolvimento socioeconómico sustentado, reconhecendo a paisagem como uma componente essencial do ambiente humano dos Açores e uma expressão da diversidade do seu património comum cultural e natural e base da sua identidade.

Já a Resolução do Conselho de Governo n.º 135/2018, de 10 de dezembro aprova os objetivos de qualidade de paisagem[22] e as orientações para a gestão da paisagem dos Açores, seguindo a Convenção Europeia da Paisagem e em articulação com os instrumentos de gestão territorial, promovendo a proteção, ordenamento e gestão ativa e integrada da paisagem dos Açores.

[22] É comum nos textos açorianos referirem "objetivos de qualidade de paisagem". Deverá ser entendido como objetivos de qualidade paisagística, conceito aplicado na CEP.

Anexo V: Instrumentos de gestão aplicáveis em São Lourenço

Neste anexo mostra-se o quadro de referência de estratégias para o ordenamento e gestão da paisagem, dos quais São Lourenço se deve guiar, como complemento e com visão na concretização das políticas apresentadas no anexo anterior.

Data	Sigla	Nome	Âmbito	Objetivo
2007; 2019*	PNPOT	Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território	Nacional	Trata-se de um programa que estabelece as opções estratégicas com relevância para a organização do território nacional, consubstancia o quadro de referência a considerar na elaboração dos demais Instrumentos de Gestão Territorial e constitui um instrumento de cooperação com os demais Estados-Membros para a organização do território da União Europeia.
2010	PROTA	Plano Regional de Ordenamento do Território dos Açores	Regional	Traduzir em termos espaciais os grandes objetivos de desenvolvimento económico e social sustentáveis formulados para o arquipélago. É vinculativo para os planos de ordenamento do território.
2008	POOC	Plano de Ordenamento de Orla Costeira (de Santa Maria)	Regional (Ilha)	Estabelecer as regras a que deve obedecer a ocupação, uso e transformação dos solos abrangidos pela sua área de intervenção, nomeadamente a regulamentação dos usos

				preferenciais, condicionados e interditos.
2012	PDM	Plano Diretor Municipal de Vila do Porto (2ª Geração)	Municipal	Estabelecer a estratégia de desenvolvimento municipal e o respetivo modelo de estrutura espacial do território, assente na classificação e qualificação do solo.
2021	-	Plano Estratégico da Vitivinicultura na região Autónoma dos Açores 2022-2031	Regional	Reunir de uma forma integrada, os objetivos, políticas e ações a implementar com vista à rentabilidade, sustentabilidade e valorização da vitivinicultura.

Ainda não foi formalmente publicado	PGPNISMA	Plano de Gestão das Áreas Terrestres do Parque Natural da Ilha de Santa Maria	Ilha	Estabelecer o regime de proteção e conservação dos recursos e valores naturais presentes, compatíveis com a utilização sustentável do território e em articulação com os instrumentos de gestão territorial e regime jurídicos aplicáveis.

**Documento de revisão*

Tabela 6 – Instrumentos de gestão a seguir em São Lourenço (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC, 2022)

Ainda se deverá ter em conta a outros planos como seja o Plano Regional para as Alterações Climáticas, que identifica São Lourenço com o índice de vulnerabilidade costeira como baixo e médio; e o Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma dos Açores que pretende apoiar a "organização e conceção de um produto turístico estruturado pelo tema «Vinha e paisagem vinhateira»" e ainda destaca Santa Maria como destino de praia.

Anexo VI: Políticas de Paisagem Mundial e Nacional

Neste anexo, constam os principais guias, convenções e cartas aplicadas em Portugal, publicados por diversas entidades que de certa forma envolvem questões ligadas à paisagem e património natural e cultural, utilizados como referência neste trabalho.

Ano	Nome	Instituição	Objetivo
1931	Carta de Atenas	-	Enaltecer o restauro e conservação de monumentos com carácter histórico, artístico ou científico.
1962	Recomendações para a Salvaguarda da Beleza e Caráter das Paisagens e Sítios	UNESCO	Apelar à preservação do aspeto original das paisagens e sítios naturais, rurais e urbanos, quer sejam obra do homem ou da natureza, assim como o seu restauro.
1964	Carta de Veneza	ICOMOS	Reconhecer os monumentos e sítios como um património comum e a responsabilidade coletiva pela sua salvaguarda, conservação e restauro.
1972*; 1992**	Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural	UNESCO	Reconhecer que é obrigação do Estado assegurar a identificação, proteção, conservação, valorização e transmissão às gerações futuras do património cultural e natural.
1977; 2021***	Orientações Técnicas para Aplicação da Convenção do Património Mundial	UNESCO	Promover a aplicação Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural.

1979; 2013***	Carta de Burra	ICOMOS	Fornecer guias para conservação e gestão de lugares de importância e património cultural.
1985****	Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitetónico da Europa	Conselho da Europa	Reconhecer que o património arquitetónico constitui uma expressão insubstituível da riqueza e da diversidade do património cultural da Europa, um testemunho inestimável do nosso passado e um bem comum a todos os europeus
1999	Carta Internacional sobre o Turismo Cultural	ICOMOS	Proporcionar uma boa gestão para proteção, conservação, interpretação e a divulgação do património e seus valores
1999	Carta sobre o Património Construído Vernáculo	ICOMOS	Reconhecer o património vernáculo como o meio tradicional e natural pelo qual as comunidades criam o seu habitat.
2000	Carta de Cracóvia	-	Estabelecer os princípios para a conservação e o restauro do património contruído (arquitetónico, urbano ou paisagístico).
2000	Convenção Quadro sobre o Valor do Património Cultural para a Sociedade	Conselho da Europa	Salientar o valor e as potencialidades de um património cultural bem gerido, enquanto fonte de desenvolvimento sustentável e de qualidade de vida numa sociedade em constante evolução.
2000*****	Convenção Europeia da Paisagem	Conselho da Europa	Reconhecimento das paisagens e suas funções de

			interesse público nos campos cultural, ecológico, ambiental e social e como recurso favorável à atividade económica, cuja proteção, gestão e ordenamento adequados podem contribuir para a criação de emprego.
2015	Política Nacional de Arquitetura e Paisagem	Estado Português	Reconhecimento da arquitetura e da paisagem como bem de interesse público, e na valorização da qualidade do ambiente construído, da qualidade da arquitetura e da paisagem, como um fator e elemento chave na garantia do bem-estar e da qualidade de vida dos cidadãos, no presente e para o futuro.

* Entra em vigência em Portugal em 1980
** Em 1992 passa a ser o primeiro acordo internacional a reconhecer e a promover a proteção das paisagens culturais
*** Documento de revisão
**** Entra em vigência em Portugal em 1987
***** Portugal ratificou a CEP em 2005

Tabela 7 - (Fonte: Autor, adaptado de DGPC (s.d))

É importante realçar a Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural, pois é nela que se vão basear as leis portuguesas sobre a classificação do património cultural, sendo que esta convenção categoriza os bens culturais como *(UNESCO, 1972)*:

- *Monumentos* – Obras arquitetónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excecional do ponto de vista da sua história, arte ou da ciência;
- *Conjuntos* – Grupos de construções isoladas ou grupo que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excecional do ponto de vista da sua história, arte ou da ciência;

- *Locais de interesse* (adotados como *sítios* na lei portuguesa) – Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excecional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

A Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitetónico da Europa também se refere a estas categorias como (Conselho da Europa, 1985):

- *Monumentos*: todas as construções particularmente notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico, incluindo as instalações ou os elementos decorativos que fazem parte integrante de tais construções;
- *Conjuntos arquitetónicos*: agrupamentos homogéneos de construções urbanas ou rurais, notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico, e suficientemente coerentes para serem objeto de uma delimitação topográfica;
- *Sítios*: obras combinadas do homem e da natureza, parcialmente construídas e constituindo espaços suficientemente característicos e homogéneos para serem objeto de uma delimitação topográfica, notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico.

Anexo VII: Plano de Pormenor

A classificação de monumentos ou em vias de classificação, pela Lei n.º107/2001 obriga o município, em parceria com os serviços da administração central ou regional autónoma responsáveis pelo património cultural, ao estabelecimento de um plano de pormenor de salvaguarda (PP) para a área a proteger.

Um Plano de Pormenor (PP) é um plano de ordenamento do território elaborado pelo município, que desenvolve e concretiza em detalhe as propostas de ocupação de uma área especifica do seu território, mais concretamente deve ter atenção e conter:

- Identificação dos valores culturais e naturais a proteger e a informação arqueológica, valores paisagísticos e naturais a proteger.
- As operações de transformação fundiária preconizadas e a definição das regras relativas às obras de urbanização.
- Identificação de: densidade máxima de fogos, número de pisos e altura total das edificações ou altura das fachadas.
- Estabelece as operações de demolição, conservação e reabilitação das construções existentes e regras para a ocupação e para a gestão dos espaços públicos.
- A identificação dos sistemas de execução do plano, do respetivo prazo e da programação dos investimentos públicos e privados.
- Desenho urbano: espaços públicos, circulação viária e pedonal, de estacionamento, bem como o respetivo tratamento, a localização de equipamentos e zonas verdes, modelação do terreno e a distribuição volumétrica.
- Estabelece as regras para a ocupação e gestão dos espaços públicos, regulamentação da edificação, incluindo o dimensionamento dos equipamentos coletivos, bem como a respetiva localização no caso dos equipamentos públicos.

É exemplo dos pontos anteriores, o facto do PP ter que descrever os materiais de revestimento das fachadas, a sua composição e o tipo de telhas na cobertura dos telhados.

Anexo VIII: Património Mundial e Paisagens Culturais segundo a UNESCO

Este anexo pretende acrescentar informações esclarecedoras apenas para o caso de paisagens culturais segundo a UNESCO.

Como refere Domingues (2001), a UNESCO define três categorias de Paisagens Culturais[23] classificáveis:

- Paisagens intencionalmente criadas pelo homem: por razões estéticas, normalmente associadas a edifícios ou conjuntos monumentais de carácter religioso, ou outros edifícios monumentais. Ou seja, associa-se a este tipo de paisagem os parques e jardins.
- Paisagens que evoluíram organicamente: resultam de um imperativo social, económico, administrativo e/ou religioso. Hoje, estas paisagens podem constituir:
    - uma relíquia (ou fóssil) do passado, distinguindo-se e conservando-se materialmente através da presença dos seus traços originais;
    - um papel social ativo, associado a um modo de vida tradicional em evolução (mantendo, contudo, significativas evidencias materiais da sua evolução)."

    Este último caso reflete a paisagem rural de São Lourenço como uma paisagem de origem produtiva que evoluiu e ainda mantem a função e papel ativo.

- Paisagem cultural associativa: cujo interesse se justifica por razões religiosas, artísticas ou culturais importantes, associadas sobretudo, aos elementos naturais, apesar de testemunhos culturais poderem ser insignificantes ou ausentes."

[23] O termo paisagens culturais abrange uma diversidade de manifestações da interação entre o homem e o seu ambiente natural. As paisagens culturais muitas vezes refletem técnicas específicas de uso sustentável da terra, considerando as características e limites do meio em que se inserem, e uma relação espiritual com a natureza. A proteção destas paisagens pode contribuir para técnicas modernas de uso sustentável da terra, que podem manter ou aumentar os valores naturais da paisagem. A existência continuada de formas tradicionais de uso da terra sustenta a diversidade biológica em muitas regiões do mundo. A proteção das paisagens culturais tradicionais é, portanto, útil para manter a diversidade biológica (UNESCO World Heritage Centre, 2022)

Os bens propostos para inscrição na Lista de Património Mundial devem satisfazer as condições de integridade e autenticidade (UNESCO World Heritade Centre, 2021). Ou seja, deve estar provido da totalidade e carácter intacto do património proposto, assim como as suas características e valores atribuídos tem de ser genuínos. Para além disso, estar inscrito na Lista requer um plano de gestão para a paisagem cultural que garanta a preservação dos valores que justificam a inscrição.

Anexo IX: Apoios da RAA

Neste anexo constam os apoios do governo da RAA à atividade vitivinícola (excluindo os específicos para o Pico) e à preservação do património cultural, através dos seguintes decretos regulamentares:

Decreto	Objetivo
Decreto Regulamentar Regional n.º 24/2014/A	Aprova o sistema de incentivos à manutenção de paisagens tradicionais da cultura da vinha, em currais e em socalcos, e de pomares de espécies tradicionais, situadas em áreas de paisagem protegida e em fajãs costeiras, integradas nos parques naturais de ilha e em reservas da biosfera.
Decreto Regulamentar Regional 23/2015/A, de 29 de Outubro	Estabelece o regime de apoios a conceder pela administração regional autónoma à preservação do património cultural imóvel e móvel da Região Autónoma dos Açores, pertencente a entidades privadas.
POSEI	Apoia as regiões ultraperiféricas da UE, que enfrentam desafios específicos devido ao seu afastamento, à sua insularidade, à sua pequena dimensão, ou ao seu relevo e clima difíceis. Além disso, apoia aquelas que dependem economicamente de apenas alguns produtos. Reflete-se como uma ajuda à manutenção da vinha.

Tabela 8 – Decretos Regulamentares Reginais de apoio à vitivinicultura e ao património cultural (Fonte: Autor, adaptado de Direção Regional da Cultura, 2015)

Além desses, destaca-se ainda a Portaria n.º 78/2019 da Direção Regional do Desenvolvimento Rural, que estabelece as normas complementares de execução do regime de apoio à reestruturação e reconversão de vinhas (designado por VITIS), para o período 2019 - 2023, previsto no Regulamento (CE) n.º 1308/2013, do Parlamento Europeu e do Conselho da União Europeia, de 17 de dezembro.

Anexo X: Outros trabalhos desenvolvidos

X.a. - Desenho dos quartéis

De modo a facilitar uma futura gestão da Baía, procedeu-se ao desenho e localização das parcelas associando a uma tabela de atributos, constando a identificação do seu proprietário conhecido, ou outros atributos como área, estado de manutenção, alcunha para reconhecimento do proprietário e ainda outras notas que possam estabelecer relação com o proprietário. Este levantamento permitiu um contacto próximo com locais e conhecimento detalhado da baía, como localização de diversas estruturas, suas características e estado geral da paisagem.

A alteração de classe dos proprietários, terá sido um processo gradual, após a abolição dos morgadios, que por processos de partilhas, vendas, permutas ou doações, fragmentam as propriedades (Albergaria, 2021). Estas continuam com a organização de courela desde o mar até onde seja possível contruir os socalcos, mas essa courela pode passar a estar dividida por vários proprietários, chegando até cada quartel ser propriedade de vários.

Este levantamento foi possível graças ao acompanhamento do senhor António Moura Moreira, residente em São Lourenço, experiente na cultura da vinha deste jovem e profundo conhecedor das gentes e processo de transformação de São Lourenço. Contudo o senhor António demonstra um conhecimento popular, por isso o levantamento encontra-se incompleto e poderá apresentar informações desatualizadas. Além disso, a base de trabalho para desenho foi a vista satélite do *Google Earth Pro* (que apresenta muitas zonas de sombra) e o ortofotomapa de 2005, naturalmente já desatualizado, cedido pela SRAAC. Por isso surgem quartéis sem descrição, ou polígonos que abrangem mais do que um quartel e, neste caso, representam uma área estimada de um conjunto de quartéis.

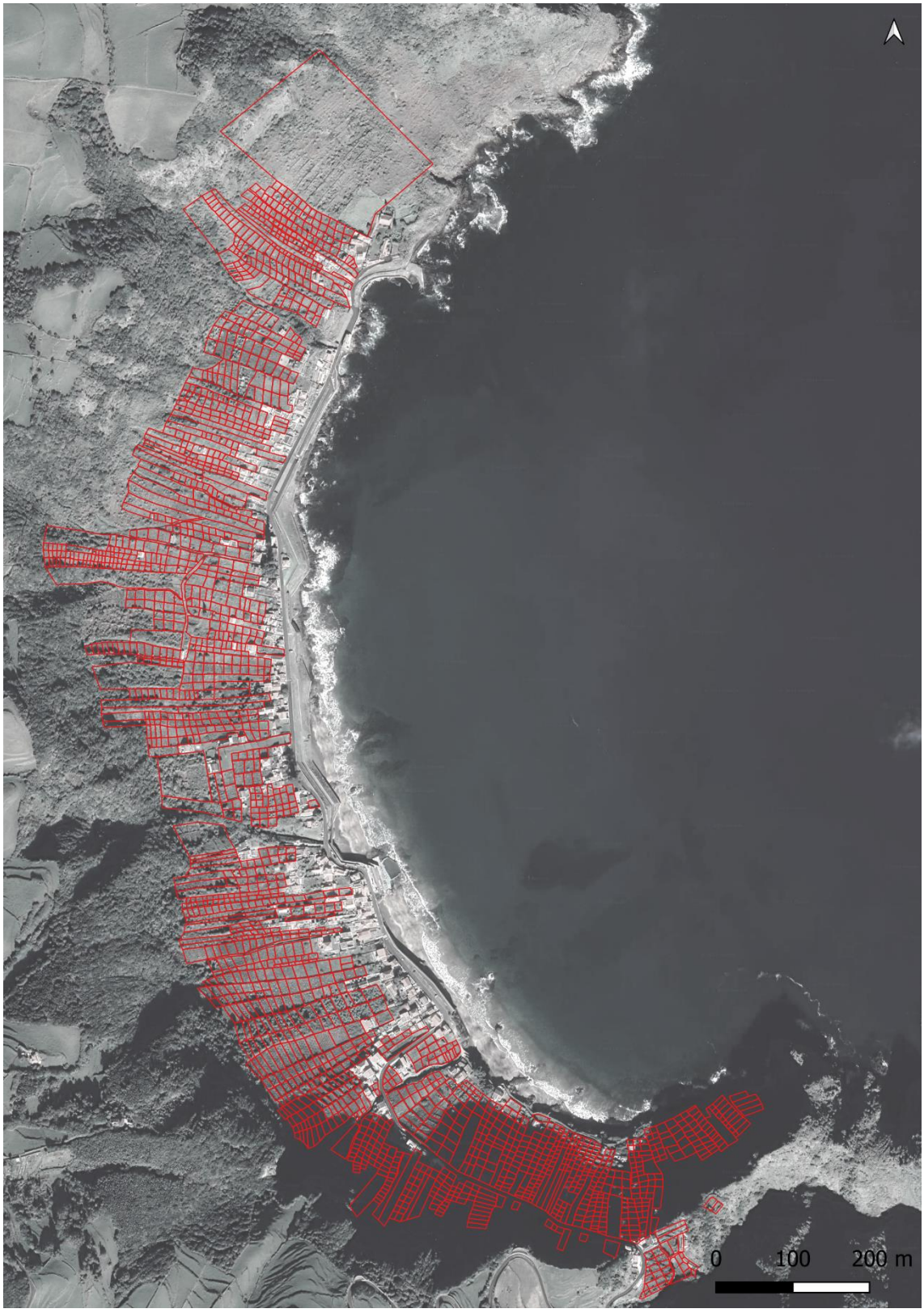


Figura 66 - Quartéis facilmente identificáveis. A vermelho estão indicados os limites dos quartéis, sendo que há polígonos que englobam mais do um quartel, porque não é possível desenhar cada um individualmente, por isso adotou-se representar a propriedade, ou um conjunto percecionável de quartéis, perfazendo 1838 quartéis 28,2ha. Estima-se que a paisagem terá mais do que 2000 quartéis, ocupando uma área com mais de 30 hectares. Área menor dos quarteis identificados é de 20m^2. O maior valor e o valor médio não é possível calcular, tendo em conta que o levantamento não constou apenas da unidade quartel, mas serão em média inferiores a 100m^2 (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC e Google Earth Pro)

Deste levantamento resulta a perceção de diferentes problemáticas:

- Desconhecimento do proprietário;
- Incapacidade de identificar a propriedade (limites destruídos, ou excesso de vegetação);
- Propriedade com diversos proprietários;
- Desinteresse dos proprietários;
- Desentendimento entre os proprietários;
- Acesso à propriedade através de propriedade alheia;
- Uso indevido de propriedade alheia.

Figura 67 – Levantamento A (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC e Google Earth)

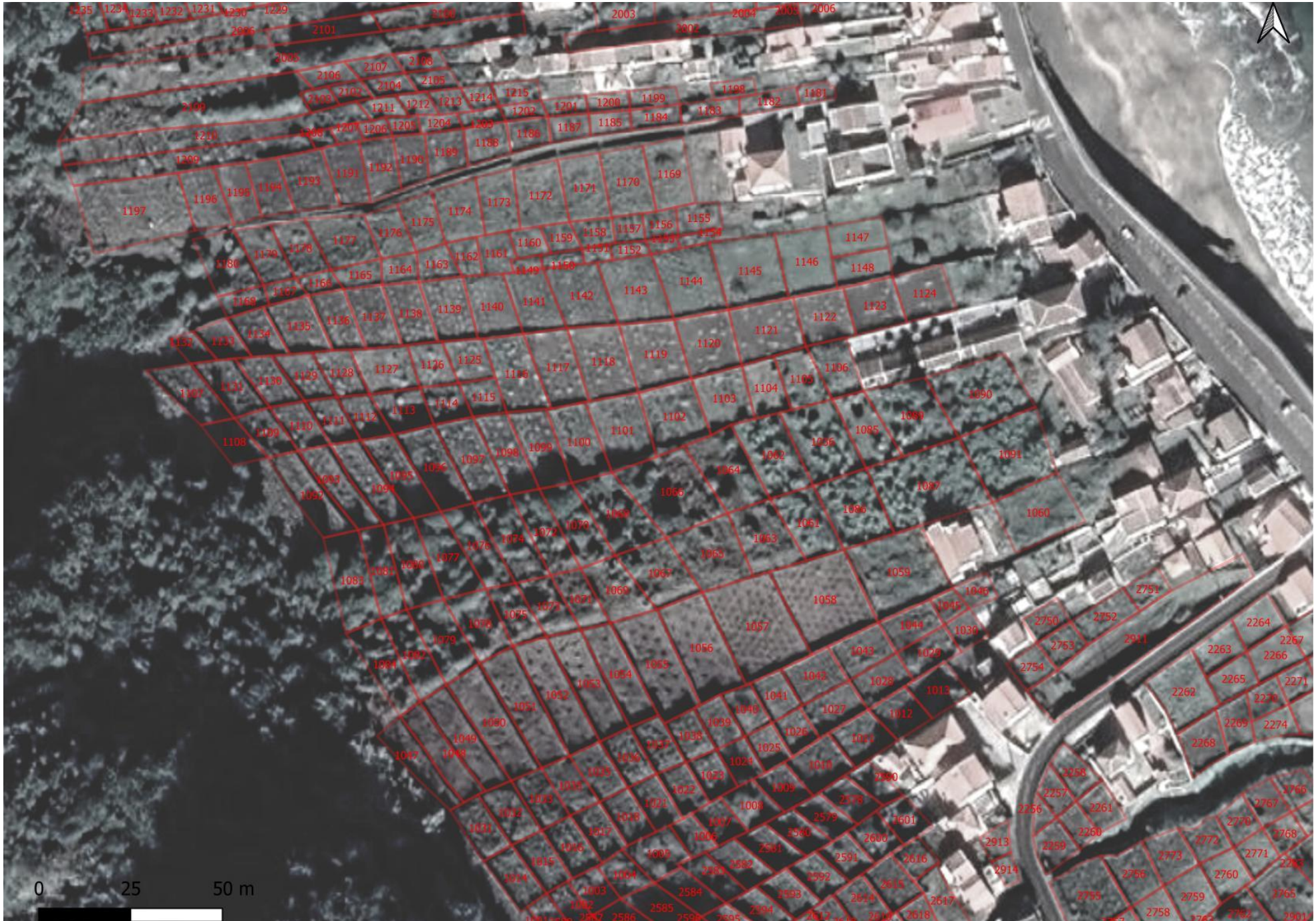


Figura 68 – Levantamento B (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC e Google Earth)



Figura 69 - Levantamento C, (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC e Google Earth)



Figura 70 - Levantamento D, Fajãzinha (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC e Google Earth)

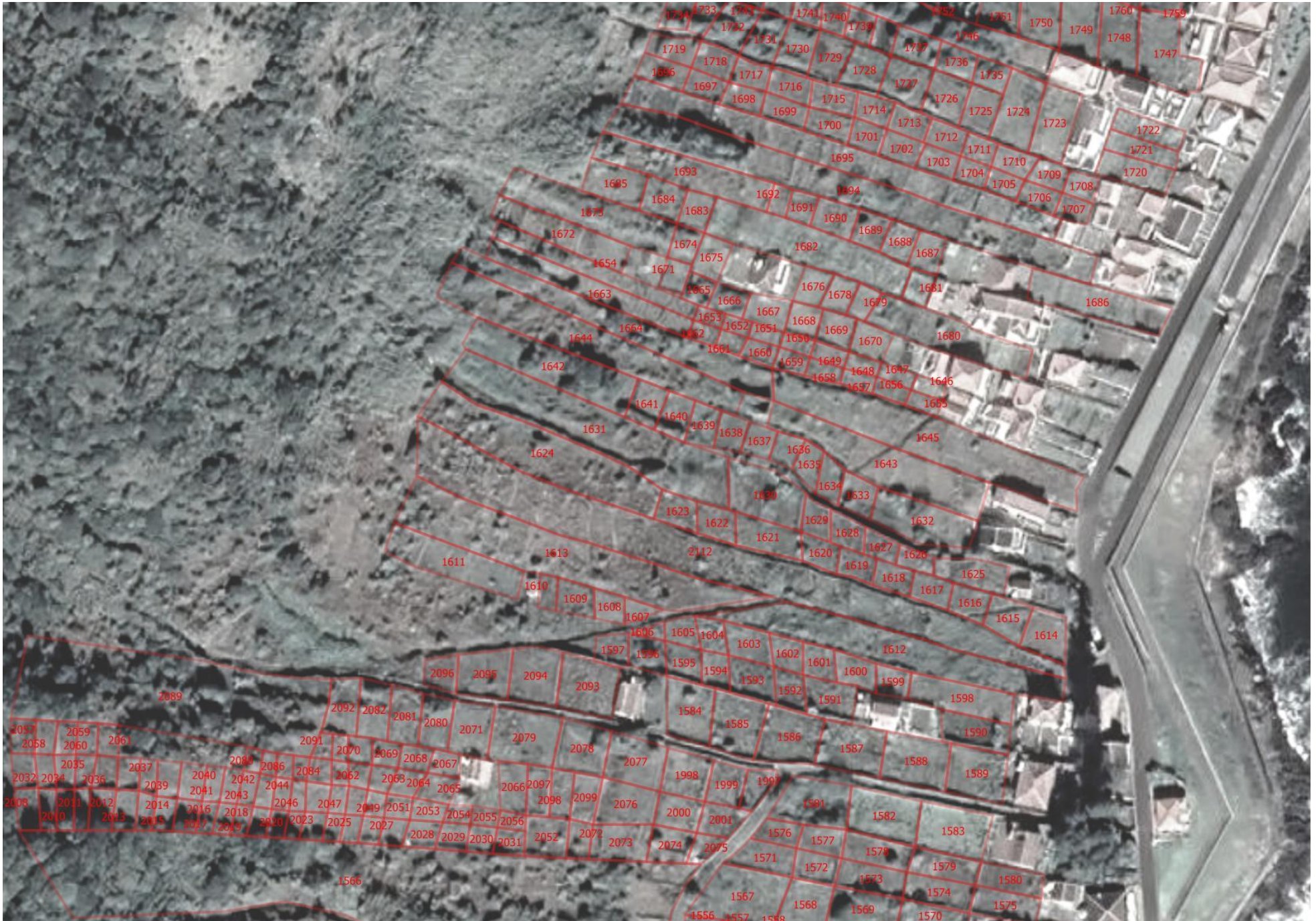


Figura 71 - Levantamento E (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC e Google Earth)



Figura 72 - Levantamento F, Quinta Jesus Maria e José (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC e Google Earth)



Figura 73 - Levantamento G, Desterro (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC e Google Earth)



Figura 74 – Levantamento H, Ponta Negra e Ribeira do Salto (Fonte: Autor, adaptado de SRAAC e Google Earth)



Tabela 9 - Tabela de atributos das parcelas

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
2324	Afonso		Afonso da Madeira			45		Vive no Aeroporto
2325	Afonso		Afonso da Madeira			78		Vive no Aeroporto
2326	Afonso		Afonso da Madeira			61		Vive no Aeroporto
2800	Afonso		Afonso da Madeira			28		Vive no Aeroporto
2801	Afonso		Afonso da Madeira			36		Vive no Aeroporto
2115	Agostinho	Sousa				44		
2116	Agostinho	Sousa				107		
2251	Aida	Bairos				50		
2252	Aida	Bairos				43		
2253	Aida	Bairos				47		
2296	Aida	Bairos				65		
1031	Almerinda	Bairos		Almerinda Bairos	5	143		
1032	Almerinda	Bairos		Almerinda Bairos	5	150		
1038	Almerinda	Bairos		Almerinda Bairos	5	111		
1039	Almerinda	Bairos		Almerinda Bairos	5	106		
1044	Almerinda	Bairos		Almerinda Bairos	5	132		
1043	Almerinda	Bairos		Almerinda Bairos	5	154		
1036	Almerinda	Bairos		Almerinda Bairos	5	314		
1036	Almerinda	Bairos		Almerinda Bairos	5	127		
1037	Almerinda	Bairos		Almerinda Bairos	5	126		
1035	Almerinda	Bairos		Almerinda Bairos	5	130		
1035	Almerinda	Bairos		Almerinda Bairos	5	126		
1033	Almerinda	Bairos		Almerinda Bairos	5	136		
1040	Almerinda	Bairos		Almerinda Bairos	5	106		
1041	Almerinda	Bairos		Almerinda Bairos	5	112		
1042	Almerinda	Bairos		Almerinda Bairos	5	157		
1045	Almerinda	Bairos		Almerinda Bairos	5	56		
1046	Almerinda	Bairos		Almerinda Bairos	5	65		
1824	Ana	Furnas				94		
1823	Ana	Furnas				697		
1976	Ana	Furnas				99		
2098	Ana Paula	Marques	Malaquias			77		
2099	Ana Paula	Marques	Malaquias			92		
2097	Ana Paula	Marques	Malaquias			89		

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
2008	Ana Paula	Marques	Malaquias			71		
2009	Ana Paula	Marques	Malaquias			52		
2010	Ana Paula	Marques	Malaquias			53		
2011	Ana Paula	Marques	Malaquias			47		
2012	Ana Paula	Marques	Malaquias			75		
2013	Ana Paula	Marques	Malaquias			68		
2014	Ana Paula	Marques	Malaquias			47		
2015	Ana Paula	Marques	Malaquias			52		
2016	Ana Paula	Marques	Malaquias			58		
2017	Ana Paula	Marques	Malaquias			40		
2018	Ana Paula	Marques	Malaquias			41		
2019	Ana Paula	Marques	Malaquias			38		
2020	Ana Paula	Marques	Malaquias			41		
2021	Ana Paula	Marques	Malaquias			37		
2022	Ana Paula	Marques	Malaquias			32		
2023	Ana Paula	Marques	Malaquias			47		
2024	Ana Paula	Marques	Malaquias			36		
2025	Ana Paula	Marques	Malaquias			36		
2026	Ana Paula	Marques	Malaquias			42		
2027	Ana Paula	Marques	Malaquias			50		
2028	Ana Paula	Marques	Malaquias			66		
2029	Ana Paula	Marques	Malaquias			59		
2030	Ana Paula	Marques	Malaquias			54		
2031	Ana Paula	Marques	Malaquias			57		
2056	Ana Paula	Marques	Malaquias			33		
2066	Ana Paula	Marques	Malaquias			101		
2067	Ana Paula	Marques	Malaquias			53		
2068	Ana Paula	Marques	Malaquias			56		
2069	Ana Paula	Marques	Malaquias			52		
2070	Ana Paula	Marques	Malaquias			48		
2071	Ana Paula	Marques	Malaquias			160		
2080	Ana Paula	Marques	Malaquias			119		
2081	Ana Paula	Marques	Malaquias			127		
2082	Ana Paula	Marques	Malaquias			133		
2090	Ana Paula	Marques	Malaquias			31		
2091	Ana Paula	Marques	Malaquias			32		
2092	Ana Paula	Marques	Malaquias			130		
1759	Angelo	Figueiredo				209		
1760	Angelo	Figueiredo				201		
1761	Angelo	Figueiredo				230		
1762	Angelo	Figueiredo				318		
1763	Angelo	Figueiredo				172		
1764	Angelo	Figueiredo				176		
1765	Angelo	Figueiredo				157		
1766	Angelo	Figueiredo				80		
1767	Angelo	Figueiredo				29		
1181	Antoninho	Damancio Figueiredo				47	Manuel Freitas	
1187	Antoninho	Damancio Figueiredo				74	Manuel Freitas	

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1186	Antoninho	Damancio Figueiredo				89	Manuel Freitas	
1188	Antoninho	Damancio Figueiredo				114	Manuel Freitas	
1189	Antoninho	Damancio Figueiredo				122	Manuel Freitas	
1638	Antoninho	Freitas	Antoninho Freitas Galuxo			74		
1185	Antoninho	Damancio Figueiredo				65	Manuel Freitas	
1193	Antoninho	Damancio Figueiredo				194	Manuel Freitas	
1184	Antoninho	Damancio Figueiredo				75	Manuel Freitas	
1183	Antoninho	Damancio Figueiredo				85	Manuel Freitas	
1182	Antoninho	Damancio Figueiredo				80	Manuel Freitas	
1191	Antoninho	Damancio Figueiredo				155	Manuel Freitas	
1192	Antoninho	Damancio Figueiredo				144	Manuel Freitas	
1190	Antoninho	Damancio Figueiredo				112	Manuel Freitas	
1634	Antoninho	Freitas	Antoninho Freitas Galuxo			71		
1637	Antoninho	Freitas	Antoninho Freitas Galuxo			68		
1636	Antoninho	Freitas	Antoninho Freitas Galuxo			62		
1635	Antoninho	Freitas	Antoninho Freitas Galuxo			70		
1194	Antoninho	Damancio Figueiredo				134	Manuel Freitas	
1195	Antoninho	Damancio Figueiredo				131	Manuel Freitas	
1196	Antoninho	Damancio Figueiredo				166	Manuel Freitas	
1197	Antoninho	Damancio Figueiredo				497	Manuel Freitas	Continua ate a rocha
1632	Antoninho	Freitas	Antoninho Freitas Galuxo			276		
1633	Antoninho	Freitas	Antoninho Freitas Galuxo			92		
1639	Antoninho	Freitas	Antoninho Freitas Galuxo			86		
1641	Antoninho	Freitas	Antoninho Freitas Galuxo			100		
1642	Antoninho	Freitas	Antoninho Freitas Galuxo			480		
1640	Antoninho	Freitas	Antoninho Freitas Galuxo			95		
2123	Antoninho	Moreira	Antoninho Moreira de Santa Barbara Pocilgas		1	2331		
2344	Antoninho	Soares				61		
2345	Antoninho	Soares				44		
2346	Antoninho	Soares				49		
2347	Antoninho	Soares				51		
2348	Antoninho	Soares				55		
2349	Antoninho	Soares				56		
2541	Antoninho		Antoninho das Almas			221		
2614	António	Maurício			5	134	António da Margarida	Herdeiros | Emigrante

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
2613	António	Maurício			5	102	António da Margarida	Herdeiros | Emigrante
2612	António	Maurício			5	106	António da Margarida	Herdeiros | Emigrante
2611	António	Maurício			5	84	António da Margarida	Herdeiros | Emigrante
2615	António					136		
2753	António	Puim			2	91		
2752	António	Puim			2	131		
2761	António	Fontes				282		
1106	António	Reis		Rosa e Joana		153		
1093	António	Reis		Rosa e Joana		189		
1094	António	Reis		Rosa e Joana		200		
1095	António	Reis		Rosa e Joana		200		
1096	António	Reis		Rosa e Joana		238		
1097	António	Reis		Rosa e Joana		240		
1098	António	Reis		Rosa e Joana		192		
1099	António	Reis		Rosa e Joana		208		
1100	António	Reis		Rosa e Joana		226		
1092	António	Reis		Rosa e Joana		223		Continua para cima em mortório
2754	António	Puim			2	91		
2751	António	Puim			2	79		
1101	António	Reis		Rosa e Joana		264		
1102	António	Reis		Rosa e Joana		264		
1103	António	Reis		Rosa e Joana		204		
1335	António	Viegas Leandres				144		Sapateiro
1814	António	Moura	António Moura das Areias			136	José António Marrao	
1813	António	Moura	António Moura das Areias			148	José António Marrao	
1812	António	Moura	António Moura das Areias			140	José António Marrao	
1820	António	Moura	António Moura das Areias			157	José António Marrao	
1808	António	Borges	Borges de Santo Espírito			181		
1807	António	Borges	Borges de Santo Espírito			198		
2616	António					82		
1473	António	Andrade	Tio António de Andrade			21		Emigrante | Herdeiros
1472	António	Andrade	Tio António de Andrade			29		Emigrante | Herdeiros
1471	António	Andrade	Tio António de Andrade			32		Emigrante | Herdeiros
1470	António	Andrade	Tio António de Andrade			32		Emigrante | Herdeiros
1809	António	Borges	Borges de Santo Espírito			232		
1104	António	Reis		Rosa e Joana		145		
1105	António	Reis		Rosa e Joana		160		
1266	António	Moreira				70		Familiar de Maria e Emília Moreira
1254	António	Moreira				45		Familiar de Maria e Emília Moreira
1255	António	Moreira				57		Familiar de Maria e Emília Moreira
1256	António	Moreira				34		Familiar de Maria e Emília Moreira
1257	António	Moreira				45		Familiar de Maria e Emília Moreira
1258	António	Moreira				42		Familiar de Maria e Emília Moreira
1259	António	Moreira				41		Familiar de Maria e Emília Moreira
1260	António	Moreira				32		Familiar de Maria e Emília Moreira
1261	António	Moreira				42		Familiar de Maria e Emília Moreira
1262	António	Moreira				43		Familiar de Maria e Emília Moreira
1263	António	Moreira				43		Familiar de Maria e Emília Moreira
1264	António	Moreira				71		Familiar de Maria e Emília Moreira
1265	António	Moreira				83		Familiar de Maria e Emília Moreira

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1253	António	Moreira				39		Familiar de Maria e Emília Moreira
1334	António	Viegas Leandres				155		Sapateiro
1336	António	Viegas Leandres				159		Sapateiro
1337	António	Viegas Leandres				159		Sapateiro
1467	António	Andrade	Tio António de Andrade			32		Emigrante | Herdeiros
1468	António	Andrade	Tio António de Andrade			30		Emigrante | Herdeiros
1469	António	Andrade	Tio António de Andrade			38		Emigrante | Herdeiros
1496	António	Moreira	António Moreira de Santa Barbara			344		Emigrante
1590	António	Costa				156		
1643	António	Andrade				613		
1655	António	Chaves				42		
1656	António	Chaves				44		
1657	António	Chaves				42		
1658	António	Chaves				46		
1659	António	Chaves				50		
1660	António	Chaves				54		
1661	António	Chaves				38		
1662	António	Chaves				40		
1663	António	Chaves				323		
1664	António	Chaves				612		
1722	António	Moura				114		
1810	António	Borges	Borges de Santo Espírito			469		
1798	António		António da Ribeira			135		
1811	António	Moura	António Moura das Areias			113	José António Marrao	
1815	António	Moura	António Moura das Areias			122	José António Marrao	
1816	António	Moura	António Moura das Areias			134	José António Marrao	
1817	António	Moura	António Moura das Areias			98	José António Marrao	
1818	António	Moura	António Moura das Areias			131	José António Marrao	
1819	António	Moura	António Moura das Areias			155	José António Marrao	
1821	António	Moura	António Moura das Areias			158	José António Marrao	
1822	António	Moura	António Moura das Areias			160	José António Marrao	
1899	António	Puim	António Puim do Poço Grande			115		Falecido
1900	António	Puim	António Puim do Poço Grande			131		Falecido
1901	António	Puim	António Puim do Poço Grande			115		Falecido
1902	António	Puim	António Puim do Poço Grande			105		Falecido
1903	António	Puim	António Puim do Poço Grande			101		Falecido
1981	António	Moura	António Moura das Areias			866	José António Marrao	
1982	António		António das Bananeiras das Feteiras de São Pedro		5	94		
1983	António		António das Bananeiras das Feteiras de São Pedro		5	75		
1993	António		António da Ribeira			79		

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1994	António	Borges	Borges de Santo Espírito			121		
1995	António	Borges	Borges de Santo Espírito			69		
1996	António	Borges	Borges de Santo Espírito			47		
2101	António	Ventura				146		Um ou dois currais
2125	António	Reis				87		
2126	António	Reis				66		
2774	António	Reis				74		
2129	António	Reis				65		
2131	António	Reis				76		
2133	António	Reis				65		
2135	António	Reis				77		
2138	António	Reis				71		
2139	António	Reis				77		
2220	António	Viegas				41		
2221	António	Viegas				33		
2222	António	Viegas				35		
2223	António	Viegas				31		
2224	António	Viegas				33		
2225	António	Viegas				37		
2226	António	Viegas				36		
2227	António	Viegas				40		
2228	António	Viegas				39		
2229	António	Viegas				39		
2256	António					37		
2257	António					74		
2259	António					109		
2260	António					72		
2261	António					101		
2282	António	Fontes				158		
2283	António	Fontes				276		
2363	António	Freitas				56		
2364	António	Freitas				55		
2365	António	Freitas				43		
2366	António	Freitas				31		
2367	António	Freitas				23		
2395	António	Freitas				52		Emigrante América
2396	António	Freitas				72		Emigrante América
2397	António	Freitas				87		Emigrante América
2398	António	Freitas				89		Emigrante América
2399	António	Freitas				118		Emigrante América
2400	António	Freitas				97		Emigrante América
2401	António	Freitas				71		Emigrante América
2402	António	Freitas				50		Emigrante América
2403	António	Freitas				48		Emigrante América
2404	António	Freitas				44		Emigrante América
2405	António	Freitas				38		Emigrante América
2406	António	Freitas				104		Emigrante América
2407	António	Freitas				68		Emigrante América
2408	António	Freitas				55		Emigrante América
2409	António	Freitas				60		Emigrante América
2410	António	Freitas				55		Emigrante América

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
2411	António	Freitas				53		Emigrante América
2412	António	Freitas				44		Emigrante América
2413	António	Freitas				46		Emigrante América
2414	António	Freitas				56		Emigrante América
2415	António	Freitas				54		Emigrante América
2691	António	Soares	António Soares da Inocência da Azenha			78		Herdeiros
2692	António	Soares	António Soares da Inocência da Azenha			85		Herdeiros
2693	António	Soares	António Soares da Inocência da Azenha			72		Herdeiros
2694	António	Soares	António Soares da Inocência da Azenha			66		Herdeiros
2695	António	Soares	António Soares da Inocência da Azenha			65		Herdeiros
2696	António	Soares	António Soares da Inocência da Azenha			57		Herdeiros
2697	António	Soares	António Soares da Inocência da Azenha			55		Herdeiros
2698	António	Soares	António Soares da Inocência da Azenha			55		Herdeiros
2699	António	Soares	António Soares da Inocência da Azenha			71		Herdeiros
2700	António	Soares	António Soares da Inocência da Azenha			74		Herdeiros
2701	António	Soares	António Soares da Inocência da Azenha			82		Herdeiros
2702	António	Soares	António Soares da Inocência da Azenha			77		Herdeiros
2703	António	Soares	António Soares da Inocência da Azenha			74		Herdeiros
2704	António	Soares	António Soares da Inocência da Azenha			72		Herdeiros
2705	António	Soares	António Soares da Inocência da Azenha			64		Herdeiros
2706	António	Soares	António Soares da Inocência da Azenha			68		Herdeiros
2707	António	Soares	António Soares da Inocência da Azenha			65		Herdeiros
2708	António	Soares	António Soares da Inocência da Azenha			86		Herdeiros
2711	António	Soares	António Soares da Boavista de Santa Barbara		1	82		Herdeiros
2712	António	Soares	António Soares da Boavista de Santa Barbara		1	67		Herdeiros
2713	António	Soares	António Soares da Boavista de Santa Barbara		1	55		Herdeiros
2714	António	Soares	António Soares da Boavista de Santa Barbara		1	68		Herdeiros
2715	António	Soares	António Soares da Boavista de Santa Barbara		1	58		Herdeiros

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
2720	António	Soares	António Soares da Boavista de Santa Barbara		1	48		Herdeiros
2721	António	Soares	António Soares da Boavista de Santa Barbara		1	81		Herdeiros
2722	António	Soares	António Soares da Boavista de Santa Barbara		1	89		Herdeiros
2723	António	Soares	António Soares da Boavista de Santa Barbara		1	68		Herdeiros
2724	António	Soares	António Soares da Boavista de Santa Barbara		1	79		Herdeiros
2725	António	Soares	António Soares da Boavista de Santa Barbara		1	94		Herdeiros
2726	António	Soares	António Soares da Boavista de Santa Barbara		1	83		Herdeiros
2727	António	Soares	António Soares da Boavista de Santa Barbara		1	77		Herdeiros
2728	António	Soares	António Soares da Boavista de Santa Barbara		1	78		Herdeiros
2729	António	Borges	Inglês do Forno de Santa Barbara		1	41		Herdeiros
2730	António	Borges	Inglês do Forno de Santa Barbara		1	36		Herdeiros
2731	António	Borges	Inglês do Forno de Santa Barbara		1	45		Herdeiros
2732	António	Borges	Inglês do Forno de Santa Barbara		1	23		Herdeiros
2733	António	Borges	Inglês do Forno de Santa Barbara		1	46		Herdeiros
2716	António	Puim	António Puim do Poço Grande de Santa Barbara			55		
2717	António	Puim	António Puim do Poço Grande de Santa Barbara			45		
2718	António	Puim	António Puim do Poço Grande de Santa Barbara			39		
2719	António	Puim	António Puim do Poço Grande de Santa Barbara			42		
2734	António	Borges	Inglês do Forno de Santa Barbara		1	47		Herdeiros
2735	António	Borges	Inglês do Forno de Santa Barbara		1	45		Herdeiros
2736	António	Borges	Inglês do Forno de Santa Barbara		1	49		Herdeiros
2765	António	Fontes				254		
2764	António	Fontes				287		
2763	António	Fontes				290		
2762	António	Fontes				281		
2780	António	Reis				116		
2928	António		António da Adelina		1	148		Herdeiros | Morava na Azenha | Pode não ter esta forma A vegetação não permite perceber
2468	António de	Melo	António de Melo Patacho			96		Herdeiros de António de Melo Patacho
2469	António de	Melo	António de Melo Patacho			111		Herdeiros de António de Melo Patacho

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
2470	António de	Melo	António de Melo Patacho			117		Herdeiros de António de Melo Patacho
2471	António de	Melo	António de Melo Patacho			123		Herdeiros de António de Melo Patacho
2472	António de	Melo	António de Melo Patacho			108		Herdeiros de António de Melo Patacho
2473	António de	Melo	António de Melo Patacho			122		Herdeiros de António de Melo Patacho
2474	António de	Melo	António de Melo Patacho			142		Herdeiros de António de Melo Patacho
2475	António de	Melo	António de Melo Patacho			139		Herdeiros de António de Melo Patacho
2476	António de	Melo	António de Melo Patacho			184		Herdeiros de António de Melo Patacho
2477	António de	Melo	António de Melo Patacho			234		Herdeiros de António de Melo Patacho
2478	António de	Melo	António de Melo Patacho			224		Herdeiros de António de Melo Patacho
2479	António de	Melo	António de Melo Patacho			211		Herdeiros de António de Melo Patacho
1338	António e José Chaves	e Moura	António da Madeira			1195		
2122	António e Zelia Puim	e Moura	António Sata e			351		Casados
2740	António Jorge				1	66		
2741	António Jorge				1	63		
2742	António Jorge				1	62		
1437	António José e José	Morais				593		Irmãos
1535	António Manuel					163		
1536	António Manuel					157		
1537	António Manuel					162		
1538	António Manuel					141		
1534	António Manuel					156		
1539	António Manuel					124		
2258	António Maria				5	105		
2006	António Pedro	Figueiredo	António Pedro			1139		Emigrante canada | últimos currais em mortório
2767	António Puim	Moura				96		
2766	António Puim	Moura				87		
2768	António Puim	Moura				76		
2769	António Puim	Moura				70		
1006	Arménia			Rosa e Joana	5	78	Márcio Tavares	
1007	Arménia			Rosa e Joana	5	103	Márcio Tavares	
1008	Arménia			Rosa e Joana	5	127	Márcio Tavares	
1009	Arménia			Rosa e Joana	5	112	Márcio Tavares	
1010	Arménia			Rosa e Joana	5	169	Márcio Tavares	
1011	Arménia			Rosa e Joana	5	153	Márcio Tavares	
1012	Arménia			Rosa e Joana	5	130	Márcio Tavares	
1013	Arménia			Rosa e Joana	5	140	Márcio Tavares	
1005	Arménia			Rosa e Joana	5	155	Márcio Tavares	
1002	Arménia			Rosa e Joana	5	76	Márcio Tavares	
1001	Arménia			Rosa e Joana	5	70	Márcio Tavares	
1003	Arménia			Rosa e Joana	5	99	Márcio Tavares	
1004	Arménia			Rosa e Joana	5	104	Márcio Tavares	
2543	Beatriz	Moreira				87		
2544	Beatriz	Moreira				34		
2545	Beatriz	Moreira				47		
2431	Beatriz	Moreira				97		
2432	Beatriz	Moreira				84		
2433	Beatriz	Moreira				43		
2434	Beatriz	Moreira				102		
2634	Bernardino	Reis				75		
2635	Bernardino	Reis				110		

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
2636	Bernardino	Reis				81		
2637	Bernardino	Reis				91		
2638	Bernardino	Reis				70		
2639	Bernardino	Reis				52		
2640	Bernardino	Reis				57		
2641	Bernardino	Reis				47		
2642	Bernardino	Reis				46		
2643	Bernardino	Reis				79		
2644	Bernardino	Reis				81		
2645	Bernardino	Reis				75		
2646	Bernardino	Reis				73		
2647	Bernardino	Reis				58		
2648	Bernardino	Reis				53		
2649	Bernardino	Reis				62		
2650	Bernardino	Reis				72		
2651	Bernardino	Reis				43		
2652	Bernardino	Reis				38		
2653	Bernardino	Reis				41		
1124	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		177		
1123	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		183		
1122	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		189		
1121	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		263		
1120	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		234		
1131	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		175		
1130	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		135		
1129	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		128		
1128	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		121		
1110	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		121		
1111	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		107		
1112	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		107		
1113	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		141		
1114	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		108		
1115	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		94		
1127	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		179		
1126	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		118		
1125	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		120		
1116	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		240		
1117	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		234		
1109	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		120		
1118	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		272		
1119	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		266		
1107	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		184		
1108	Branca Cristina	Leandro		Rosa e Joana		120		
2190	C.	Reis				71		
2191	C.	Reis				80		
2192	C.	Reis				70		
2193	C.	Reis				77		
2194	C.	Reis				66		
2195	C.	Reis				63		
2196	C.	Reis				68		
2197	C.	Reis				56		

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
2198	C.	Reis				45		
2199	C.	Reis				56		
2200	C.	Reis				45		
2201	C.	Reis				37		
2202	C.	Reis				36		
2203	C.	Reis				46		
2204	C.	Reis				33		
2205	C.	Reis				43		
2206	C.	Reis				39		
2207	C.	Reis				39		
2208	C.	Reis				41		
2209	C.	Reis				33		
2210	C.	Reis				34		
2211	C.	Reis				35		
2212	C.	Reis				36		
2213	C.	Reis				35		
2214	C.	Reis				33		
2215	C.	Reis				32		
2216	C.	Reis				29		
2217	C.	Reis				25		
2218	C.	Reis				31		
2219	C.	Reis				24		
2249	C.	Reis				67		
2776	C.	Reis				32		
2291	C.	Reis				28		
1694	Cidália e João Luís					1189		Cidália Puim Emigrante
2103	Clotilde					47		Dona Clotilde do minimercado na Almagreira
2102	Clotilde					50		Dona Clotilde do minimercado na Almagreira
2104	Clotilde					68		Dona Clotilde do minimercado na Almagreira
2105	Clotilde					68		Dona Clotilde do minimercado na Almagreira
1214	Clotilde					51		Dona Clotilde do minimercado na Almagreira
1215	Clotilde					72		Dona Clotilde do minimercado na Almagreira
2002	Clotilde					335		Dona Clotilde do minimercado na Almagreira
2804	Damião					251		Duvida | No local parece que já pertence ao Alemão
1671	Daniel		Daniel do Entrudo			57		
1672	Daniel		Daniel do Entrudo			274		
2110	Daniel e Belmira	Soares			1	964		Casados
1178	David	Machado				148	José da Trindade	Emigrante | José de Moura da Calheta (Procurador)
1179	David	Machado				147	José da Trindade	Emigrante | José de Moura da Calheta (Procurador)
1169	David	Machado				199	José da Trindade	Emigrante | José de Moura da Calheta (Procurador)
1170	David	Machado				217	José da Trindade	Emigrante | José de Moura da Calheta (Procurador)
1171	David	Machado				200	José da Trindade	Emigrante | José de Moura da Calheta (Procurador)
1172	David	Machado				216	José da Trindade	Emigrante | José de Moura da Calheta (Procurador)
1173	David	Machado				161	José da Trindade	Emigrante | José de Moura da Calheta (Procurador)
1174	David	Machado				179	José da Trindade	Emigrante | José de Moura da Calheta (Procurador)
1175	David	Machado				129	José da Trindade	Emigrante | José de Moura da Calheta (Procurador)
1176	David	Machado				125	José da Trindade	Emigrante | José de Moura da Calheta (Procurador)
1177	David	Machado				203	José da Trindade	Emigrante | José de Moura da Calheta (Procurador)
1180	David	Machado				201	José da Trindade	Emigrante | José de Moura da Calheta (Procurador) | Continua ate a rocha com mortório
1058	Deodato	Magalhães		Rosa e Joana	5	482		

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1057	Deodato	Magalhães		Rosa e Joana	5	509		
1059	Deodato	Magalhães				451		
1051	Deodato	Magalhães		Rosa e Joana	5	304		
1052	Deodato	Magalhães		Rosa e Joana	5	301		
1053	Deodato	Magalhães		Rosa e Joana	5	279		
1054	Deodato	Magalhães		Rosa e Joana	5	237		
1055	Deodato	Magalhães		Rosa e Joana	5	360		
1056	Deodato	Magalhães		Rosa e Joana	5	373		
1050	Deodato	Magalhães		Rosa e Joana	5	316		
1049	Deodato	Magalhães		Rosa e Joana	5	249		
1048	Deodato	Magalhães		Rosa e Joana	5	192		
1047	Deodato	Magalhães		Rosa e Joana	5	179		
1060	Deodato	Magalhães				304		
2620	Dinis	Chaves	Dinis Manato			103		Duvida no apelido
2358	Dinis	Manato				36		
2359	Dinis	Manato				36		
2360	Dinis	Manato				56		
2361	Dinis	Manato				61		
2362	Dinis	Manato				46		
2621	Dinis	Chaves	Dinis Manato			119		Duvida no apelido
2622	Dinis	Chaves	Dinis Manato			146		Duvida no apelido
2631	Dinis	Chaves	Dinis Manato			45		Duvida no apelido
2632	Dinis	Chaves	Dinis Manato			47		Duvida no apelido
2633	Dinis	Chaves	Dinis Manato			43		Duvida no apelido
2914	Dinis	Chaves	Dinis Manato			39		Duvida no apelido
2757	Emília	Sousa				296		Emigrante Canada
2758	Emília	Sousa				157		Emigrante Canada
2759	Emília	Sousa				153		Emigrante Canada
2760	Emília	Sousa				119		Emigrante Canada
2771	Emília	Sousa				92		Emigrante Canada
1014	Ermelinda	Moura		Rosa e Joana	5	145	Márcio Tavares	
1015	Ermelinda	Moura		Rosa e Joana	5	134	Márcio Tavares	
1016	Ermelinda	Moura		Rosa e Joana	5	140	Márcio Tavares	
1017	Ermelinda	Moura		Rosa e Joana	5	126	Márcio Tavares	
1018	Ermelinda	Moura		Rosa e Joana	5	121	Márcio Tavares	
1021	Ermelinda	Moura		Rosa e Joana	5	118	Márcio Tavares	
1022	Ermelinda	Moura		Rosa e Joana	5	113	Márcio Tavares	
1025	Ermelinda	Moura		Rosa e Joana	5	92	Márcio Tavares	
1026	Ermelinda	Moura		Rosa e Joana	5	92	Márcio Tavares	
1027	Ermelinda	Moura		Rosa e Joana	5	149	Márcio Tavares	
1028	Ermelinda	Moura		Rosa e Joana	5	136	Márcio Tavares	
1029	Ermelinda	Moura		Rosa e Joana	5	132	Márcio Tavares	
1023	Ermelinda	Moura		Rosa e Joana	5	108	Márcio Tavares	
1024	Ermelinda	Moura		Rosa e Joana	5	97	Márcio Tavares	
1030	Ermelinda	Moura		Rosa e Joana	5	76	Márcio Tavares	
1134	Ernesto e Urzelina	Arruda e Camara		Sobrinha		131		Herdeiros
1135	Ernesto e Urzelina	Arruda e Camara		Sobrinha		181		Herdeiros
1136	Ernesto e Urzelina	Arruda e Camara		Sobrinha		151		Herdeiros

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1137	Ernesto e Urzelina	Arruda e Camara		Sobrinha		171		Herdeiros
1133	Ernesto e Urzelina	Arruda e Camara		Sobrinha		100		Herdeiros
1138	Ernesto e Urzelina	Arruda e Camara		Sobrinha		166		Herdeiros
1139	Ernesto e Urzelina	Arruda e Camara		Sobrinha		192		Herdeiros
1145	Ernesto e Urzelina	Arruda e Camara		Sobrinha		316		Herdeiros
1144	Ernesto e Urzelina	Arruda e Camara		Sobrinha		290		Herdeiros
1143	Ernesto e Urzelina	Arruda e Camara		Sobrinha		268		Herdeiros
1142	Ernesto e Urzelina	Arruda e Camara		Sobrinha		245		Herdeiros
1141	Ernesto e Urzelina	Arruda e Camara		Sobrinha		193		Herdeiros
1140	Ernesto e Urzelina	Arruda e Camara		Sobrinha		199		Herdeiros
1146	Ernesto e Urzelina	Arruda e Camara		Sobrinha		242		Herdeiros
1147	Ernesto e Urzelina	Arruda e Camara		Sobrinha		132		Herdeiros
1148	Ernesto e Urzelina	Arruda e Camara		Sobrinha		128		Herdeiros
1132	Ernesto e Urzelina	Arruda e Camara		Sobrinha		59		Herdeiros
2591	Fernando	Pires				108		
2592	Fernando	Pires				119		
2593	Fernando	Pires				118		
2594	Fernando	Pires				117		
2595	Fernando	Pires				113		
2596	Fernando	Pires				144		
2597	Fernando	Pires				139		
2598	Fernando	Pires				99		
2599	Fernando	Pires				142		
2600	Fernando	Pires				112		
2601	Fernando	Pires				105		
2602	Fernando	Pires				81		
2489	Francisco	Figueiredo			1	79		Santo Espírito
2490	Francisco	Figueiredo			1	90		Santo Espírito
2491	Francisco	Figueiredo			1	79		Santo Espírito
2492	Francisco	Figueiredo			1	90		Santo Espírito
2493	Francisco	Figueiredo			1	97		Santo Espírito
2494	Francisco	Figueiredo			1	86		Santo Espírito
2495	Francisco	Figueiredo			1	83		Santo Espírito
2496	Francisco	Figueiredo			1	91		Santo Espírito
2497	Francisco	Figueiredo			1	73		Santo Espírito
1503	Geraldo		Doutor Geraldo			66		
1504	Geraldo		Doutor Geraldo			76		

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1505	Geraldo		Doutor Geraldo			71		
2052	Gloria					127		Gloria mãe do Henrique Reis
2032	Gloria					61		Gloria mãe do Henrique Reis
2033	Gloria					48		Gloria mãe do Henrique Reis
2034	Gloria					52		Gloria mãe do Henrique Reis
2035	Gloria					47		Gloria mãe do Henrique Reis
2036	Gloria					57		Gloria mãe do Henrique Reis | Duvida
2048	Gloria					37		Gloria mãe do Henrique Reis
2049	Gloria					38		Gloria mãe do Henrique Reis
2050	Gloria					38		Gloria mãe do Henrique Reis
2051	Gloria					45		Gloria mãe do Henrique Reis
2053	Gloria					52		Gloria mãe do Henrique Reis
2054	Gloria					34		Gloria mãe do Henrique Reis
2055	Gloria					37		Gloria mãe do Henrique Reis
2072	Gloria					63		Gloria mãe do Henrique Reis
2073	Gloria					158		Gloria mãe do Henrique Reis
2074	Gloria					107		Gloria mãe do Henrique Reis
2075	Gloria					52		Gloria mãe do Henrique Reis
1499	Helena	Bairos	Helena Bairos da Burra | do Arrebentão de Santa Barbara			71		
1500	Helena	Bairos	Helena Bairos da Burra | do Arrebentão de Santa Barbara			59		
1501	Helena	Bairos	Helena Bairos da Burra | do Arrebentão de Santa Barbara			107		
1502	Helena	Bairos	Helena Bairos da Burra | do Arrebentão de Santa Barbara			94		
1325	Hélio	Freitas				67		Vive na Almagreira
1331	Hélio	Freitas				59		Vive na Almagreira
1326	Hélio	Freitas				84		Vive na Almagreira
1330	Hélio	Freitas				79		Vive na Almagreira
1332	Hélio	Freitas				80		Vive na Almagreira
1333	Hélio	Freitas				61		Vive na Almagreira
1339	Henrique	Nunes				366		
1340	Henrique	Nunes				367		
2007	Henrique e Henrique	Nunes e	e Henrique da Farmácia			1393		Acesso a casa de Henrique Nunes
2037	Henrique e Manuel	Reis e	e Manuel Sata			53		Duvida
2038	Henrique e Manuel	Reis e	e Manuel Sata			44		
2039	Henrique e Manuel	Reis e	e Manuel Sata			59		
2040	Henrique e Manuel	Reis e	e Manuel Sata			67		
2041	Henrique e Manuel	Reis e	e Manuel Sata			47		Duvida
1871	Inês					87		Emigrante | Inês Filha de Manuel das Faias e esposa de Eduardo Ramalho
1873	Inês					86		Emigrante | Inês Filha de Manuel das Faias e esposa de Eduardo Ramalho
1874	Inês					74		Emigrante | Inês Filha de Manuel das Faias e esposa de Eduardo Ramalho

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1878	Inês					75		Emigrante | Inês Filha de Manuel das Faias e esposa de Eduardo Ramalho
1879	Inês					75		Emigrante | Inês Filha de Manuel das Faias e esposa de Eduardo Ramalho
1880	Inês					68		Emigrante | Inês Filha de Manuel das Faias e esposa de Eduardo Ramalho
1881	Inês					70		Emigrante | Inês Filha de Manuel das Faias e esposa de Eduardo Ramalho
1882	Inês					64		Emigrante | Inês Filha de Manuel das Faias e esposa de Eduardo Ramalho
1883	Inês					77		Emigrante | Inês Filha de Manuel das Faias e esposa de Eduardo Ramalho
1877	Inês					71		Emigrante | Inês Filha de Manuel das Faias e esposa de Eduardo Ramalho
1876	Inês					64		Emigrante | Inês Filha de Manuel das Faias e esposa de Eduardo Ramalho
1875	Inês					69		Emigrante | Inês Filha de Manuel das Faias e esposa de Eduardo Ramalho
1592	Inês	Costa				85		
1591	Inês	Costa				144		
1593	Inês	Costa				127		
1594	Inês	Costa				74		
1595	Inês	Costa				92		
1596	Inês	Costa				93		
1597	Inês	Costa				74		
1884	Inês					47		Emigrante | Inês Filha de Manuel das Faias e esposa de Eduardo Ramalho
1885	Inês					146		Emigrante | Inês Filha de Manuel das Faias e esposa de Eduardo Ramalho
1872	Inês					66		Emigrante | Inês Filha de Manuel das Faias e esposa de Eduardo Ramalho
1309	Isabel		Isabel da Almagreira			71		
1308	Isabel		Isabel da Almagreira			67		
1307	Isabel		Isabel da Almagreira			69		
1310	Isabel		Isabel da Almagreira			89		
1311	Isabel		Isabel da Almagreira			135		
1312	Isabel		Isabel da Almagreira			123		
1314	Isabel		Isabel da Almagreira			65		
1313	Isabel		Isabel da Almagreira			60		
1304	Isabel		Isabel da Almagreira			80		
1305	Isabel		Isabel da Almagreira			70		
1306	Isabel		Isabel da Almagreira			66		
1315	Isabel		Isabel da Almagreira			109		
2654	Ivone	Baptista				84		
2655	Ivone	Baptista				89		
2656	Ivone	Baptista				76		
2657	Ivone	Baptista				71		
2658	Ivone	Baptista				65		
2659	Ivone	Baptista				60		
2660	Ivone	Baptista				59		
2661	Ivone	Baptista				45		

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
2662	Ivone	Baptista				40		
1583	Jacinto	Monteiro	Padre Jacinto Monteiro			243		Família do Padre Jacinto Monteiro
1582	Jacinto	Monteiro	Padre Jacinto Monteiro			236		Família do Padre Jacinto Monteiro
1581	Jacinto	Monteiro	Padre Jacinto Monteiro			236		Família do Padre Jacinto Monteiro
2925	Jacinto	Tavares			1	68		
2737	Jacinto	Tavares			1	97		
2738	Jacinto	Tavares			1	91		
2739	Jacinto	Tavares			1	80		
1286	Jácome	Costa				138		
1287	Jácome	Costa				116		
1288	Jácome	Costa				99		
1289	Jácome	Costa				101		
1290	Jácome	Costa				94		
1291	Jácome	Costa				128		
1272	Jaime	Figueiredo	Jaime Figueiredo da Carreira			863		Herdeiros
1566	João		João dos Rapazes e Manuel Borges da Luísa			3822		João dos Rapazes e Manuel Borges da Luísa
1953	João	Furtado				48		Filhos
1954	João	Furtado				52		Filhos
1951	João	Furtado				41		Filhos
1950	João	Furtado				25		Filhos
1949	João	Furtado				31		Filhos
1948	João	Furtado				33		Filhos
1947	João	Furtado				41		Filhos
1459	João		João dos Rapazes			157		
1458	João		João dos Rapazes			179		
1457	João		João dos Rapazes			188		
1456	João		João dos Rapazes			169		
1455	João		João dos Rapazes			136		
1454	João		João dos Rapazes			141		
1453	João		João dos Rapazes			118		
1452	João		João dos Rapazes			136		
1451	João		João dos Rapazes			100		
1450	João		João dos Rapazes			89		
1514	João	Pimentel				176		de São Miguel | Guarda Fiscal
1515	João	Pimentel				112		de São Miguel | Guarda Fiscal
1516	João	Pimentel				114		de São Miguel | Guarda Fiscal
1517	João	Pimentel				101		de São Miguel | Guarda Fiscal
1518	João	Pimentel				100		de São Miguel | Guarda Fiscal
1519	João	Pimentel				78		de São Miguel | Guarda Fiscal
1520	João	Pimentel				88		de São Miguel | Guarda Fiscal
1521	João	Pimentel				106		de São Miguel | Guarda Fiscal
1522	João	Pimentel				59		de São Miguel | Guarda Fiscal
1523	João	Pimentel				71		de São Miguel | Guarda Fiscal
1826	João		João da Filomena			99		
1827	João		João da Filomena		1	376		
1912	João		João da Filomena			33		
1913	João		João da Filomena			36		
1914	João		João da Filomena			29		
1915	João		João da Filomena			34		
1916	João		João da Filomena			36		

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1917	João		João da Filomena			38		
1918	João		João da Filomena			36		
1919	João		João da Filomena			32		
1920	João		João da Filomena			25		
1921	João		João da Filomena			31		
1922	João		João da Filomena			30		
1923	João		João da Filomena			28		
1924	João		João da Filomena			621		
1925	João		João da Filomena			324		
1943	João	Furtado				28		Filhos
1944	João	Furtado				49		Filhos
1945	João	Furtado				49		Filhos
1946	João	Furtado				81		Filhos
1952	João	Furtado				83		Filhos
1955	João	Furtado				54		Filhos
1956	João	Furtado				65		Filhos
2898	João da Ascensão Moura	Moreira			2	686		Emigrante no Canada | Irmão de António da Margarida
2113	João e Virgínia	e Cabral	Tio João Marrao e			60		
2114	João e Virgínia	e Cabral	Tio João Marrao e			62		
2743	João Mariano		João Mariano do Pico de Santo Espírito		1	160		
2926	João Mariano		João Mariano do Pico de Santo Espírito		1	147		
2744	João Mariano		João Mariano do Pico de Santo Espírito		1	136		
2745	João Mariano		João Mariano do Pico de Santo Espírito		1	138		
2746	João Mariano		João Mariano do Pico de Santo Espírito		1	149		
2747	João Mariano		João Mariano do Pico de Santo Espírito		1	143		
2748	João Mariano		João Mariano do Pico de Santo Espírito		1	137		
2749	João Mariano		João Mariano do Pico de Santo Espírito		1	144		
2927	João Mariano		João Mariano do Pico de Santo Espírito		1	172		
1424	Jorge	Gago da Câmara	Doutor Jorge			110		
1423	Jorge	Gago da Câmara	Doutor Jorge			117		
1422	Jorge	Gago da Câmara	Doutor Jorge			113		
1425	Jorge	Gago da Câmara	Doutor Jorge			98		
1426	Jorge	Gago da Câmara	Doutor Jorge			109		
1427	Jorge	Gago da Câmara	Doutor Jorge			112		

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1428	Jorge	Gago da Câmara	Doutor Jorge			108		
1299	Jorge		Jorge da Almagreira			278		Família da esposa do Jaime da Remaçor
1417	Jorge		Doutor Jorge			517		
1429	Jorge		Doutor Jorge			115		
1293	José	Costa				118		
1281	José	Figueiredo				135		Emigrante | Falecido | Esposa viva
1860	José		José da Mo			85		
1859	José		José da Mo			66		
1858	José		José da Mo			57		
1861	José		José da Mo			87		
1862	José		José da Mo			70		
1855	José		José da Mo			126		
1942	José	Furtado				45		
1941	José	Furtado				40		
1940	José	Furtado				49		
1939	José	Furtado				42		
1930	José	Furtado				47		
1931	José	Furtado				42		
1747	José	Figueiredo				275		
1748	José	Figueiredo				197		
1749	José	Figueiredo				203		
1750	José	Figueiredo				201		
1751	José	Figueiredo				187		
1678	José	Sousa	José da Filomena			74		
1669	José	Cabral				88		Presidente da Junta de Freguesia de Santa Barbara
1668	José	Cabral				78		Presidente da Junta de Freguesia de Santa Barbara
1679	José	Sousa	José da Filomena			56		
1295	José	Costa				100		
1294	José	Costa				102		
1296	José	Costa				89		
1282	José	Figueiredo				85		Emigrante | Falecido | Esposa viva
1403	José	Moura				104		Emigrante
1404	José	Moura				102		Emigrante
1405	José	Moura				91		Emigrante
1460	José		Tio José Boquete			51		
1461	José		Tio José Boquete			45		
1462	José		Tio José Boquete			52		
1463	José		Tio José Boquete			51		
1412	José	Moura				97		Emigrante
1628	José	Bairos				78		Emigrante
1627	José	Bairos				61		Emigrante
1626	José	Bairos				53		Emigrante
1629	José	Bairos				73		Emigrante
1273	José		José da Ladeira		4	84		Emigrante | Filho de António e Antónia
1274	José		José da Ladeira		4	106		Emigrante | Filho de António e Antónia
1275	José		José da Ladeira		4	113		Emigrante | Filho de António e Antónia
1276	José		José da Ladeira		4	113		Emigrante | Filho de António e Antónia
1277	José		José da Ladeira		4	146		Emigrante | Filho de António e Antónia
1278	José		José da Ladeira		4	145		Emigrante | Filho de António e Antónia
1279	José		José da Ladeira		4	634		Emigrante | Filho de António e Antónia

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1280	José	Figueiredo				128		Emigrante | Falecido | Esposa viva
1283	José	Figueiredo				88		Emigrante | Falecido | Esposa viva
1284	José	Figueiredo				109		Emigrante | Falecido | Esposa viva
1285	José	Figueiredo			1	577		Emigrante | Falecido | Esposa viva | Continua ate a rocha | Com mortório
1292	José	Costa				137		
1297	José	Costa				642		
1400	José	Moura				97		Emigrante
1401	José	Moura				86		Emigrante
1402	José	Moura				132		Emigrante
1406	José	Moura				91		Emigrante
1407	José	Moura				49		Emigrante
1408	José	Moura				68		Emigrante
1409	José	Moura				89		Emigrante
1410	José	Moura				82		Emigrante
1411	José	Moura				85		Emigrante
1413	José	Moura				61		Emigrante
1414	José	Moura				53		Emigrante
1415	José	Moura				581		Emigrante
1464	José		Tio José Boquete			80		
1465	José		Tio José Boquete			67		
1466	José		Tio José Boquete			56		
1625	José	Bairos				142		Emigrante
1630	José	Bairos				279		Emigrante
1667	José	Cabral				96		Presidente da Junta de Freguesia de Santa Barbara
1670	José	Cabral				89		Presidente da Junta de Freguesia de Santa Barbara
1676	José	Sousa	José da Filomena			78		
1720	José	Freitas				147		
1752	José	Figueiredo				170		
1753	José	Figueiredo				150		
1754	José	Figueiredo				142		
1755	José	Figueiredo				93		
1756	José	Figueiredo				86		
1757	José	Figueiredo				87		
1758	José	Figueiredo				198		
1856	José		José da Mo			124		
1857	José		José da Mo			66		
1863	José		José da Mo			65		
1864	José		José da Mo			89		
1865	José		José da Mo			96		
1854	José		José da Mo			76		
1853	José		José da Mo			89		
1852	José		José da Mo			136		
1851	José		José da Mo			104		
1929	José	Furtado				450		Oito currais
1957	José	Furtado				26		
1958	José	Furtado				43		
1959	José	Furtado				47		
1960	José	Furtado				106		
1961	José	Furtado				28		
1962	José	Furtado				43		

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1963	José	Furtado				30		
1964	José	Furtado				41		
2254	José	Resendes				38		
2799	José	Resendes				50		
2255	José	Resendes				51		
2448	José				1	42		
2449	José				1	47		
2450	José				1	48		
2451	José				1	38		
2798	José	Resendes				93		
2922	José	Cunha	José Cunha de Almagreira			659		Herdeiros
2480	José António	Soares			1	72		
2481	José António	Soares			1	92		
2482	José António	Soares			1	87		
2483	José António	Soares			1	75		
2484	José António	Soares			1	102		
2485	José António	Soares			1	95		
2486	José António	Soares			1	77		
2487	José António	Soares			1	60		
2488	José António	Soares			1	64		
2671	José António Monteiro	Andrade			5	56	António da Margarida	Emigrante
2672	José António Monteiro	Andrade			5	67	António da Margarida	Emigrante
2673	José António Monteiro	Andrade			5	68	António da Margarida	Emigrante
2674	José António Monteiro	Andrade			5	62	António da Margarida	Emigrante
2675	José António Monteiro	Andrade			5	53	António da Margarida	Emigrante
2915	José António Monteiro	Andrade				1045		Emigrante
2916	José António Monteiro	Andrade				136		Emigrante
2619	José Bernardo					151		
2618	José Bernardo					110		
2617	José Bernardo					179		
2603	José Bernardo					57		
2604	José Bernardo					51		
2605	José Bernardo					58		
2606	José Bernardo					60		
2607	José Bernardo					92		
2608	José Bernardo					102		
2609	José Bernardo					124		
2610	José Bernardo					134		
2623	José Bernardo					136		
2624	José Bernardo					150		
2625	José Bernardo					151		
2626	José Bernardo					177		
2627	José Bernardo					165		
2628	José Bernardo					106		

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
2629	José Bernardo					61		
2630	José Bernardo					53		
2913	José Bernardo					58		
1434	José Cunha	Morais	Rapa			162		
1435	José Cunha	Morais	Rapa			137		
1436	José Cunha	Morais	Rapa			148		O número de currais pode não estar corretamente representado
2802	José e e Maria	Moreira e e	e e Maria da Francisca			561		Tres proprietários | José Moreira e Madrinha do António e Maria da Francisca | Herdeiros | Emigrante Canada | Emigrante Canada
1416	José e Ernesto	Viegas e				2036		Metade de cima e de um e metade de baixo e de outro
1559	José e Nélia	do Cabeço e Braga	do Cabeço e Braga			124		
1558	José e Nélia	do Cabeço e Braga	do Cabeço e Braga			134		
1561	José e Nélia	do Cabeço e Braga	do Cabeço e Braga			288		
1560	José e Nélia	do Cabeço e Braga	do Cabeço e Braga			326		
1556	José e Nélia	do Cabeço e Braga	do Cabeço e Braga			156		
1557	José e Nélia	do Cabeço e Braga	do Cabeço e Braga			178		
1562	José e Nélia	do Cabeço e Braga	do Cabeço e Braga			106		
1563	José e Nélia	do Cabeço e Braga	do Cabeço e Braga			102		
1564	José e Nélia	do Cabeço e Braga	do Cabeço e Braga			202		
1565	José e Nélia	do Cabeço e Braga	do Cabeço e Braga			151		
2077	José e Virgínia	e Costa	José da China			198		José da China e Virgínia Costa
2078	José e Virgínia	e Costa	José da China			185		José da China e Virgínia Costa
2079	José e Virgínia	e Costa	José da China			258		José da China e Virgínia Costa
1674	José Ernesto de Chaves	Resendes	Ernesto da Nova Gráfica			70		Reside em São Miguel
1675	José Ernesto de Chaves	Resendes	Ernesto da Nova Gráfica			92		Reside em São Miguel
1601	José Manuel e António	Morais e	António Cabeços			78		Emigrante
1602	José Manuel e António	Morais e	António Cabeços			76		Emigrante
1598	José Manuel e António	Morais e	António Cabeços			230		Emigrante
1599	José Manuel e António	Morais e	António Cabeços			71		Emigrante
1600	José Manuel e António	Morais e	António Cabeços			90		Emigrante
1603	José Manuel e António	Morais e	António Cabeços			111		Emigrante
1604	José Manuel e António	Morais e	António Cabeços			68		Emigrante

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1605	José Manuel e António	Morais e	António Cabeços			66		Emigrante
1606	José Manuel e António	Morais e	António Cabeços			24		Emigrante
1607	José Manuel e António	Morais e	António Cabeços			39		Emigrante
1608	José Manuel e António	Morais e	António Cabeços			64		Emigrante
1609	José Manuel e António	Morais e	António Cabeços			88		Emigrante
1610	José Manuel e António	Morais e	António Cabeços			45		Emigrante
1611	José Manuel e António	Morais e	António Cabeços			324		Emigrante
2121	José Moura	Moreira				60		
1984	José Moura	Moreira				58		
1985	José Moura	Moreira				64		
1986	José Moura	Moreira				71		
1987	José Moura	Moreira				63		
1989	José Moura	Moreira				77		
1990	José Moura	Moreira				55		
1991	José Moura	Moreira				51		
1988	José Moura	Moreira				65		
2929	José Tomas		José Tomas do Pico Penedo		1	84		Pode não ter esta forma A vegetação não permite perceber
2042	Lucília					46		
2043	Lucília					42		
2044	Lucília					43		
2045	Lucília					41		
2046	Lucília					35		
2047	Lucília					52		Duvida
1786	Luís	Chaves				227		
1782	Luís	Chaves				215		
1781	Luís	Chaves				208		
1775	Luís	Chaves				232		
1776	Luís	Chaves				199		
1774	Luís	Chaves				206		
1773	Luís	Chaves				211		
1772	Luís	Chaves				179		
1771	Luís	Chaves				229		
1770	Luís	Chaves				182		
1570	Luís	Sousa				314		
1569	Luís	Sousa				302		
1567	Luís	Sousa				323		
1568	Luís	Sousa				196		
1646	Luís	Chaves				40		
1647	Luís	Chaves				43		
1648	Luís	Chaves				41		
1649	Luís	Chaves				45		
1650	Luís	Chaves				38		
1651	Luís	Chaves				39		
1652	Luís	Chaves				34		

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1653	Luís	Chaves				33		
1654	Luís	Chaves				263		
1673	Luís	Chaves				439		
1768	Luís	Chaves				155		
1769	Luís	Chaves				162		
1777	Luís	Chaves				230		
1778	Luís	Chaves				257		
1779	Luís	Chaves				227		
1780	Luís	Chaves				168		
1785	Luís	Chaves				174		
1784	Luís	Chaves				205		
1783	Luís	Chaves				212		
1825	Luís		Luís dos Rapazes		5	117	António Moura Moreira	Emigrante | Luís dos Rapazes disse a António Moura Moreia António da Margarida que a vinha era dela | o filho do Luís não quer saber
2498	Luís		Doutor Luís		1	141		Proprietário do edifício Conversa com Letras
2499	Luís		Doutor Luís		1	122		Proprietário do edifício Conversa com Letras
2500	Luís		Doutor Luís		1	150		Proprietário do edifício Conversa com Letras
2501	Luís		Doutor Luís		1	171		Proprietário do edifício Conversa com Letras
2502	Luís		Doutor Luís		1	207		Proprietário do edifício Conversa com Letras
2503	Luís		Doutor Luís		1	183		Proprietário do edifício Conversa com Letras
2504	Luís		Doutor Luís		1	127		Proprietário do edifício Conversa com Letras
2505	Luís		Doutor Luís		1	164		Proprietário do edifício Conversa com Letras
2506	Luís		Doutor Luís		1	108		Proprietário do edifício Conversa com Letras
2507	Luís		Doutor Luís		1	224		Proprietário do edifício Conversa com Letras
1440	Manuel	Borges	Manuel Borges da Luísa			199		
1441	Manuel	Borges	Manuel Borges da Luísa			198		
1442	Manuel	Borges	Manuel Borges da Luísa			198		
1443	Manuel	Borges	Manuel Borges da Luísa			172		
1444	Manuel	Borges	Manuel Borges da Luísa			134		
1445	Manuel	Borges	Manuel Borges da Luísa			128		
1446	Manuel	Borges	Manuel Borges da Luísa			128		
1447	Manuel	Borges	Manuel Borges da Luísa			141		
1448	Manuel	Borges	Manuel Borges da Luísa			95		
1449	Manuel	Borges	Manuel Borges da Luísa			89		
1298	Manuel	Freitas				450		
1644	Manuel	Braga				792		
1866	Manuel		Manuel das Faias			69		
1867	Manuel		Manuel das Faias			44		
1868	Manuel		Manuel das Faias			40		
1869	Manuel		Manuel das Faias			110		
1870	Manuel		Manuel das Faias			106		
2117	Manuel	Chaves	Manuel Chaves de Malbusca		1	37		
2118	Manuel	Chaves	Manuel Chaves de Malbusca		1	88		
2174	Manuel	Bento			5	86		
2175	Manuel	Bento			5	77		
2176	Manuel	Bento			5	89		
2177	Manuel	Bento			5	82		
2178	Manuel	Bento			5	87		

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
2179	Manuel	Bento			5	92		
2181	Manuel	Bento			5	97		
2456	Manuel		Manuel da Poça		1	35		Já vendeu a um senhor do Continente
2457	Manuel		Manuel da Poça		1	89		Já vendeu a um senhor do Continente
2458	Manuel		Manuel da Poça		1	74		Já vendeu a um senhor do Continente
2459	Manuel		Manuel da Poça		1	69		Já vendeu a um senhor do Continente
2460	Manuel		Manuel da Poça		1	72		Já vendeu a um senhor do Continente
2461	Manuel		Manuel da Poça		1	81		Já vendeu a um senhor do Continente
2462	Manuel		Manuel da Poça		1	77		Já vendeu a um senhor do Continente
2463	Manuel		Manuel da Poça		1	65		Já vendeu a um senhor do Continente
2464	Manuel		Manuel da Poça		1	40		Já vendeu a um senhor do Continente
2465	Manuel		Manuel da Poça		1	63		Já vendeu a um senhor do Continente
2466	Manuel		Manuel da Poça		1	76		Já vendeu a um senhor do Continente
2467	Manuel		Manuel da Poça		1	75		Já vendeu a um senhor do Continente
2709	Manuel	Cunha	Manuel Cunha de Almagreira			61		
2785	Manuel	Bento				334		
2921	Manuel	Cunha	Manuel Cunha de Almagreira			384		
2923	Manuel	Borges	Manuel Borges da Burra de Santa Barbara			233		
2931	Manuel	Chaves			1	46		Herdeiros | Pode não ter esta forma A vegetação não permite perceber
2933	Manuel	Resendes	Manuel Resendes da Costa Moura			85		Pode não ter esta forma A vegetação não permite perceber
2934	Manuel	Nunes				357		
1479	Manuel dos Reis	Moreira	Manuel dos Reis Moreira de Santa Barbara			161		
1478	Manuel dos Reis	Moreira	Manuel dos Reis Moreira de Santa Barbara			157		
1480	Manuel dos Reis	Moreira	Manuel dos Reis Moreira de Santa Barbara			135		
1477	Manuel dos Reis	Moreira	Manuel dos Reis Moreira de Santa Barbara			138		
1476	Manuel dos Reis	Moreira	Manuel dos Reis Moreira de Santa Barbara			115		
1475	Manuel dos Reis	Moreira	Manuel dos Reis Moreira de Santa Barbara			102		
1474	Manuel dos Reis	Moreira	Manuel dos Reis Moreira de Santa Barbara			112		
1481	Manuel dos Reis	Moreira	Manuel dos Reis Moreira de Santa Barbara			122		
1482	Manuel dos Reis	Moreira	Manuel dos Reis Moreira de Santa Barbara			112		
1483	Manuel dos Reis	Moreira	Manuel dos Reis Moreira de Santa Barbara			100		
1484	Manuel dos Reis	Moreira	Manuel dos Reis Moreira de Santa Barbara			95		
1485	Manuel dos Reis	Moreira	Manuel dos Reis Moreira de Santa Barbara			102		

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1486	Manuel dos Reis	Moreira	Manuel dos Reis Moreira de Santa Barbara			95		
1487	Manuel dos Reis	Moreira	Manuel dos Reis Moreira de Santa Barbara			94		
1488	Manuel dos Reis	Moreira	Manuel dos Reis Moreira de Santa Barbara			102		
1576	Manuel Luís					73		
1577	Manuel Luís					88		
1578	Manuel Luís					141		
1579	Manuel Luís					129		
1580	Manuel Luís					116		
2182	Margarida	Reis			5	88		Irma de António da Margarida
2183	Margarida	Reis			5	84		Irma de António da Margarida
2184	Margarida	Reis			5	67		Irma de António da Margarida
2185	Margarida	Reis			5	58		Irma de António da Margarida
2186	Margarida	Reis			5	61		Irma de António da Margarida
2187	Margarida	Reis			5	61		Irma de António da Margarida
2188	Margarida	Reis			5	69		Irma de António da Margarida
2189	Margarida	Reis			5	68		Irma de António da Margarida
2290	Margarida	Reis				79		Irma de António da Margarida
2786	Margarida	Reis			5	181		Irma de António da Margarida
1680	Maria		Tia Maria Eralta			408		
1721	Maria	Freitas				106		
2124	Maria	Morais				82		
2127	Maria	Morais				79		
2128	Maria	Morais				80		
2130	Maria	Morais				70		
2132	Maria	Morais				75		
2134	Maria	Morais				71		
2136	Maria	Morais				79		
2137	Maria	Morais				78		
2140	Maria	Morais				87		
2268	Maria	Puim				144		
2269	Maria	Puim				116		
2270	Maria	Puim				84		
2271	Maria	Puim				78		
2273	Maria	Puim				37		
2274	Maria	Puim				80		
2275	Maria	Puim				108		
2276	Maria	Puim				81		
2272	Maria	Puim				59		
2277	Maria	Puim				74		
2278	Maria	Puim				46		
2279	Maria	Puim				57		
2280	Maria	Puim				69		
2281	Maria	Puim				39		
2781	Maria	Morais				115		
1240	Maria e Emília	Moreira				73		Irmãs | Herdeiros
1236	Maria e Emília	Moreira				38		Irmãs | Herdeiros
1237	Maria e Emília	Moreira				49		Irmãs | Herdeiros
1238	Maria e Emília	Moreira				52		Irmãs | Herdeiros

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1239	Maria e Emília	Moreira				51		Irmãs | Herdeiros
1241	Maria e Emília	Moreira				67		Irmãs | Herdeiros
1242	Maria e Emília	Moreira				51		Irmãs | Herdeiros
1243	Maria e Emília	Moreira				43		Irmãs | Herdeiros
1244	Maria e Emília	Moreira				51		Irmãs | Herdeiros
1245	Maria e Emília	Moreira				55		Irmãs | Herdeiros
1246	Maria e Emília	Moreira				48		Irmãs | Herdeiros
1247	Maria e Emília	Moreira				55		Irmãs | Herdeiros
1248	Maria e Emília	Moreira				38		Irmãs | Herdeiros
1249	Maria e Emília	Moreira				62		Irmãs | Herdeiros
1250	Maria e Emília	Moreira				53		Irmãs | Herdeiros
1251	Maria e Emília	Moreira				42		Irmãs | Herdeiros
1252	Maria e Emília	Moreira				43		Irmãs | Herdeiros
1267	Maria Jacinta	Ventura				109		Herdeiros
1268	Maria Jacinta	Ventura				123		Herdeiros
1269	Maria Jacinta	Ventura				140		Herdeiros
1270	Maria Jacinta	Ventura				134		Herdeiros
1271	Maria Jacinta	Ventura				119		Herdeiros
1300	Maria Jacinta	Ventura				83		3 ou 4 quarteis
1584	Maria Joana					199		
1585	Maria Joana					220		
1589	Maria Joana					211		
1588	Maria Joana					234		
1587	Maria Joana					224		
1586	Maria Joana					228		
1978	Maurício		Maurício de Fátima das Feteiras de São Pedro			76		
1544	Maurício	Travassos				197		
1541	Maurício	Travassos				148		
1543	Maurício	Travassos				183		
1542	Maurício	Travassos				169		
1545	Maurício	Travassos				97		
1540	Maurício	Travassos				141		
1977	Maurício		Maurício de Fátima das Feteiras de São Pedro			121		
1979	Maurício		Maurício de Fátima das Feteiras de São Pedro			74		
1980	Maurício		Maurício de Fátima das Feteiras de São Pedro			52		
2435	Miguel		Miguel Gordo			329		Miguel tem de renda o curral da antena
2436	Miguel		Miguel Gordo			303		
1497	Olímpio	Chaves				51		
1498	Olímpio	Chaves				57		
2908	Paulo João Freitas	Sousa				99		
2508	Paulo João Freitas	Sousa				77		
2509	Paulo João Freitas	Sousa				55		
2510	Paulo João Freitas	Sousa				62		
2511	Paulo João Freitas	Sousa				69		
2512	Paulo João Freitas	Sousa				77		
2513	Paulo João Freitas	Sousa				97		
2514	Paulo João Freitas	Sousa				97		

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
2425	Paulo João Freitas	Sousa				53		
2424	Paulo João Freitas	Sousa				53		
2899	Paulo João Freitas	Sousa				47		
2900	Paulo João Freitas	Sousa				59		
1645	Rita	Camara	Rita Camara do António Jorge			954		
2378	Roberto	Furtado				129		
2379	Roberto	Furtado				107		
2380	Roberto	Furtado				87		
2381	Roberto	Furtado				94		
2382	Roberto	Furtado				142		
2383	Roberto	Furtado				173		
2384	Roberto	Furtado				97		
2385	Roberto	Furtado				132		
2386	Roberto	Furtado				154		
2393	Roberto	Furtado				69		
2394	Roberto	Furtado				86		
2521	Rosélio	Reis				110		
2522	Rosélio	Reis				121		
2526	Rosélio	Reis				61		
2527	Rosélio	Reis				116		
2523	Rosélio	Reis				126		
2528	Rosélio	Reis				124		
2529	Rosélio	Reis				121		
2530	Rosélio	Reis				112		
2531	Rosélio	Reis				109		
2532	Rosélio	Reis				118		
2533	Rosélio	Reis				45		
2525	Rosélio	Reis				104		
2535	Rosélio	Reis				110		
2536	Rosélio	Reis				45		
2524	Rosélio	Reis				59		
2537	Rosélio	Reis				86		
2538	Rosélio	Reis				77		
2539	Rosélio	Reis				103		
1216	Salvador				3	150		Falecido
1235	Salvador				3	68		Falecido
1234	Salvador				3	73		Falecido
1233	Salvador				3	84		Falecido
1232	Salvador				3	94		Falecido
1231	Salvador				3	98		Falecido
1230	Salvador				3	90		Falecido
1229	Salvador				3	81		Falecido
1228	Salvador				3	76		Falecido
1227	Salvador				3	125		Falecido
1226	Salvador				3	85		Falecido
1225	Salvador				3	81		Falecido
1224	Salvador				3	80		Falecido
1223	Salvador				3	85		Falecido
1222	Salvador				3	84		Falecido
1221	Salvador				3	87		Falecido

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1220	Salvador				3	89		Falecido
1217	Salvador				3	171		Falecido
1218	Salvador				3	201		Falecido
1219	Salvador				3	116		Falecido
1356	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					62		
1357	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					74		
1358	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					79		
1359	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					107		
1360	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					145		
1361	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					140		
1362	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					90		
1363	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					92		
1364	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					90		
1365	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					108		
1366	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					112		
1367	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					141		
1368	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					150		
1369	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					136		
1370	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					86		

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1371	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					84		
1372	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					108		
1373	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					100		
1374	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					99		
1375	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					100		
1376	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					97		
1377	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					94		
1378	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					125		
1379	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					144		
1380	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					137		
1381	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					120		
1382	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					145		
1383	Santa Casa da Misericórdia da Vila do Porto					530		
1619	Silvino	Puim				73		
1618	Silvino	Puim				76		
1612	Silvino	Puim				784		
1613	Silvino	Puim				1078		
1614	Silvino	Puim				134		
1615	Silvino	Puim				116		
1616	Silvino	Puim				88		
1617	Silvino	Puim				83		
1620	Silvino	Puim				79		
1621	Silvino	Puim				152		
1622	Silvino	Puim				93		
1623	Silvino	Puim				92		

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1624	Silvino	Puim				788		
2112	Silvino	Puim				2016		
2119	Vitorino Moura	Puim			1	57		
2120	Vitorino Moura	Puim			1	88		
2755	Zelia	Puim				294		
2756	Zelia	Puim				158		
2773	Zelia	Puim				135		
2772	Zelia	Puim				102		
2770	Zelia	Puim				94		
2788					1	279		Emigrante | Família de Santo Espírito
1086		Leandro			1	283		Duarte Leandro
2750						82		
2579			Manelins Coelho da Graça da Almagreira			108		Emigrante
2578			Manelins Coelho da Graça da Almagreira			110		Emigrante
2580			Manelins Coelho da Graça da Almagreira			112		Emigrante
2581			Manelins Coelho da Graça da Almagreira			127		Emigrante
2582			Manelins Coelho da Graça da Almagreira			130		Emigrante
2583			Manelins Coelho da Graça da Almagreira			111		Emigrante
2108						64		Desconhecido
1211		Travassos		Maurício		61		
1320		Puim	Puim de Santo Espírito			83		
1323		Puim	Puim de Santo Espírito			81		
1322		Puim	Puim de Santo Espírito			85		
1321		Puim	Puim de Santo Espírito			91		
1347						289		Desconhecido
1327		Puim	Puim de Santo Espírito			95		
1343						209		Sogro de José Dinis do Forno (Filho de João Agostinho)
1342						199		Sogro de José Dinis do Forno (Filho de João Agostinho)
1345						209		Sogro de José Dinis do Forno (Filho de João Agostinho)
1344						125		Sogro de José Dinis do Forno (Filho de João Agostinho)
1346						253		Sogro de José Dinis do Forno (Filho de João Agostinho)
1348						291		Desconhecido
1896						91		Senhor da ilha do Pico | Antes pertencia a José de Andrade Moreira da ilha do Pico
1895						90		Senhor da ilha do Pico | Antes pertencia a José de Andrade Moreira da ilha do Pico
1894						93		Senhor da ilha do Pico | Antes pertencia a José de Andrade Moreira da ilha do Pico
1893						90		Senhor da ilha do Pico | Antes pertencia a José de Andrade Moreira da ilha do Pico
1892						84		Senhor da ilha do Pico | Antes pertencia a José de Andrade Moreira da ilha do Pico
1891						80		Senhor da ilha do Pico | Antes pertencia a José de Andrade Moreira da ilha do Pico
1904						84		Família Costa | António Costa Inês Costa e outros

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1905						79		Família Costa | António Costa Inês Costa e outros
1906						84		Família Costa | António Costa Inês Costa e outros
1907						84		Família Costa | António Costa Inês Costa e outros
1908						82		Família Costa | António Costa Inês Costa e outros
1938			Pereira Gordinho			44		Emigrante | Duvida
1937			Pereira Gordinho			42		Emigrante
1936			Pereira Gordinho			37		Emigrante
1935			Pereira Gordinho			42		Emigrante
1934			Pereira Gordinho			49		Emigrante
1933			Pereira Gordinho			48		Emigrante
1830			Os Melos			115		Os Melos da Loja Os Melos
1831			Os Melos			109		Os Melos da Loja Os Melos
1832			Os Melos			109		Os Melos da Loja Os Melos
1834			Os Melos			119		Os Melos da Loja Os Melos
1835			Os Melos			120		Os Melos da Loja Os Melos
1836			Os Melos			144		Os Melos da Loja Os Melos
1837			Os Melos			160		Os Melos da Loja Os Melos
1838			Os Melos			164		Os Melos da Loja Os Melos
1839			Os Melos			147		Os Melos da Loja Os Melos
1840			Os Melos			141		Os Melos da Loja Os Melos
1841			Os Melos			133		Os Melos da Loja Os Melos
1842			Os Melos			112		Os Melos da Loja Os Melos
1969			João Coelhinho			121		
1714			Catarinas			72		
1701			Catarinas			71		
1681			Os Melos			64		Os Melos da Loja Os Melos
1683			Os Melos			79		Os Melos da Loja Os Melos
1691			Os Melos			59		Os Melos da Loja Os Melos | Era a casa da Tia Gloria da Ladeira
1087		Leandres			1	526		Duarte Leandro
1206						41		Casa da Adega
1205						42		Casa da Adega
1207						35		Casa da Adega
1212		Travassos		Maurício		51		
1213		Travassos		Maurício		61		
1204						52		Casa da Adega
1203						50		Casa da Adega
1089		Leandres			1	315		Duarte Leandres
1090		Leandres			1	390		Duarte Leandres
1091		Leandres			1	400		Duarte Leandres
1085		Leandres			1	195		Duarte Leandres
1155						93		Família de Manelins Coelho
1156						70		Família de Manelins Coelho
1157						60		Família de Manelins Coelho
1150						44		Família de Santo Espírito
1151						33		Família de Santo Espírito
1152						42		Família de Santo Espírito
1153						30		Família de Santo Espírito
1154						36		Família de Santo Espírito
1388			da Farmácia			121		Mãe do José Henrique da Farmácia
1389			da Farmácia			99		Mãe do José Henrique da Farmácia
1390			da Farmácia			71		Mãe do José Henrique da Farmácia

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1391			da Farmácia			70		Mãe do José Henrique da Farmácia
1392			da Farmácia			71		Mãe do José Henrique da Farmácia
1387			da Farmácia			106		Mãe do José Henrique da Farmácia
1495			Albino			65		
1493			Albino			69		
1509						171		Família Semião e Doutor Geraldo
1508						167		Família Semião e Doutor Geraldo
1507						183		Família Semião e Doutor Geraldo
1524			Os Silvas			83		
1526			Os Silvas			124		
1525			Os Silvas			78		
1533						100		Filha do Doutor Jorge
1532						102		Filha do Doutor Jorge
1530						168		Filha do Doutor Jorge | Duvida
1546			Doutor Luís			58		
1547			Doutor Luís			113		
1550			Doutor Luís			141		
1549			Doutor Luís			168		
1551			Doutor Luís			107		
1432						144		Irma de Jasmim Figueiredo
1431						141		Irma de Jasmim Figueiredo
2093			Terras Velha			227		
2094			Terras Velha			202		
2095			Terras Velha			176		
2096			Terras Velha			77		
1492			Albino			56		
1715			Catarinas			91		
1700			Catarinas			91		
1716			Catarinas			86		
1699			Catarinas			84		
1688			Os Melos			84		Os Melos da Loja Os Melos | Era a casa da Tia Gloria da Ladeira
1061		Leandres			1	216		Duarte Leandres
1062		Leandres			1	282		Duarte Leandres
1063		Leandres			1	254		Duarte Leandres
1064		Leandres			1	283		Duarte Leandres
1065		Leandres			1	290		Duarte Leandres
1066		Leandres			1	414		Duarte Leandres
1067		Leandres			1	242		Duarte Leandres
1068		Leandres			1	282		Duarte Leandres
1069		Leandres			1	197		Duarte Leandres
1070		Leandres			1	218		Duarte Leandres
1071		Leandres			1	135		Duarte Leandres
1072		Leandres			1	194		Duarte Leandres
1073		Leandres			1	155		Duarte Leandres
1074		Leandres			1	237		Duarte Leandres
1075		Leandres			1	144		Duarte Leandres
1076		Leandres			1	201		Duarte Leandres
1077		Leandres			1	227		Duarte Leandres
1078		Leandres			1	201		Duarte Leandres
1079		Leandres			1	225		Duarte Leandres
1080		Leandres			1	221		Duarte Leandres

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1081		Leandres			1	174		Duarte Leandres
1082		Leandres			1	190		Duarte Leandres
1083		Leandres			1	258		Duarte Leandres
1084		Leandres			1	218		Duarte Leandres
1149						29		Família de Santo Espírito
1158						76		Família de Manelins Coelho
1159						65		Família de Manelins Coelho
1160						69		Família de Manelins Coelho
1161						100		
1162						71		Família de Manelins Coelho
1163						90		Família de Manelins Coelho
1164						75		Família de Manelins Coelho
1165						79		Família de Manelins Coelho
1166						55		Família de Manelins Coelho
1167						54		Família de Manelins Coelho
1168						74		Família de Manelins Coelho
1198						54		Casa da Adega
1199						65		Casa da Adega
1200						59		Casa da Adega
1201						55		Casa da Adega
1202						52		Casa da Adega
1208						30		Casa da Adega
1209						382		Casa da Adega
1210		Travassos		Maurício		480		
2107						70		Desconhecido
2106						74		Desconhecido
1301						180		Duvida
1302			Tanchoeira da Rosa de Ouro		1	2460		
1303						115		Família de António | Emigrante
1316		Puim	Puim de Santo Espírito			95		
1317		Puim	Puim de Santo Espírito			119		
1318		Puim	Puim de Santo Espírito			119		
1319		Puim	Puim de Santo Espírito			83		
1324		Puim	Puim de Santo Espírito			87		
1328		Puim	Puim de Santo Espírito			122		
1329		Puim	Puim de Santo Espírito			108		
1341						208		Sogro de José Dinis do Forno (Filho de João Agostinho)
1349						84		Emigrante | São de Santo Espírito
1350						126		Emigrante | São de Santo Espírito
1351						101		Emigrante | São de Santo Espírito
1352						104		Emigrante | São de Santo Espírito
1353						143		Emigrante | São de Santo Espírito
1354		Ventura	Ventura de Malbusca			3709		
1355						448		Talvez do Henrique da Farmácia (filho da senhora da farmácia)
1384			da Farmácia			112		Mãe do José Henrique da Farmácia
1385			da Farmácia			89		Mãe do José Henrique da Farmácia
1386			da Farmácia			129		Mãe do José Henrique da Farmácia
1393			da Farmácia			102		Mãe do José Henrique da Farmácia
1394			da Farmácia			101		Mãe do José Henrique da Farmácia
1395			da Farmácia			77		Mãe do José Henrique da Farmácia
1396			da Farmácia			57		Mãe do José Henrique da Farmácia

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1397			da Farmácia			43		Mãe do José Henrique da Farmácia
1398			da Farmácia			36		Mãe do José Henrique da Farmácia
1399			da Farmácia			410		Mãe do José Henrique da Farmácia
1418			Adamastor			55		
1419			Adamastor			74		
1420			Adamastor			67		
1421			Adamastor			92		Duvida
1430						441		Irma de Jasmim Figueiredo
1433						163		Irma de Jaimim Figueiredo
1438					1	3519		Sobrinho de Marim Baptista
1439		Freitas	Freitas			53		
1489			Albino			60		
1490			Albino			55		
1491			Albino			52		
1494			Albino			182		
1506		Semião	Família Semião de Santana			1341		
1510						743		Família Semião e Doutor Geraldo
1511						174		Família Semião e Doutor Geraldo
1512						141		Família Semião e Doutor Geraldo
1513						136		Família Semião e Doutor Geraldo
1527			Os Silvas			93		
1528			Os Silvas			97		
1529			Os Silvas			95		
1531						208		Filha do Doutor Jorge | Duvida
1548			Doutor Luís			161		
1552			Doutor Luís			127		
1553			Doutor Luís			121		
1555			Doutor Luís			109		
1554			Doutor Luís			77		
1571						127		Família Jacinto
1572						96		Família Jacinto
1573						140		Família Jacinto
1574						142		Família Jacinto
1575						139		Família Jacinto
1631			Arturinhos			1010		
1665					1	59		Desconhecido
1666					1	73		Desconhecido
1682			Os Melos			581		Os Melos da Loja Os Melos
1684			Os Melos			111		Os Melos da Loja Os Melos
1685			Os Melos			159		Os Melos da Loja Os Melos
1686			Os Melos			322		Os Melos da Loja Os Melos | Era a casa da Tia Gloria da Ladeira
1687			Os Melos			83		Os Melos da Loja Os Melos | Era a casa da Tia Gloria da Ladeira
1689			Os Melos			83		Os Melos da Loja Os Melos | Era a casa da Tia Gloria da Ladeira
1690			Os Melos			102		Os Melos da Loja Os Melos | Era a casa da Tia Gloria da Ladeira
1692			Os Melos			43		Os Melos da Loja Os Melos | Era a casa da Tia Gloria da Ladeira
1693			Os Melos			393		Os Melos da Loja Os Melos | Era a casa da Tia Gloria da Ladeira
1695			Travassos			878		
1696			Catarinas			93		
1697			Catarinas			73		
1698			Catarinas			74		
1702			Catarinas			81		

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1703			Catarinas			75		
1705			Catarinas			61		
1706			Catarinas			71		
1707			Catarinas			58		
1708			Catarinas			58		
1709			Catarinas			70		
1710			Catarinas			75		
1712			Catarinas			75		
1713			Catarinas			78		
1717			Catarinas			69		
1718			Catarinas			87		
1719			Catarinas			88		
1704			Catarinas			59		
1711			Catarinas			59		
1723						196		Silvino e outros
1724						216		Silvino e outros
1725						114		Silvino e outros
1726						139		Silvino e outros
1727						149		Silvino e outros
1728						136		Silvino e outros
1729						125		Silvino e outros
1730						127		Silvino e outros
1731						125		Silvino e outros
1732						138		Silvino e outros
1733						78		Silvino e outros
1734						92		Silvino e outros
1735						72		Silvino e outros
1736						84		Silvino e outros
1737						104		Silvino e outros
1738						55		Silvino e outros
1739						65		Silvino e outros
1740						63		Silvino e outros
1741						73		Silvino e outros
1742						83		Silvino e outros
1743						88		Silvino e outros
1744						69		Silvino e outros
1745						75		Silvino e outros
1746			Andrades			895		Tio Bernardino Andrade
1787						48		Família da Almagreira
1788						46		Família da Almagreira
1789						42		Família da Almagreira
1790						39		Família da Almagreira
1791						150		Desconhecido
1792						178		Desconhecido
1793						191		Desconhecido
1794						122		Desconhecido
1795						84		Desconhecido
1796						108		Desconhecido
1797						132		Desconhecido
1799						84		Desconhecido
1800						89		Desconhecido

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1801						151		Desconhecido
1802						158		Desconhecido
1803						176		Desconhecido
1804						127		Desconhecido
1805						88		Desconhecido
1828			Os Melos			156		Os Melos da Loja Os Melos
1833			Os Melos			96		Os Melos da Loja Os Melos
1834			Os Melos			112		Os Melos da Loja Os Melos
1829			Os Melos			116		Os Melos da Loja Os Melos
1843			Os Melos			105		Os Melos da Loja Os Melos
1844			Os Melos			103		Os Melos da Loja Os Melos
1845			Os Melos			96		Os Melos da Loja Os Melos
1846			Os Melos			87		Os Melos da Loja Os Melos
1847			Os Melos			86		Os Melos da Loja Os Melos
1848			Os Melos			80		Os Melos da Loja Os Melos
1849			Os Melos			96		Os Melos da Loja Os Melos
1886						124		Senhor da ilha do Pico | Antes pertencia a José de Andrade Moreira da ilha do Pico
1887						127		Senhor da ilha do Pico | Antes pertencia a José de Andrade Moreira da ilha do Pico
1888						114		Senhor da ilha do Pico | Antes pertencia a José de Andrade Moreira da ilha do Pico
1889						121		Senhor da ilha do Pico | Antes pertencia a José de Andrade Moreira da ilha do Pico
1890						89		Senhor da ilha do Pico | Antes pertencia a José de Andrade Moreira da ilha do Pico
1897						104		Senhor da ilha do Pico | Antes pertencia a José de Andrade Moreira da ilha do Pico
1898						94		Senhor da ilha do Pico | Antes pertencia a José de Andrade Moreira da ilha do Pico
1909						63		Família Costa | António Costa Inês Costa e outros
1910						134		Família Costa | António Costa Inês Costa e outros
1911						121		Família Costa | António Costa Inês Costa e outros
1926		Moreira e Melo				103		Moreira e Melo
1927		Moreira e Melo				35		Moreira e Melo
1928		Moreira e Melo				38		Moreira e Melo
1932			Pereira Gordinho			68		Emigrante | Duvida
1965						260		Desconhecido
1967					1	699		Dois são do Furtadinho que vive em São Miguel os outros são desconhecidos
1968			Luís dos Rapazes		5	113	António Moura Moreira	Emigrante | Luís dos Rapazes disse a António Moura Moreia António da Margarida que a vinha era dele | o filho do Luís não tem interesse
1970			João Coelhinho			102		
1971						116		Família do João Coelhinho
1972						95		Família do João Coelhinho
1973						110		Família do João Coelhinho
1974						109		Família do João Coelhinho

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
1975						111		Família do João Coelhinho
1806						85		Desconhecido
1992						107		Desconhecido
1997			Velha da Acha			73		
1999			Velha da Acha			105		
1998			Velha da Acha			150		
2000			Pedros			109		
2001			Pedros			94		
2003						217		Talvez Vítor Cordeiro
2004						154		Pertence a casa com barras amarelas laranja
2005						157		Pertence a casa com barras amarelas laranja
2006						109		Pertence a casa com barras amarelas laranja
2005						904		Pertence a casa com barras amarelas laranja
2057						62		Duvida
2058						51		Duvida
2059						52		Duvida
2060						49		Duvida
2061						50		Duvida
2062						38		Duvida
2063						44		Duvida
2064						56		Duvida
2065						70		Duvida
2076			Pedros			178		
2083						31		Duvida
2084						42		Duvida
2085						27		Duvida
2086						29		Duvida
2087						26		Duvida
2088						29		Duvida
2089						1760		Vários proprietários | José do Guindaste e Manuel Cabeço e Eng Moreira e António Barrete e Professor e outro
2100						238		lado esquerdo da casa do Maurício | quatro currais
2109						694		Desconhecido
2111					1	676		Irma da Belmira | Cunhada do Daniel Soares
1815						32969		Há rumores que pertence a CMVP, antes pertencia ao Doutor Jacinto Albergaria
2775		Carvalho				121		
2141		Carvalho				114		
2142		Carvalho				130		
2143		Carvalho				77		
2144		Carvalho				62		
2145		Carvalho				129		
2146		Carvalho				110		
2147		Carvalho				114		
2148		Carvalho				116		
2149		Carvalho				136		
2150		Carvalho				142		
2151		Carvalho				100		
2152		Carvalho				71		
2153		Carvalho				156		
2154					1	87		Bragas da Almagreira

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
2155					1	92		Bragas da Almagreira
2156					1	76		Bragas da Almagreira
2157					1	64		Bragas da Almagreira
2158					1	68		Bragas da Almagreira
2159					1	86		Bragas da Almagreira
2160					1	83		Bragas da Almagreira
2161					1	76		Bragas da Almagreira
2162					1	58		Bragas da Almagreira
2163					1	68		Bragas da Almagreira
2164					1	68		Bragas da Almagreira
2165					1	65		Bragas da Almagreira
2166					1	66		Bragas da Almagreira
2167		Furtado			5	85		
2168		Furtado			5	84		
2169		Furtado			5	85		
2170		Furtado			5	72		
2171		Furtado			5	89		
2172		Furtado			5	83		
2173		Furtado			5	101		
2180		Furtado			5	92		
2230					1	55		Família da Almagreira
2231					1	37		Família da Almagreira
2232					1	45		Família de Santo Espírito
2233					1	27		Família de Santo Espírito
2234					1	35		Família de Santo Espírito
2235					1	35		Família de Santo Espírito
2236					1	33		Família de Santo Espírito
2237					1	43		Família de Santo Espírito
2238						40		Família do Arrebentão Santa Barbara
2239						25		Família do Arrebentão Santa Barbara
2240						33		Desconhecido
2241						39		Desconhecido
2242						33		Desconhecido
2243						33		Desconhecido
2244						36		Desconhecido
2245						31		Desconhecido
2246						34		Desconhecido
2247						43		Desconhecido
2248						57		Desconhecido
2906						34		Desconhecido
2262			Jaimim da Carreira			240		
2263			Jaimim da Carreira			118		
2264			Jaimim da Carreira			122		
2265			Jaimim da Carreira			112		
2266			Jaimim da Carreira			135		
2267			Jaimim da Carreira			126		
2284		Carvalho				120		
2285		Carvalho				110		
2286		Carvalho				200		
2287					1	89		Bragas da Almagreira
2288					1	90		Bragas da Almagreira

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
2289						156		
2292					1	65		Família da Almagreira
2293					1	43		Família de Santo Espírito
2294						34		Família do Arrebentão Santa Barbara
2295						47		Desconhecido
2297			Loura			54		
2298			Loura			44		
2299			Loura			34		
2300			Loura			37		
2301			Loura			32		
2302			Loura			44		
2303			Loura			39		
2304			Loura			53		
2305			Loura			55		
2306			Loura			50		
2307			Loura			53		
2308			Loura			45		
2309			Loura			41		
2310			Loura			40		
2311			Loura			41		
2312						46		Irmão de António Maria de Santo Espírito
2313						52		Irmão de António Maria de Santo Espírito
2314						47		Irmão de António Maria de Santo Espírito
2315						43		Irmão de António Maria de Santo Espírito
2316						37		Irmão de António Maria de Santo Espírito
2317						54		Irmão de António Maria de Santo Espírito
2318						57		Irmão de António Maria de Santo Espírito
2319						28		Irmão de António Maria de Santo Espírito
2320						37		Irmão de António Maria de Santo Espírito
2321						47		Irmão de António Maria de Santo Espírito
2322						53		Irmão de António Maria de Santo Espírito
2323						40		Irmão de António Maria de Santo Espírito
2327						59		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto | Esta escrito no muroAP
2328						50		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto | Esta escrito no muroAP
2329						56		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto | Esta escrito no muroAP
2330						58		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto | Esta escrito no muroAP
2331						59		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto | Esta escrito no muroAP
2332						56		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto | Esta escrito no muroAP

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
2333						46		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto | Esta escrito no muroAP
2334						29		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto | Esta escrito no muroAP
2335						59		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto | Esta escrito no muroAP
2336						64		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto
2337						73		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto
2338						88		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto
2339						106		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto
2340						84		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto
2341						102		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto
2342						50		
2343						36		
2350						30		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto
2351						41		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto
2352						42		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto
2353						47		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto
2354						65		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto
2355						78		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto
2356						72		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto
2357						108		Esta courela esta dividida por vários proprietários entre Família Fontes e João Andrade e Bernardino Jacinto
2368						33		Desconhecido
2369						63		Desconhecido
2370						72		Desconhecido
2371						59		Desconhecido
2372						49		Desconhecido
2373						49		Desconhecido
2374						43		Desconhecido
2375						42		Desconhecido
2376						48		Desconhecido
2387			Manatos da Costa Mora			42		
2388			Manatos da Costa Mora			49		
2389			Manatos da Costa Mora			60		

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
2390			Manatos da Costa Mora			73		
2391			Manatos da Costa Mora			90		
2392			Manatos da Costa Mora			77		
2416			Bolinos de Santo António			75		
2417			Leandres			55		
2418			Bolinos de Santo António			87		
2419			Bolinos de Santo António			71		
2420			Bolinos de Santo António			75		
2421			Bolinos de Santo António			48		
2422			Bolinos de Santo António			41		
2423			Bolinos de Santo António			43		
2426			Leandres			79		
2427			Leandres			76		
2428			Leandres			49		
2429			Leandres			52		
2430			Leandres			52		
2441			Leandres			114		
2442			Leandres			51		
2443			Leandres			69		
2444			Leandres			45		
2445			Leandres			67		
2446			Leandres			85		
2447			Leandres			54		
2778			Leandres			63		
2777			Leandres			58		
2250			Leandres			62		
2251			Leandres			68		
2452					1	31		Desconhecido | Santo Espírito
2453					1	30		Desconhecido | Santo Espírito
2454					1	43		Desconhecido | Santo Espírito
2455					1	37		Desconhecido | Santo Espírito
2515			Leandres			103		
2516			Gatos das Covas da Gatos das Covas daGraça			70		
2517			Gatos das Covas da Graça			75		
2518			Gatos das Covas da Graça			74		
2519			Gatos das Covas da Graça			80		
2520			Gatos das Covas da Graça			70		
2540			Louras da Azenha			188		Louras da Azenha
2542						156		
2546			Leandres			123		
2547			Leandres			167		
2548		Furtado			1	96		
2549		Furtado			1	60		
2550		Furtado			1	67		
2551						28		
2552						53		
2553						50		
2554					5	84		Bragas da Almagreira
2555					5	51		Bragas da Almagreira

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
2556					5	46		Bragas da Almagreira
2557					5	36		Bragas da Almagreira
2558		Sousa				101		Cunhada de António Fontes
2559		Sousa				129		Cunhada de António Fontes
2560		Sousa				276		Cunhada de António Fontes
2561		Sousa				272		Cunhada de António Fontes
2562		Sousa				70		Cunhado de António Fontes
2563		Sousa				98		Cunhado de António Fontes
2564		Sousa				175		Cunhado de António Fontes
2565		Sousa				146		Cunhado de António Fontes
2566		Sousa				203		Cunhado de António Fontes
2567		Sousa				156		Cunhado de António Fontes
2568		Sousa				221		Cunhado de António Fontes
2569		Sousa				198		Cunhado de António Fontes
2570		Sousa				290		Cunhado de António Fontes
2571		Sousa				177		Cunhado de António Fontes
2572		Sousa				157		Cunhado de António Fontes
2573						192		
2574						195		
2575						241		
2576						202		
2577						261		
2584			Manelins Coelho da Graça da Almagreira			116		Emigrante
2585			Manelins Coelho da Graça da Almagreira			148		Emigrante
2586			Manelins Coelho da Graça da Almagreira			153		Emigrante
2587			Manelins Coelho da Graça da Almagreira			106		Emigrante
2588			Manelins Coelho da Graça da Almagreira			95		Emigrante
2589			Manelins Coelho da Graça da Almagreira			63		Emigrante
2912			Manelins Coelho da Graça da Almagreira			87		Emigrante
2590			Manelins Coelho da Graça da Almagreira			87		Emigrante
2663		Baptista	Baptista dos Mariquinhas			43		
2664		Baptista	Baptista dos Mariquinhas			65		
2665		Baptista	Baptista dos Mariquinhas			96		
2666		Baptista	Baptista dos Mariquinhas			77		
2667		Baptista	Baptista dos Mariquinhas			76		
2668		Baptista	Baptista dos Mariquinhas			72		
2669		Baptista	Baptista dos Mariquinhas			67		
2670		Baptista	Baptista dos Mariquinhas			63		
2676						88		
2677						75		
2678						78		
2679						77		
2680			Bolinas de Santo António			61		

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
2681			Bolinas de Santo António			61		
2682			Bolinas de Santo António			66		
2683						71		Vários proprietários entre António Morais Cubano e Vitorino e José Andrade do Pico e Manuel Fontes e Antoninho Soares
2684						71		Vários proprietários entre António Morais Cubano e Vitorino e José Andrade do Pico e Manuel Fontes e Antoninho Soares
2917						36		Vários proprietários entre António Morais Cubano e Vitorino e José Andrade do Pico e Manuel Fontes e Antoninho Soares
2685						55		Vários proprietários entre António Morais Cubano e Vitorino e José Andrade do Pico e Manuel Fontes e Antoninho Soares
2686						50		Vários proprietários entre António Morais Cubano e Vitorino e José Andrade do Pico e Manuel Fontes e Antoninho Soares
2687						48		Vários proprietários entre António Morais Cubano e Vitorino e José Andrade do Pico e Manuel Fontes e Antoninho Soares
2688						55		Vários proprietários entre António Morais Cubano e Vitorino e José Andrade do Pico e Manuel Fontes e Antoninho Soares
2689						51		Vários proprietários entre António Morais Cubano e Vitorino e José Andrade do Pico e Manuel Fontes e Antoninho Soares
2690						49		Vários proprietários entre António Morais Cubano e Vitorino e José Andrade do Pico e Manuel Fontes e Antoninho Soares
2710			José Cunha de Almagreira			103		Herdeiros
2779		Sousa				1235		Cunhado de António Fontes
2782		Carvalho				318		
2783		Carvalho				211		
2784		Carvalho				279		
2785					1	263		Bragas da Almagreira
2787					1	604		Família da Almagreira
2789					1	346		Família de Santo Espírito
2790						220		Desconhecido
2791						326		Desconhecido
2792						35		Desconhecido
2793						44		Desconhecido
2794		Alves				48		Estrangeiro | Casa Trevi
2795		Alves				53		Estrangeiro | Casa Trevi
2796		Alves				58		Estrangeiro | Casa Trevi
2797		Alves				43		Estrangeiro | Casa Trevi
2803		Baptista	Baptista			978		Proprietário da Ermida do Desterro | Esta a venda
2805			Gatos das Covas da Graça			95		
2896			Alemão			300		Estrangeiro alemão | Currais convertidos em relvado
2897			Gatos das Covas da Graça			340		
2901		Sousa			5	171		Cunhada de António Fontes
2902		Sousa			5	208		Cunhado de António Fontes
2903		Sousa			5	232		Cunhada de António Fontes
2904		Sousa			5	200		Cunhada de António Fontes
2905		Sousa			5	195		Cunhada de António Fontes
2907						169		Irmão de António Maria de Santo Espírito
2910			Alemão			152		Estrangeiro alemão | Currais convertidos em relvado
2911			Jaimim da Carreira			694		
2918						1160		Tio de João Mestre Vitorino ou Vitorino da Farmácia | Vendido a um Sousa emigrante na América

Id	Nome	Apelido	Alcunha	Exploração	Manutenção	Area	Responsável Manutenção	Notas
2919			João Mestre Vitorino ou Vitorino da Farmácia		1	672		Herdeira Filha | Emigrante
2920			Jaimim da Carreira		1	656		
2924		Baptista	Baptista			332		Proprietário da Ermida do Desterro | Esta a venda
2930		Moreira	Tio Moreira da Boavista		1	76		Pode não ter esta forma A vegetação não permite perceber
2932			Viúva de Mário Mariano do Aeroporto	Maurício Tavares	2	75		Viúva de Mário Mariano do Aeroporto

X.b. - Operações culturais

Durante o estágio também houve a oportunidade de experienciar e participar em ações práticas da manutenção da cultura da vinha, nomeadamente, as seguintes operações culturais:

- Enxertia
- Poda
- Monda
- Identificação de doenças e pragas (Acompanhado pelo Eng. André Palma)



Figura 75 - Preparação dos enxertos pelo senhor Lino dos SDAP (Fonte: Autor, fevereiro 2022)



Figura 76 - Enxertia pelo senhor Lino dos SDAIP (Fonte: Autor, fevereiro 2022)

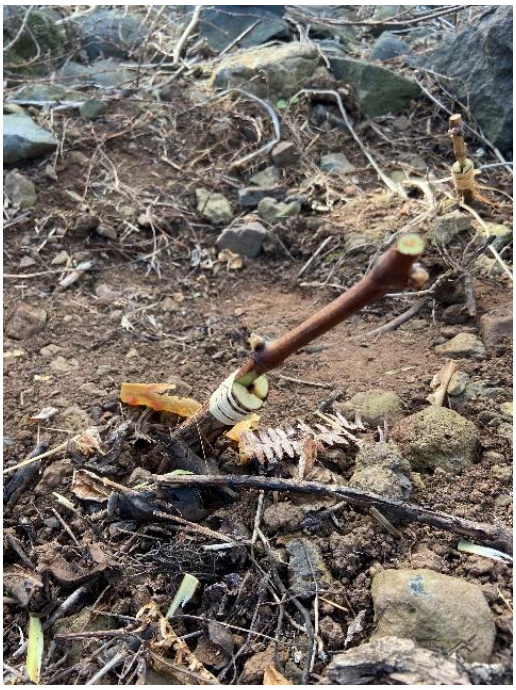


Figura 77 - Videira já enxertada, antes da pintura com massa de enxertia (Fonte: Autor, fevereiro 2022)



Figura 78 - Erinose vista da página inferior de uma folha de videira (Fonte: Autor, maio 2022)



Figura 79 - Erinose vista da página superior de uma folha de videira (Fonte: Autor, maio 2022)



Figura 80 - Míldio (Fonte: Autor, junho 2022)